

MARIA DA GRAÇA DIAS LUÍSA VIEGAS

**PERTURBAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL EM
CRIANÇAS EM RISCO: REPRESENTAÇÕES E EXPETATIVAS DE UMA
EQUIPA MULTIDISCIPLINAR**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Escola Superior de Educação e Comunicação

2017

ÍNDICE de APÊNDICES

<i>Apêndice 1. Consentimento Informado</i>	<i>1</i>
<i>Apêndice 2. Guião de Entrevista</i>	<i>2</i>
<i>Apêndice 3. Protocolo da Entrevista à Terapeuta da Fala.....</i>	<i>6</i>
<i>Apêndice 4. Primeiro Tratamento da Entrevista à Terapeuta da Fala.....</i>	<i>24</i>
<i>Apêndice 5. Pré - Categorização da Entrevista à Terapeuta da Fala</i>	<i>30</i>
<i>Apêndice 6. Grelha de Categorização da Informação – Entrevista à Terapeuta da Fala</i>	<i>37</i>
<i>Apêndice 7. Categorização das entrevistas – Quadro comparativo</i>	<i>45</i>
<i>Apêndice 8. Protocolo da Entrevista à Educadora de Infância.....</i>	<i>59</i>
<i>Apêndice 9. Primeiro Tratamento da Entrevista à Educadora de Infância.....</i>	<i>68</i>
<i>Apêndice 10. Pré-Categorização da Entrevista à Educadora de Infância</i>	<i>71</i>
<i>Apêndice 11. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Educadora de Infância.....</i>	<i>76</i>
<i>Apêndice 12. Protocolo da Entrevista à Terapeuta Ocupacional.....</i>	<i>82</i>
<i>Apêndice 13. Primeiro Tratamento da Entrevista à Terapeuta Ocupacional.....</i>	<i>91</i>
<i>Apêndice 14. Pré-Categorização da Entrevista à Terapeuta Ocupacional</i>	<i>96</i>
<i>Apêndice 15. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Terapeuta Ocupacional</i>	<i>103</i>
<i>Apêndice 16. Protocolo da Entrevista à Professora de Educação Especial.....</i>	<i>111</i>
<i>Apêndice 17. Primeiro Tratamento da Entrevista à Professora de Educação Especial</i>	<i>121</i>
<i>Apêndice 18. Pré-Categorização da Entrevista à Professora de Educação Especial</i>	<i>124</i>
<i>Apêndice 19. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Professora de Educação Especial</i>	<i>128</i>

<i>Apêndice 20. Protocolo da Entrevista à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>	<i>133</i>
<i>Apêndice 21. Primeiro Tratamento da Entrevista à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>	<i>139</i>
<i>Apêndice 22. Pré-Categorização da Entrevista à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>	<i>142</i>
<i>Apêndice 23. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico</i>	<i>146</i>
<i>Apêndice 24. Protocolo da Entrevista à Psicóloga.....</i>	<i>151</i>
<i>Apêndice 25. Primeiro Tratamento da Entrevista à Psicóloga.....</i>	<i>158</i>
<i>Apêndice 26. Pré-Categorização da Entrevista à Psicóloga</i>	<i>161</i>
<i>Apêndice 27. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Psicóloga ...</i>	<i>165</i>
<i>Apêndice 28. Protocolo da Entrevista à Fisioterapeuta</i>	<i>169</i>
<i>Apêndice 29. Primeiro Tratamento da Entrevista à Fisioterapeuta</i>	<i>174</i>
<i>Apêndice 30. Pré-Categorização da Entrevista à Fisioterapeuta.....</i>	<i>176</i>
<i>Apêndice 31. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Fisioterapeuta..</i>	<i>179</i>

Apêndice 1. Consentimento Informado

O meu nome é Maria da Graça Dias Luísa Viegas, sou Educadora de Infância e encontro-me a frequentar o Mestrado de Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve.

No âmbito da disciplina de Dissertação de Mestrado, estou a realizar uma investigação centrada nas representações e expectativas de uma equipa multidisciplinar, no que respeita às perturbações do desenvolvimento da linguagem oral de crianças em risco.

Neste sentido, perspetivo conhecer as representações e expectativas da referida equipa quanto às perturbações do desenvolvimento da linguagem oral nas crianças em risco.

Desta forma, venho solicitar a sua colaboração na realização desta entrevista bem como a sua autorização para a transcrição da mesma. A sua participação será anónima e confidencial. Pode recusar-se a colaborar nesta investigação, ou retirar o seu consentimento a qualquer momento, sem que isso lhe traga quaisquer consequências negativas. Os dados recolhidos não serão utilizados para outros fins além da investigação em causa, exceto com a sua autorização por escrito.

Assinatura:

Data: ___/___/_____

Apêndice 2. Guião de Entrevista

Tema: Perturbações do desenvolvimento da linguagem oral em crianças em risco: representações e expectativas de uma equipa multidisciplinar.

Entrevistadas: Membros da equipa multidisciplinar de uma instituição de acolhimento temporário no Algarve, (uma Educadora de Infância, uma Terapeuta da Fala, uma Terapeuta Ocupacional, uma Fisioterapeuta, uma Psicóloga, uma Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico e uma Professora de Educação Especial).

Objetivo geral: Conhecer as conceções dos diversos profissionais da equipa multidisciplinar, no que respeita ao desenvolvimento da linguagem oral em crianças em risco, para a promoção do seu sucesso educativo.

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Formulário de questões
Bloco A - Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas.	- Legitimar a entrevista. - Motivar as entrevistadas.	- Informar as entrevistadas sobre a investigação em curso. - Assegurar a confidencialidade das informações prestadas e o anonimato das entrevistadas. - Solicitar a colaboração das entrevistadas, referindo a importância da sua colaboração para a mesma. - Pedir autorização para gravação áudio da entrevista. - Disponibilizar às entrevistadas o resultado futuro da investigação. - Agradecer a colaboração das entrevistadas.
Bloco B - Recolha de dados de carácter geral.	- Conhecer a situação profissional das entrevistadas.	- Solicitar às entrevistadas que falem sobre: - A sua formação inicial e contínua; - O seu percurso profissional e situação atual; - Quais os aspetos mais gratificantes, inovadores e marcantes ao longo do percurso profissional. Questões de reforço - Qual é a sua idade e que tempo de serviço tem? - O seu trabalho, enquanto profissional, tem sido sempre neste contexto institucional?

		<ul style="list-style-type: none"> - Há quantos anos faz parte desta equipa multidisciplinar? - Tem acompanhado crianças de que idades? - Como se sente enquanto membro desta equipa multidisciplinar?
<p style="text-align: center;">Bloco C</p> <p>Conceções e importância dada ao desenvolvimento da linguagem oral.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer de que forma os diversos técnicos valorizam o desenvolvimento da linguagem oral das crianças. 	<p>Solicitar às entrevistadas que falem sobre a importância que atribuem ao desenvolvimento da linguagem oral para o sucesso educativo das crianças.</p> <p>Questões de reforço:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Considera a linguagem oral uma área importante no desenvolvimento global da criança? Porquê? - Considera que as crianças pouco estimuladas ao nível da linguagem oral, no tempo devido, podem ter esta área comprometida? - Considera o desenvolvimento da linguagem oral crucial para o processo de aprendizagem? - Na sua opinião, quais são as principais causas das perturbações da linguagem oral? Considera a sua deteção precoce um fator importante? - Na sua opinião, as perturbações da linguagem oral podem estar associadas a algumas doenças? (Em caso afirmativo) quer dar alguns exemplos? - Considera que um bom desempenho na área da linguagem oral poderá ser facilitador do bem-estar/felicidade da criança? Porquê? - Considera que o nível de desenvolvimento da linguagem oral favorece a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento? - Considera que perturbações ao nível da linguagem oral podem influenciar a aprendizagem da leitura e da escrita?

		- Considera que pode haver correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral da criança e o seu sucesso educativo?
<p>Bloco D</p> <p>Estratégias desenvolvidas para a promoção do desenvolvimento da linguagem oral/escrita.</p>	<p>- Conhecer e identificar o tipo de atividades desenvolvidas para a promoção da linguagem oral/escrita.</p>	<p>Solicitar às entrevistadas que falem sobre o tipo de atividades que promovem para o desenvolvimento da linguagem oral, exemplificando sempre que possível.</p> <p>Questões de reforço:</p> <p>- O que é que considera importante para que a criança consiga adquirir um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita?</p> <p>- Na sua prática profissional, com as crianças, valoriza a promoção do desenvolvimento da linguagem oral?</p> <p>- Na sua prática profissional, com as crianças, procura estimular a linguagem oral e abordagem à escrita?</p> <p>- Costuma utilizar uma pedagogia diferenciada com as crianças que apresentam perturbações ao nível da linguagem oral/escrita? (Questão específica para as docentes).</p> <p>- Na sua opinião uma estimulação, no seu tempo devido, ao nível da oralidade poderá ser facilitadora do sucesso educativo?</p> <p>- Quais são as estratégias que utiliza para a otimização das competências linguísticas da criança?</p> <p>- Na sua opinião a intervenção de uma equipa multidisciplinar pode favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita?</p> <p>- Que tipo de estratégias considera mais adequadas para a promoção da linguagem oral/escrita?</p>
<p>Bloco E</p> <p>Organização da equipa multidisciplinar</p>	<p>- Conhecer como é que a equipa multidisciplinar se articula e quais são os</p>	<p>Solicitar às entrevistadas que falem sobre o trabalho que é desenvolvido no âmbito da equipa multidisciplinar.</p> <p>Questões de reforço:</p> <p>- Como é que é feita a sinalização das crianças para serem acompanhadas nas diversas terapias?</p>

	<p>seus efeitos ao nível do desenvolvimento da linguagem oral/escrita, bem como no desenvolvimento global da criança e sucesso educativo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Qual (ais) o(s) local(ais) onde acontece a intervenção terapêutica/psicológica? (Questão específica para Terapeutas/Psicóloga). - A intervenção terapêutica/psicológica é feita individualmente, em pequeno grupo ou em grande grupo? (Questão específica para Terapeutas/Psicóloga). - Qual é a periodicidade da intervenção terapêutica/psicológica e durante quanto tempo de cada vez? Parte desta intervenção é direcionada para o desenvolvimento da linguagem? (Questão específica para Terapeutas/Psicóloga). - Como é que todos os profissionais, da equipa multidisciplinar, se articulam de modo a haver comunicação entre os mesmos? - De acordo com a sua experiência, a intervenção de uma equipa multidisciplinar é vantajosa para o sucesso educativo das crianças com perturbações ao nível da linguagem oral/abordagem à escrita?
--	---	--

Apêndice 3. Protocolo da Entrevista à Terapeuta da Fala

Ent: O meu nome é Maria da Graça Dias Luísa Viegas, sou Educadora de Infância e encontro-me a frequentar o Mestrado de Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve.

No âmbito da disciplina de Dissertação de Mestrado, estou a realizar uma investigação centrada nas representações e expectativas de uma equipa multidisciplinar, no que respeita às perturbações do desenvolvimento da linguagem oral de crianças em risco.

Desta forma, venho solicitar a sua colaboração na realização desta entrevista, bem como a sua autorização para a transcrição da mesma. A sua participação será anónima e confidencial, agradeço desde já a sua colaboração, muito obrigada.

Suj: De nada.

Ent: Pronto então gostava que me falasse um bocadinho sobre a sua formação inicial e contínua.

Suj: Então em relação à minha formação inicial, eu licenciiei-me na Universidade do Algarve em Terapia da Fala. A nível de formação contínua, fui tentando complementar através de formações, de cursos, de formações pontuais, cursos avançados, em relação a determinadas áreas dentro do grande mundo da terapia da fala...aam... em áreas que ou eu sentia necessidade por ter casos, por seguir casos com dificuldades correspondentes a essas áreas, portanto tanto a nível por exemplo da alimentação, deglutição, como da leitura e da escrita, portanto áreas que me faziam sentido aprofundar aam... como realmente por serem áreas de interesse, não seguindo casos propriamente, mas tentei complementar a minha formação a esse nível e também atualmente estou a frequentar o mestrado em Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor e portanto que acaba por ser um complemento muito interessante também para o exercício da minha profissão.

Ent: Muito bem. E o seu percurso profissional, pronto... já falou um bocadinho e neste momento a sua situação atual, a nível profissional?

Suj: Sim, eu trabalho numa instituição aam... trabalho posso considerar essencialmente em intervenção precoce, temos crianças com uma faixa etária que já é fora da intervenção precoce, mas a grande maioria das crianças com que intervenho podemos localizá-las na faixa etária até aos seis anos. Aam... em relação ao meu percurso, comecei essencialmente em centro de estudo a trabalhar com perturbações no domínio da leitura e da escrita, portanto

dificuldades, aam... dentro da aprendizagem formal da leitura e escrita, mas recentemente encontro-me então a trabalhar essencialmente com crianças dentro dessa faixa etária.

Ent: Pois, e podia-me referir alguns aspetos mais gratificantes, inovadores e marcantes ao longo do seu percurso profissional?

Suj: A nível de gratificação, eu acho que uma das áreas de intervenção em terapia da fala é aam... a articulação, a fala, que podemos dissociar um bocadinho não dissociando demais porque se não estamos a cometer alguma incorreção, digamos assim, mas uma das áreas mais gratificantes é a articulação porque é uma área que em determinados casos temos resultados em seis sessões de intervenção, temos resultados muito rápidos e muito satisfatórios, mas lá está, é uma área de intervenção que tem esses resultados bastante positivos quando há um acompanhamento, portanto quando familiar. Portanto numa instituição é uma área também muito gratificante para intervir, mas a nível de resultados não é tão rápido como noutra contexto em que há um enquadramento familiar, mas a nível de gratificação destaco essa área e destaco a área da alimentação que essa sim, na instituição é possível ver resultados mais rápidos.

Ent: Muito bem, porque é uma instituição de acolhimento temporário.

Suj: Porque é uma instituição de acolhimento temporário.

Ent: Pois, já agora podia-me dizer qual é a sua idade e quanto tempo de serviço tem.

Suj: Sim, tenho vinte e sete anos e tenho dois anos de serviço. Um ano e meio de intervenção na instituição e estive cerca de seis meses a trabalhar, como já referi, essencialmente em centros de estudo.

Ent: Muito bem, portanto sendo assim faz parte desta equipa multidisciplinar há cerca de ...

Suj: Há cerca de um ano e meio, sim um ano e meio exatamente.

Ent: Sim e tem acompanhado crianças desde que idades?

Suj: Desde dias, há crianças que chegam à instituição com dias, aam... faço-lhes uma avaliação aam... portanto compatível com a sua faixa etária, essencialmente ali o nosso foco de avaliação, e se necessário de intervenção, é ao nível da alimentação, não é? Das funções pré-linguísticas, interessa-me saber como é que está a sucção, avaliar reflexos orais, avaliar, portanto, essa capacidade de eles serem alimentados. Pronto aam... desde os zero dias porque podem-nos chegar com poucos dias de vida, aam... até ... a intervenção estende-se

até aos dez anos, aam... não sei se quer que fale um bocadinho nos diferentes níveis dessa intervenção se depois mais à frente.

Ent: Eu penso que pergunto mais à frente.

Suj: Mais à frente se calhar fará mais sentido.

Ent: Sim, sim.

Suj: Ok, está bom.

Ent: Sim, portanto sendo assim, como se sente enquanto membro desta equipa multidisciplinar?

Suj: Sinto-me muito bem, muito gratificada, muito satisfeita e porquê? Porque esta é uma equipa acho que, que modelo, deveria de ser... porque nós temos uma grande, uma grande facilidade em articularmo-nos, em... depois das sessões e temos essa preocupação e mesmo esse umm., esse gosto... porque temos muito... é muito frequente que depois de cada sessão perguntemos então como é que correu? Como é que ele esteve ou como é que ela esteve? O que é que trabalhaste? No sentido de depois podermos dar continuidade na nossa intervenção, porque há competências que se podem reforçar e que se articulam entre as terapias, entre a terapia ocupacional porque poderá ser trabalhada ali se calhar com outro olhar e com... com, sendo direcionado doutra forma, mas reforçar a mesma competência, portanto há muito esse cuidado de, se calhar, até nas nossas horas de almoço não... não fazemos o corte e conversamos sobre os casos. Na nossa pausa aaa... durante o dia, durante a manhã, por exemplo temos muito esse cuidado de discutir casos, de perguntar, de pedir estratégias entre os técnicos, portanto eu acho que é mesmo uma equipa que merece o termo.

Ent: Exato exato, que bom.

Suj: Merece a designação.

Ent: Considera a linguagem oral uma área importante no desenvolvimento global da criança?

Suj: Sim considero, aam... sem dúvida e depois sou suspeita, não é? Que sou terapeuta da fala, mas consigo justificar este aspeto. Portanto, nós dentro da linguagem aam... acho que é importante só fazermos aqui um pequenino enquadramento e fazermos a distinção entre linguagem compreensiva e linguagem expressiva, portanto e a linguagem verbal oral enquadra-se nessa vertente da linguagem expressiva, claro que nós podemos comunicar

doutras formas. As crianças ou, portanto jovens e adultos que não desenvolvem aam... a linguagem da forma que seria expectável, portanto que não, não fazem uso da linguagem verbal oral, conseguem fazer aam... interações, não é? Conseguem comunicar aam... recorrendo por exemplo à linguagem não verbal, não é? Portanto tudo o que seja expressão verbal é mais comunicação do que linguagem, não é? Mas a linguagem verbal é aam... é de facto fundamental para que haja uma interação com os pares, para que haja uma estruturação do pensamento, porque a linguagem como capacidade inata e universal do ser humano, que o distingue de todos os outros seres, permite a estruturação do pensamento e permite relacionarmo-nos, não é? Portanto dentro da linguagem nós podemos considerar três componentes que são a forma, o conteúdo e o uso, aam... e pudemos dentro dessas componentes ainda falar de domínios e um desses domínios é a pragmática que tem a ver com a forma como nós usamos a linguagem e está muito de mãos dadas com a interação social. Portanto, isto vai-nos fundamentar aquilo que eu estive a referir, se há de facto lacunas num destes domínios e particularmente neste da pragmática, aam... tudo o que seja interação, tudo o que seja relacionar com o outro, relacionarmo-nos com o outro, fica necessariamente comprometido e todo o desenvolvimento, porque as crianças acabam por se desenvolver, aam... com base em muitos processos, nomeadamente de imitação, não é? Pronto, mas para essa imitação é preciso eu conseguir olhar para, não é? E eu conseguir depois chegar lá e conseguir interagir e conseguir relacionar-me e a linguagem, apesar de haver outras formas, tal como comecei por dizer, a linguagem verbal oral assegura-me isso, assegura-me essa possibilidade de interação social, de interação comunicativa e linguística, portanto acho que assim consigo justificar de uma forma assim muito geral como é que a linguagem pode estar inerente, não é? Ser basilar ao desenvolvimento global. Depois poderei também desenvolver mais algumas questões relativamente à linguagem que acho que terei oportunidade, mas acho que assim consigo responder.

Ent: Pois. Considera que as crianças pouco estimuladas ao nível da linguagem oral, no tempo devido, podem ter esta área comprometida?

Suj: Sim, portanto a linguagem surge como uma competência, uma capacidade inata, mas é necessário haver, portanto há uma predisposição para a sua aquisição e para o seu desenvolvimento, mas é necessário haver input, é necessário haver estímulo, não é? Pronto, esse input começa num primeiro momento a ser feito pela mãe, que é o cuidador preferencial, a mãe, vamos pôr pai, vamos pôr ali os cuidadores preferenciais, mas há muito este, privilegiam muito esta interação e este input linguístico aam... assumido e fornecido pela

mãe, falam até do maternalês que é portanto esta linguagem que as mães aam... e é muito, é muito adaptativa àquilo que o bebé dá, às suas necessidades, ao seu estágio de desenvolvimento, portanto falam mesmo neste, nesta espécie deste dialeto que é o maternalês, portanto neste primeiro momento este input começa a ser dado pela mãe, mas depois o fator ambiente, portanto tudo o que é aam... uma envolvência ambiental, tudo o que seja estímulos que vêm do exterior, já expandindo um bocadinho estes inputs, são essenciais, portanto nós podemos ter como fatores etiológicos de alterações ao nível do desenvolvimento da linguagem, precisamente esta falta de estimulação, défice ao nível da estimulação linguística, portanto que é realmente essencial para catalisar todas as ligações que depois a nível cerebral e, portanto, a nível neurológico me vão proporcionar realmente o desenvolvimento linguístico. Portanto está lá a base, estão lá todos os instrumentos necessários, mas é importante haver ali um catalisador.

Ent: Considera o desenvolvimento da linguagem oral crucial para o processo de aprendizagem das crianças?

Suj: Sim, portanto nós aam... eu já acabei por focar referindo-me ao desenvolvimento global, não é? Esta aprendizagem aam... ainda não estou com o meu olhar focado na aprendizagem formal da leitura e da escrita, estou a pensar nas etapas que, e são bastantes, que antecedem, mas a linguagem vai aqui ser de facto a ferramenta que ativa todo este processo, eu referi-me à pragmática como aam... o domínio que estando desenvolvido, portanto está na base das interações sociais e está na base da interação e da relação, mas nós temos outros domínios dentro da linguagem que eu posso referir e que assim se percebe como é que pode, como é que há esta relação tão íntima, esta interligação entre a linguagem, particularmente a verbal oral e o processo de aprendizagem. Nós temos também o domínio da semântica, que é relativo ao significado, ao conteúdo das palavras e claro que as crianças aam... vão conhecendo o mundo, não é? Pronto e se conseguirem pensar sobre ele e haver este processo de arquivo e processo de associação aam... entre termos que têm características comuns, entre termos que fazem sentido pertencerem ao mesmo grupo, portanto, claro que a aprendizagem é isto, é ir arquivando, é ir pensando sobre, é ir fazendo sentido. Podemos falar doutro domínio dentro da linguagem que é a fonologia, que é um domínio essencial para depois aprendizagens futuras, nomeadamente a nível de aprendizagem formal da leitura e escrita, a fonologia é relativa aos sons aam... da nossa língua, aam... dentro da linguagem falamos de sons, depois estes sons podem ter uma forma mais física e aí já falamos da articulação verbal oral, mas como é que esta, como é que a

fonologia pode ser tão importante, haver um desenvolvimento adequado dentro deste domínio para o desenvolvimento global? A fonologia num primeiro momento começa a aam... e pode resumir-se à capacidade de distinguir onomatopeias, portanto começa a ser um treino do ouvido a distinguir onomatopeias, distinguir sons do ambiente, portanto começa a haver esta preparação para depois ser capaz, para as crianças serem capazes de distinguir sons com características muito aproximadas e portanto é essencial que haja um desenvolvimento adequado também neste domínio, aam... um outro, um outro domínio para terminar que posso, posso combinar dois domínios num só que é o morfossintático, portanto a capacidade que eu tenho de perceber e a morfologia é relativa à estrutura interna das palavras aam... aqui entram por exemplo a concordância entre género, eu digo por exemplo a gata e o gato e entram por exemplo os plurais, os meninos as meninas aam... portanto e a sintaxe que tem a ver com a estrutura interna das frases, a capacidade que eu tenho para combinar as palavras entre si, o que é que isto tem a ver com desenvolvimento global? Tem a ver com tudo, se eu conseguir estruturar o meu pensamento, eu consigo partilha-lo, eu consigo enquadrar um grupo, eu consigo progredir, portanto, se eu conseguir fazer esta descodificação, eu consigo compreender as mensagens que me são transmitidas, nomeadamente em contexto de sala de educação de infância, acho que consegui assim responder, não sei? Depois mais alguma questão também pode surgir, mas de uma forma geral penso que assim também fica respondido a esta questão.

Ent: Obrigada.

Suj: De nada.

Ent: Na sua opinião quais são as principais causas das perturbações da linguagem oral?

Suj: Exato, pronto nós eu por acaso já referi a falta de estimulação linguística, pronto, nós podemos ter um risco que é o chamado risco ambiental, não é? É este risco que abrange um bocadinho esta questão da falta de estimulação linguística. Também podemos ter por outro lado, um processo de superproteção que é absolutamente oposto, mas que se verifica em casos de processos de hospitalização prolongada, por exemplo. Pronto é considerado também um fator de risco e uma causa de etiologia para as perturbações ao nível do desenvolvimento da linguagem aam... podemos ter aqui também como etiologia aam... e aí já falamos num risco biológico, portanto muitas vezes temos aam... situações médicas que são responsáveis por um défice cognitivo, temos por exemplo aam... até síndromes, não é? Em que a linguagem verbal oral surge afetada, portanto, não é? Portanto esse défice

cognitivo já me vai criar algumas limitações, aam... portanto ao nível do desenvolvimento da linguagem, da aquisição e do desenvolvimento da linguagem, temos também outros processos como por exemplo doenças metabólicas aam... portanto há assim algumas causas que podem ser enumeradas a esse nível.

Ent: Considera a deteção precoce das perturbações da linguagem oral um fator importante?

Suj: Sim, a deteção precoce é essencial e eu como referi, nós trabalhamos, não totalmente, mas num sistema de intervenção precoce ee... portanto podemos conseguir fazer muito aam... por exemplo, agora falando na linguagem, por um atraso ao nível do desenvolvimento da linguagem, em que estão as duas componentes afetadas, tanto a compreensão como a expressão, portanto o que é que se passa num atraso ao nível do desenvolvimento da linguagem, por exemplo que é uma situação bastante frequente e num contexto de instituição é muito recorrente porque lá está a questão do risco ambiental, os fatores ambientais, nomeadamente esta questão daam... a todos os níveis, mas a nível de... de desenvolvimento global, a estimulação, portanto a privação de estimulação, portanto a nível físico, a nível intelectual, a nível emocional é uma, uma constante e, portanto, numa situação concreta de atraso ao nível do desenvolvimento da linguagem, se nós conseguirmos dar, cá está o input, a estimulação necessária para que aquele estágio que não se está a verificar, de desenvolvimento linguístico, que não se está ainda a verificar e que já deveriam ser evidentes uma série de características que, segundo o que seria espectável já se deveriam manifestar, mas com estimulação não só, portanto, cá está em equipa multidisciplinar com a estimulação podemos colmatar algumas lacunas e seis meses depois a criança passa por esse estágio e, até podemos ter aam... muito menos repercussões do que se a criança só fosse, só beneficiasse, só fosse avaliada e só beneficiasse de intervenção se calhar depois de um determinado período, e nós falamos de um período crítico para a aquisição e para o desenvolvimento da linguagem. Claro que as competências são adquiridas, mas depois a nível de acumulação de lacunas, as lacunas começam a ser mais evidentes e são mais difíceis de colmatar e de minimizar, portanto é muito importante essa sinalização, nós percebermos que há ali uma necessidade, haver a avaliação e depois haver a intervenção adequada e cá está, esta articulação entre os membros da equipa.

Ent: Muito bem, portanto na sua opinião, as perturbações da linguagem oral podem estar associadas a algumas doenças?

Suj: Sim, sim como nós até já acabamos por mencionar, podemos ter, podemos ter por exemplo uma paralisia cerebral, que não quer dizer que todos os casos, depende das áreas comprometidas, podemos ter uma perturbação do espectro do autismo por exemplo, aam... em que esta vertente da comunicação aam... acaba por nos, necessariamente, fazer falar de linguagem, não é? E de linguagem verbal oral, por exemplo em determinadas síndromes, como a Síndrome de *Down*, em que vamos ter também a linguagem comprometida, sim.

Ent: Considera que um bom desempenho na área da linguagem oral poderá ser facilitador do bem-estar e felicidade da criança?

Suj: Sim, portanto como já temos vindo a referir o bem-estar acaba por... eu acho que é resultado de uma interação social, não é? É resultado da possibilidade de partilhar aquilo que penso, compreender aquilo que me dizem e desta reciprocidade, desta capacidade de interação, de interação social, de pegar os turnos, que nós chamamos o *turntaking*, pegar os turnos de comunicação, de haver um ciclo de comunicação e se eu de facto aam... eu, uma criança que está num nível padrão, num nível desejado conseguirá interagir de forma adequada com os pares, conseguirá participar no jogo, nas brincadeiras em que todos os elementos, em que a grande maioria dos elementos participa, portanto ele poderá ser um deles, eu acho que as crianças têm muito e até mais tarde há muito esta necessidade de pertencer a um grupo, de haver esta satisfação de fazer parte de alguma coisa e a linguagem oral permite-me isto, permite-me esta inclusão, permite-me esta capacidade de, claro que quem não consegue fazer uso da linguagem verbal oral, também tem formas de ser incluído e merece, tem esse direito, mas é de facto uma mais-valia para essa capacidade de fazer parte, de interagir, de pertencer a alguma coisa.

Ent: Está bem, considera que o nível de desenvolvimento da linguagem oral favorece a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento?

Suj: Sim, sim aam... é essencial, se nós agora já pensarmos num ensino mais formal, aam... a linguagem não a podemos, não podemos eleger uma disciplina em que a linguagem seja, portanto, dominante, vamos por exemplo a uma matemática, eu preciso de dominar muito bem a capacidade de descodificação daquele código, não é? Para interpretar quando o ensino complexifica um bocadinho, para interpretar o que é que me é pedido num determinado problema, não é? No estudo do meio a linguagem também está muito presente, portanto a linguagem não é só da língua portuguesa, não é? Não é só exclusiva da leitura e da escrita, é essencial para aam... todo o percurso escolar, para uma série de aprendizagens, lá está, por

esta necessidade de eu compreender as mensagens que o meu interlocutor me transmite, não é? Tendo essa capacidade de descodificar e depois ser capaz de exprimir o meu pensamento, conseguir desenvolver um pensamento que a linguagem me ajuda a estruturar, tanto verbalmente para poder transmitir aquilo que penso e assim interagir e assim fazer parte, não é? De uma comunidade ouvinte e falante aam... como depois poder pôr por escrito também os diversos momentos em que assim é necessário e que assim é pedido, portanto a linguagem é mesmo transversal a toda a aprendizagem, a toda a consolidação do conhecimento.

Ent: O que é que considera importante para que a criança consiga adquirir um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim, portanto a nível da linguagem oral aa... muita da intervenção que faço, pensando já na prevenção ou na minimização de algumas dificuldades, passa pela chamada consciência fonológica que já acabei por frisar um bocadinho quando falei de uma das componentes da linguagem que é a fonologia, portanto são muito importantes essas bases, claro que num primeiro momento, na faixa etária dos quatro anos, se calhar começamos, quando faço intervenção em grupo na salinha dos três anos começamos com alguns meninos, porque naquela sala já algumas crianças têm quatro anos, começo com uma abordagem muito inicial e muito superficial à consciência fonológica, começo com segmentação silábica, aam... e depois vamos progredindo até chegarmos a um patamar mais complexo, mais exigente dentro da consciência fonológica a que chamamos consciência fonémica, como eu acho que também já acabei por, por mencionar, aam... porque este treino do ouvido a nível de discriminação auditiva, de eu conseguir, isto depois com algumas associações porque as crianças são muito pequeninas, é uma faixa etária quando começam a trabalhar algumas destas competências muito precoce aam... e que às vezes é necessário associar determinados sons, pistas semânticas, por exemplo é o som zzzz que é o som da abelha, aaa... a pistas até visuais, a pistas cinestésicas utilizando o gesto, e portanto tudo isto dá algumas ferramentas para prevenir dificuldades, mas também quando as dificuldades por acaso, pontualmente ou de forma mais instalada surgirem temos aquela informação a que podemos recorrer para ser realmente uma ferramenta a utilizar. Portanto, assim com este treino, desta capacidade de corresponder ao som, de fazer corresponder determinado som e distingui-lo dos outros, fazer corresponder um som a uma letra, nós falamos correspondência fonema grafema e depois vice-versa grafema fonema, é o patamar mais complexo dentro da consciência fonológica e é aam... um pré-requisito para a aquisição formal da leitura e escrita, para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Ent: Na sua prática profissional com as crianças valoriza a promoção do desenvolvimento da linguagem oral?

Suj: Sim, valorizo bastante, eu como já referi faço a intervenção aam... semanalmente em contexto de Educação de Infância e tenho para além de trabalhar...

Ent: Nas salas de atividades.

Suj: Nas salas, nas salas de atividades sim na instituição, exatamente.

E, portanto, tenho muita preocupação, se calhar a maior queixa é em relação à fala, em relação a algumas alterações articulatórias, a sons que são omitidos ou que são substituídos, trocados por outros. Há características do discurso das crianças que são normais, que têm a ver com a faixa etária, outras já são um bocadinho preocupantes e já são dignas, realmente de alguma atenção e de alguma intervenção. A minha intervenção passa, para além da articulação eu faço sempre, tenho sempre cuidado, faço sempre questão de expandi-la um bocadinho à linguagem, à linguagem verbal oral em particular estimulando a participação individual porque eles estão em contexto de grupo, começo a trabalhar um bocadinho o autoconceito, a autoestima, a capacidade de falar para um, para outros, para um pequeno até medio/grande grupo para depois os conseguir preparar aam... depois para níveis de ensino um bocadinho mais à frente, portanto em que vai ser solicitado que vão ao quadro, que façam uma leitura, que participem de forma mais ativa, portanto que haja esta participação, mesmo em contexto de grupo, individual. Depois também tenho muito cuidado de aam... tentar que, e quanto mais velhos mais a minha preocupação é evidente, aam... ter o cuidado que eles reformulem sem os frustrar, que reformulem as frases, que tentem expandir um bocadinho o tamanho medio do enunciado, portanto que tentem construir uma frase mais correta, mais rica, mais completa aam... portanto dentro da linguagem verbal oral é essencial que aumente esta preocupação, claro que tenho algumas estratégias a que recorro, mas isso acho que se calhar até surge melhor noutro contexto.

Ent: Na sua prática profissional com as crianças procura estimular a linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Procuo sem dúvida, aam... os meninos, mesmo que não se encontre a nível de Pré-Escolar, há uma serie de atividades e uma série de competências que lá está, são pré-requisitos e começamos a preparar terreno e dão-nos bases precisamente para a aprendizagem formal da leitura e da escrita, sem dúvida.

Ent: Na sua opinião a estimulação, no seu tempo devido, ao nível da oralidade poderá ser facilitadora do sucesso educativo?

Suj: Sim é essencial, aam... e lá está se há um problema, se há uma dificuldade, se há algo para ultrapassar, por mais tenuo que seja, se for uma questão que realmente aam... já não era esperada para a faixa etária à partida não se resolve sozinha, se não for uma questão de imaturidade à partida requer de uma sinalização, de uma avaliação atempada e de uma intervenção o mais precoce possível, se não estamos a perder tempo, se agirmos dentro do tal período crítico do desenvolvimento linguístico aam... estamos precisamente a usar o tempo a nosso favor, a aproveitar aquele período favorável aam... aquele *boom* de aquisição, não é? Que se verifica em faixas etárias mais precoces e estamos realmente a conseguir aam... evitar que as lacunas se acumulem e que depois algo que é relativamente fácil de resolver se possa transformar em dificuldades mais severas.

Ent: Quais são as estratégias que utiliza para a otimização das competências linguísticas da criança?

Suj: Sim, eu aam... acredito muito e cada vez há mais bibliografia a sair e há uma serie de fundamentação teórica a sair sobre a vantagem da utilização do gesto, a utilização do gesto precocemente, logo em idades em que se calhar não temos ainda muitas palavras a ser produzidas isoladamente sequer, mas acredito que a utilização do gesto pode ser transversal ao desenvolvimento da criança, com várias finalidades, portanto o gesto em etapas mais precoces acaba por estimular, a utilização do gesto estimula áreas responsáveis pela linguagem e pela fala, portanto estamos a utilizar o gesto, estamos a fazer ali um trabalho extra a nível precisamente dessas áreas que a mim me interessam particularmente e que são essenciais, cruciais para o desenvolvimento da criança, aam... e acho que o gesto a nível por exemplo de estruturação frásica, de construção da frase, organiza bastante, dá-nos ali uma... dá-nos estrutura e dá-nos ali um recurso que é quase físico, que permite segmentar a frase e que permite a produção de frases mais organizadas, mais estruturadas, mais corretas. Aam... também a nível de aquisição de vocabulário aam... acabamos por ter ali uma representação que é diferente, é especial, é atrativa para as crianças. A nível de focar a atenção aam... também conseguimos bons resultados, muitas vezes os meninos param o que estão a fazer, quando faço intervenção, para verem como é que se faz, têm mais interesse por vezes em faixas etárias até mais inferiores, porque eles são ainda muito visuais, não é? Portanto o que se faz acaba por se sobrepor ao que se diz, porque não podemos também ter um discurso muito complexo em termos de palavras e o gesto encerra em si realmente muito conteúdo,

muita informação a nível de perceção visual, também não é fácil imitar, muitas vezes estamos em espelho, eles têm que posicionar o seu corpo no espaço, portanto isto não interessa particularmente aam... só especificamente a nível de linguagem, mas se quiser começar a pensar no posicionamento das letras, interessa-me a perceção visual para evitar depois alguns erros que se forem no início, surgirem no início são normais, mas se forem surgindo aam... em idades um bocadinho, períodos um bocadinho mais avançados já são de termos alguma atenção, portanto o gesto permite-me aqui realmente um reforço bastante importante a nível de desenvolvimento da linguagem. Depois também utilizo um programa de vocabulário, de linguagem o *Makaton* que utilizo com crianças que têm muitas dificuldades ou com crianças que têm algumas questões aam... a nível da linguagem verbal oral e acabamos por construir aam... porque o *Makaton* engloba a imagem, o símbolo e o gesto, portanto são gestos, alguns deles, muito semelhantes aos da língua gestual portuguesa, mas acabamos por ter assim um *pack* e faz-se, eu construo com alguns meninos um caderno, que é o caderno deles, na capa tem a fotografia deles, portanto é criado por eles, personalizado e depois vamos construindo, aam... gradualmente, o seu caderno de palavras, de conceitos aam... e que me dá realmente muito... muito, é um recurso e realmente dá-me muito apoio em termos de intervenção ao nível da linguagem porque aquelas palavras vão ficar, vão ficar a nível de conteúdo, vão ficar a nível de articulação e portanto é um trabalho muito interessante, muito progressivo, porque depois temos diferentes níveis dentro do vocabulário *Makaton*, temos seis níveis e conseguimos então fazer assim um trabalho que vai acompanhando o próprio desenvolvimento da linguagem, é possível estender a faixas etárias um bocadinho mais elevadas e aam... acho que é uma forma muito interessante de se trabalhar, essencialmente são esses dois recursos que utilizo, para além de alguns símbolos do programa *Boardmaker* com que às vezes complemento, aam... para além de muitas imagens, tudo o seja pista visual é, é realmente muito importante para ser um recurso a utilizar.

Ent: Na sua opinião a intervenção de uma equipa multidisciplinar pode favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim, sem dúvida, nós como já referi, temos a equipa e da nossa equipa também fazem aam... parte, integram a nossa equipa as Educadoras de Infância, que são, têm um papel também preponderante a nível do desenvolvimento da linguagem, aam... claro que a intervenção e interação aam... e a articulação entre os membros da equipa, permite-nos consolidar determinadas competências inerentes ao desenvolvimento da linguagem, muitas

vezes estou a trabalhar aam... com uma criança as cores e sei que a intervenção da Terapeuta Ocupacional, por exemplo também passa pelas cores, na sala de Educação de Infância, a educadora também está naquela semana por exemplo a insistir e a tentar que se consolide e que haja aquisição consistente de uma determinada cor, portanto e havendo este *feed-back* e esta articulação, eu acho que os resultados surgem de forma mais eficaz. Aqui temos a questão de um membro da equipa que está em falta em todos os nossos meninos que é termos a parceria de um outro elemento essencial que seria a família, que depois em casa se houvesse o reforço das competências trabalhadas aí teríamos um sucesso ainda mais, à partida garantido, e depois é sempre a componente emocional, nós achamos que os nossos meninos e, acho que qualquer um dos técnicos sente isso, achamos que os nossos meninos aam... não consolidam as aprendizagens, numa semana até temos uma evolução, mas na semana seguinte podemos ter um retrocesso, apesar de haver esta articulação, este cuidado de reforçar muitas vezes as competências trabalhadas, mais do que até querer trabalhar muita coisa ao mesmo tempo, aam... diversificar as competências que são trabalhadas, às vezes tentamos trabalhar bem determinados aspetos, tentar consolidar mesmo assim aam... e acredito que seja muito este papel, este papel da questão emocional e da vertente emocional e dessa organização interna que compromete o sucesso, apesar desta articulação que acontece sempre entre os elementos.

Ent: Que tipo de estratégias considera mais adequadas para a promoção da linguagem oral e escrita?

Suj: Eu acho que em relação à linguagem oral, eu acho que o gesto pode ser um recurso essencial, tal como referi, porque aqui como estratégias, se eu disser outras coisas se calhar entro em atividades, não é? Pronto, a nível da linguagem oral também gosto bastante de utilizar histórias, mas aí já são atividades, música, também faço questão de levar vídeos, portanto que possam ser o mais apelativos possível, porque aí conseguimos trabalhar uma série de competências, inerentes tanto ao domínio da semântica como morfosintático, pronto mesmo o fonológico, portanto acabamos por conseguir trabalhar em simultâneo diversos aspetos. Em relação à linguagem escrita, eu utilizo, são... é um método chamado aam... o método dos cartões, aam... há umas inspirações, mas eu utilizo um método que surgiu na relicária dos sons e foi criado por uma Terapeuta da Fala, portanto e utilizo este método que vai buscar um bocadinho o trabalho, a nível da consciência fonológica, de associarmos um gesto, cá está uma pista cinestésica a determinado som e, portanto este método funciona aam... tanto em dificuldades aam... mais específicas dentro da

aprendizagem da leitura e escrita, como por exemplo uma dislexia, como para crianças que tenham apenas dificuldades a nível desta correspondência fonema grafema sem diagnóstico de dislexia e este método pode ser um reforço, pode ser realmente uma estratégia de intervenção, portanto podemos adequar de acordo com a situação que tenhamos. Como é que este método pode também conseguir guiar-nos ao nível da intervenção, ao nível da leitura e da escrita, portanto neste método aam... há imagens que estão, lá está, são as tais pistas visuais associadas ao som, à onomatopeia e ao gesto e essas imagens são colocadas, aam... vamos imaginar por exemplo a palavra fato, eu tenho o som ffff, sei que o som ffff, isto de acordo com esta intervenção o som ffff é o som que o gato faz quando está zangado, tenho o gesto e tenho a imagem do gato, portanto utilizo a imagem do gato, a criança pode escolher entre a imagem do gato e a imagem relativa ao som vvvv, que à partida a dificuldade irá residir sempre em sons com características muito parecidas e que diferem só num pequenino traço, numa pequenina característica e a criança escolhe entre o gato que faz o som ffff e o som vvvv do vento, portanto vamos escrever a palavra fato e ele cola, sabe que ali é o som ffff, depois de ter o autocolante vamos então associar o grafema respetivo, portanto esta é uma das estratégias que utilizo e que funciona muito bem a nível de, autocolante ou imagem, a nível da leitura e escrita. Aam... é muito importante que os pré-requisitos estejam lá, portanto há estratégias como por exemplo segmentar as palavras com sílabas, que são já trabalhadas anteriormente, mas às vezes mesmo em contexto de Primeiro Ciclo é necessário recorrer para organizar, perceber ali a estrutura interna das palavras e depois facilitar aam... a escrita, portanto são essencialmente estas assim de uma forma geral, mas em relação ao método, é um método realmente que é bastante útil a nível da intervenção destas dificuldades quando já estamos numa aprendizagem formal da leitura e escrita.

Ent: Como é que é feita a sinalização das crianças para serem acompanhadas nas diversas terapias, aqui na instituição?

Suj: Pronto, pode acontecer aam... que as crianças que entram na instituição, que nos chegam, já venham com informação ou de que estão a beneficiar de acompanhamento em terapia da fala ou de que há realmente necessidade, aam... pronto ou então podemos ter a indicação, portanto a sinalização por parte de uma educadora, como convivem com as crianças têm muito essa perceção, das suas dificuldades, das suas capacidades também, aam... por vezes no início quando os meninos chegam, não gostamos de fazer ou temos por hábito não fazer uma avaliação logo muito numa fase inicial, deixamos passar algum tempo de habituação, se de facto houver essa sinalização ou às vezes mesmo quando não há, para

termos consciência das competências, das dificuldades da criança, procedemos então a uma avaliação, que poderá ser uma avaliação em equipa, poderá ser individualizada, portanto mais em relação a uma determinada área. A sinalização pode também ser feita entre colegas, portanto uma colega que entretanto, vamos imaginar, até esteve de serviço no fim de semana eee... por exemplo a nível da alimentação identificou determinada dificuldade, poderá falar ou com a terapeuta da fala, comigo, ou com uma das terapeutas ocupacionais aam... portanto, ou em grupo, segue um determinado grupo na sala de educação de infância, poderá falar com outra colega e fazer a sinalização neste sentido, portanto pode ser dentro da própria equipa restrita.

Ent: Qual o local ou os locais onde acontece a intervenção terapêutica?

Suj: Sim, portanto a intervenção terapêutica acontece em grupo, na sala de Educação de Infância, depois no gabinete de terapia da fala, é essencialmente onde a terapeuta da fala faz intervenção, portanto a Terapeuta da Fala também vai à sala de Educação de Infância e está no seu gabinete. Depois há uma exceção em que aí há uma intervenção em equipa multidisciplinar, portanto que é no momento aam... designado “aprender a mexer” com as crianças mais pequenas e depois crianças um bocadinho, de faixa etária um bocadinho superior “o aprender a brincar”, portanto aí entra a Terapeuta da Fala, as Terapeutas Ocupacionais e as Fisioterapeutas e, quando possível, desce uma Educadora. Temos também, portanto aí é feita no ginásio aam... em que de facto a equipa multidisciplinar está presente. Depois há também um momento em que entra toda a equipa e é, são nas sessões de hidroterapia, portanto acontece na piscina, semanalmente.

Ent: Portanto uma vez por semana, cada uma delas, não é?

Suj: Cada uma das sessões, exatamente, sim. E, portanto, está presente a equipa toda e geralmente as crianças que beneficiam são até aos dois anos e pouco de idade, privilegia-se realmente essas, porque não conseguimos chegar a todas as crianças, são as faixas etárias privilegiadas.

Ent: Portanto a intervenção terapêutica é feita individualmente, em pequeno grupo ou em grande grupo? Acabou já por responder.

Suj: Sim.

Ent: Portanto, qual é a periodicidade da intervenção terapêutica? E durante quanto tempo de cada vez?

Suj: O tempo, geralmente as sessões rondam os quarenta e cinco minutos uma hora, para as crianças de faixas etárias superiores, crianças um bocadinho mais velhas. Para crianças mais novas, geralmente ronda os trinta minutos. Aam... porque mesmo os tempos de atenção/concentração, a capacidade de estar a usufruir da intervenção, aam... quando as crianças são muito pequeninas, mesmo na faixa etária dos dois/três anos acaba por não ser produtivo aam... porque a criança, os tempos de atenção/concentração não excedem muito realmente esse, esse período exatamente. Apesar de diversificarmos as atividades, às vezes estamos a trabalhar o mesmo objetivo, mas de formas diferentes precisamente para tentar, lá está, lá está uma estratégia para tentar que os períodos de atenção se prolonguem um bocadinho, às vezes não é possível, mesmo arranjando recursos como levantar um bocadinho, ir arrumar qualquer coisa, ir arrumar uma caixa, dar saltinhos, pronto tentamos, mas às vezes não é possível realmente estender mais esses tempos de atenção/concentração.

Ent: Como é que todos os profissionais da equipa multidisciplinar se articulam de modo a haver comunicação entre os mesmos?

Suj: Sim, aam... nós temos muito, acho que é um bom hábito, de conversar informalmente, portanto de conversar durante a hora de almoço, como eu já referi, de conversar à porta do gabinete aam... de quando terminamos as sessões partilharmos de forma muito abreviada, o essencial que observámos, as preocupações, as angústias. Aam... depois, portanto temos esses momentos informais, depois há felizmente a oportunidade de haver reuniões, se calhar ainda deviam ser mais, mais frequentes, reuniões mais formais em que estão os técnicos presentes, está a equipa presente, está ainda uma Psicóloga que também acaba por ser responsável, sobretudo das crianças que já estão a integrar o ensino fora da instituição.

Ent: No Primeiro Ciclo, não é?

Suj: Sim, sim e mesmo a nível de Pré-Escolar, portanto acabamos por ter esses momentos em que é possível nós até termos por vezes uma opinião aam... da criança, do seu desempenho, muitas vezes são frequentes as sessões individuais Terapeuta criança e depois no contexto de sala de Educação de Infância a criança é completamente diferente, muitas vezes pela positiva, mostra muito mais, interage de forma diferente e é muito importante esta partilha para não termos esta avaliação por vezes muito aquém, para não subvalorizarmos, até para pudermos exigir um pouco mais, trabalhar outros aspetos, aam... também importante para partilhar estratégias, porque às vezes há crianças que pequeninas estratégias fazem diferença e não requerem de uma intervenção prolongada no tempo. Portanto são estes

pequenos aspetos que podem perfeitamente ser, mesmo informalmente, com carácter informal podem perfeitamente ser partilhados e que, e que podem realmente funcionar e fazer, e fazer a diferença.

Ent: De acordo com a sua experiência, a intervenção de uma equipa multidisciplinar é vantajosa para o sucesso educativo das crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim, sim eu acho que, lá está o facto do reforço, acho que o principal aspeto é esse, o reforço do que é trabalhado por outro técnico, aam... vamos pensar por exemplo numa competência que é trabalhada na terapia da fala e depois que é trabalhada de forma mais sensorial, através da terapia ocupacional, portanto as vias de entrada de informação, as vias de acesso são outras, o objetivo é o mesmo, portanto este reforço penso que poderá fazer toda a diferença e as crianças, quanto mais a faixa etária é inferior mais visuais são, mais táteis são e portanto este, esta articulação com a terapia ocupacional, por exemplo as Terapeutas Ocupacionais acabam por privilegiar, até mais do que eu, aam... o meio aquático e o meio aquático também é extremamente vantajoso. A nível da linguagem oral, nós não nos podemos esquecer que temos aqui bases cognitivas e que assentam na comunicação, assentam na capacidade de estabelecer contacto ocular, porque se eu não tenho um contacto, parece tão simples, mas se eu não tenho um contacto ocular com eficácia, portanto que se mantenha realmente de forma aceitável e satisfatória, tudo o que seja depois funções comunicativas, interação, pragmática que já nos remete para a linguagem, fica comprometido e a piscina... a piscina, o ambiente aquático, o meio aquático é um meio privilegiado para trabalhar estes aspetos simples, mas que depois fazem toda a diferença e por exemplo as Terapeutas Ocupacionais vêm reforçar as intervenções feitas e lá está, as diferentes vias de acesso também permitem este, esta estimulação que tem que ser contínua, no caso destes meninos tem que ser frequente, tem que ser realmente ali com, com muito empenho e de forma prolongada no tempo, porque as respostas também são um bocadinho mais difíceis de as vermos, lá está também pela questão da componente emocional e por vezes falamos também doutras síndromes, um síndrome fetal alcoólico, não é? Por exemplo que até é recorrente, pronto e depois também a nível da linguagem poderemos ter aqui algumas questões de compromisso, portanto acabamos por ter meninos com condições, com riscos biológicos diferentes, não é? Dee... um outro ambiente padrão.

Ent: Muito obrigada.

Suj: De nada.

Apêndice 4. Primeiro Tratamento da Entrevista à Terapeuta da Fala

[Percurso profissional] (...) *licenciei-me na Universidade do Algarve em Terapia da Fala (...) fui tentando complementar através de formações, de cursos, de formações pontuais, cursos avançados (...) atualmente estou a frequentar o mestrado em Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor (...)*

(...) *trabalho numa instituição (...) essencialmente em intervenção precoce, (...) comecei essencialmente em centro de estudo a trabalhar com perturbações no domínio da leitura e da escrita, portanto dificuldades (...) dentro da aprendizagem formal da leitura e escrita (...).*

[Aspetos mais marcantes desse percurso] (...) *uma das áreas mais gratificantes é a articulação porque é uma área que em determinados casos temos resultados em seis sessões de intervenção, temos resultados muito rápidos e muito satisfatórios (...) destaco a área da alimentação que (...) na instituição é possível ver resultados mais rápidos (...).*

[Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *a grande maioria das crianças com que intervenho podemos localiza-las na faixa etária até aos seis anos (...) a intervenção estende-se até aos dez anos (...).*

[Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *Sinto-me muito bem, muito gratificada, muito satisfeita (...) temos (...) uma grande facilidade em articularmo-nos (...) depois das sessões (...) há competências que se podem reforçar e que se articulam entre as terapias (...) temos muito esse cuidado de discutir casos, de perguntar, de pedir estratégias (...) entre os técnicos (...).*

[Importância da linguagem oral] (...) *a linguagem verbal (...) é de facto fundamental para que haja uma interação com os pares, para que haja uma estruturação do pensamento, porque a linguagem (...) permite a estruturação do pensamento e permite relacionarmo-nos (...) as crianças acabam por se desenvolver, (...) com base em muitos processos, nomeadamente de imitação, (...) mas para essa imitação é preciso eu conseguir olhar para (...) eu conseguir depois chegar lá e conseguir interagir e conseguir relacionar-me e a linguagem (...) verbal oral assegura-me isso, assegura-me essa possibilidade de interação social, de interação comunicativa e linguística (...) a linguagem vai aqui, ser de facto a ferramenta que ativa todo este processo, eu referi-me à pragmática (...) está na base das interações sociais e está na base da interação e da relação (...) temos também o domínio da semântica, que é relativo ao significado, ao conteúdo das palavras e claro que as*

crianças (...) vão conhecendo o mundo (...) a fonologia, (...) é um domínio essencial para depois aprendizagens futuras, nomeadamente a nível de aprendizagem formal da leitura e escrita, a fonologia é relativa aos sons (...) e pode resumir-se à capacidade de distinguir onomatopeias, portanto começa a ser um treino do ouvido a distinguir onomatopeias, distinguir sons do ambiente, portanto começa a haver esta preparação (...) para as crianças serem capazes de distinguir sons com características muito aproximadas (...) outro domínio (...) é o morfossintático (...) a capacidade que eu tenho de perceber (...) é relativa à estrutura interna das palavras (...) aqui entram por exemplo a concordância entre género (...) e entram por exemplo os plurais (...) a sintaxe que tem a ver com a estrutura interna das frases, a capacidade que eu tenho para combinar as palavras entre si, (...) se eu conseguir estruturar o meu pensamento, eu consigo partilha-lo, eu consigo enquadrar um grupo, eu consigo progredir, (...) eu consigo compreender as mensagens que me são transmitidas (...).

[Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) é necessário haver input, é necessário haver estímulo, (...) esse input começa num primeiro momento a ser feito pela mãe, que é o cuidador preferencial (...) o fator ambiente, (...) tudo o que é (...) uma envolvimento ambiental, (...) estímulos que veem do exterior (...) falta de estimulação linguística, (...) risco ambiental, (...) um processo de superproteção (...) risco biológico (...) situações médicas que são responsáveis por um défice cognitivo (...) síndromes (...) esse défice cognitivo já me vai criar algumas limitações, (...) ao nível do desenvolvimento da linguagem, da aquisição e do desenvolvimento da linguagem (...) doenças metabólicas (...).

[Importância da deteção precoce das perturbações da linguagem oral] (...) a deteção precoce é essencial (...) a privação de estimulação (...) a nível físico, a nível intelectual, a nível emocional (...) numa situação concreta de atraso ao nível do desenvolvimento da linguagem, se nós conseguirmos dar (...) o input, a estimulação necessária para que aquele estádio (...) de desenvolvimento linguístico, (...) com estimulação, (...) em equipa multidisciplinar, (...) podemos colmatar algumas lacunas (...).

(...) é muito importante (...) sinalização, (...) percebermos que há ali uma necessidade, haver a avaliação (...) haver a intervenção adequada (...) articulação entre os membros da equipa.

[Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) o bem-estar (...) é resultado de uma interação social (...) é resultado da possibilidade de partilhar aquilo que penso, compreender aquilo que me dizem e desta reciprocidade, desta capacidade (...) de interação social, de pegar os turnos (...) de comunicação, de haver um ciclo de comunicação (...) uma criança que está num nível padrão, num nível desejado conseguirá interagir de forma adequada com os pares, conseguirá participar no jogo, nas brincadeiras em que todos os elementos, em que a grande maioria dos elementos participa (...) permite-me (...) inclusão (...) é de facto uma mais-valia para essa capacidade de fazer parte, de interagir, de pertencer a alguma coisa (...).

[Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) é essencial, se (...) pensarmos num ensino mais formal (...) vamos (...) a uma matemática (...) eu preciso de dominar muito bem tanto a capacidade de descodificação daquele código (...) para interpretar o (...) que me é pedido num determinado problema (...) no estudo do meio a linguagem também está muito presente (...) a linguagem não é só da língua portuguesa (...) não é só exclusiva da leitura e da escrita, é essencial para (...) todo o percurso escolar, para uma série de aprendizagens (...) por esta necessidade de eu compreender as mensagens que o meu interlocutor me transmite (...) conseguir desenvolver um pensamento e que a linguagem me ajuda a estruturar (...) verbalmente para poder transmitir aquilo que penso (...) interagir (...) fazer parte (...) a linguagem é mesmo transversal a toda a aprendizagem, a toda a consolidação do conhecimento (...).

[Fatores favoráveis para a aquisição de um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) a nível da linguagem oral (...) passa pela chamada consciência fonológica (...) na faixa etária dos quatro anos (...) começo com segmentação silábica (...) depois vamos progredindo até chegarmos a um patamar mais complexo, mais exigente dentro da consciência fonológica a que chamamos consciência fonémica (...) treino do ouvido a nível de discriminação auditiva (...) isto depois com algumas associações porque as crianças são muito pequeninas (...) que às vezes é necessário associar determinados sons, pistas semânticas, por exemplo é o som zzzz que é o som da abelha (...) a pistas até visuais, a pistas cinestésicas utilizando o gesto (...) assim com este treino, desta capacidade de corresponder ao som, de fazer corresponder determinado som e distingui-lo dos outros, fazer corresponder um som a uma letra, nós falamos correspondência fonema grafema e

depois vice-versa grafema fonema, é o patamar mais complexo dentro da consciência fonológica e é (...) um pré-requisito para a aquisição formal da leitura e escrita (...).

[Valorização da promoção do desenvolvimento da linguagem oral] (...) valorizo bastante (...) faço sempre questão de expandi-la um bocadinho (...) à linguagem verbal oral em particular estimulando a participação individual (...) começo a trabalhar um bocadinho o autoconceito, a autoestima, a capacidade de falar para um, para outros, para um pequeno até medio/grande grupo, para depois os conseguir preparar (...) depois para níveis de ensino um bocadinho mais à frente, portanto em que vai ser solicitado que vão ao quadro, que façam uma leitura, que participem de forma mais ativa (...) ter o cuidado que eles reformulem sem os frustrar, que reformulem as frases, que tentem expandir um bocadinho o tamanho medio do enunciado, portanto que tentem construir uma frase mais correta, mais rica, mais completa (...) dentro da linguagem verbal oral (...).

[Importância da estimulação da linguagem oral no seu tempo devido] (...) é essencial (...) se não for uma questão de imaturidade à partida requiere de uma sinalização (...) uma avaliação atempada (...) uma intervenção o mais precoce possível (...) se agirmos dentro do tal período crítico do desenvolvimento linguístico (...) estamos (...) a aproveitar aquele período favorável (...) aquele boom de aquisição (...) e estamos realmente a conseguir (...) evitar que as lacunas se acumulem (...).

[Estratégias para a otimização das competências linguísticas] (...) a utilização do gesto precocemente (...) a utilização do gesto pode ser transversal ao desenvolvimento da criança (...) o gesto em etapas mais precoces acaba por estimular (...) estimula áreas responsáveis pela linguagem e pela fala (...) acho que o gesto a nível (...) de construção da frase, organiza bastante, dá-nos ali (...) um recurso que (...) permite segmentar a frase e que permite a produção de frases mais organizadas, mais estruturadas, mais corretas (...) a nível de aquisição de vocabulário (...) acabamos por ter ali uma representação que é (...) atrativa para as crianças. A nível de focar a atenção (...) também conseguimos bons resultados (...) o gesto encerra em si realmente muito conteúdo, muita informação a nível de percepção visual (...) também utilizo um programa de vocabulário, de linguagem o makaton que utilizo com crianças que têm muitas dificuldades ou com crianças que têm algumas questões (...) a nível da linguagem verbal oral (...) o makaton engloba a imagem, o símbolo e o gesto (...) e depois vamos construindo (...) gradualmente, o seu caderno de palavras, de conceitos (...) dá-me muito apoio em termos de intervenção ao nível da linguagem porque aquelas palavras vão ficar (...) a nível de conteúdo (...) a nível de

articulação (...) é um trabalho muito interessante (...) e conseguimos (...) fazer assim um trabalho que vai acompanhando o próprio desenvolvimento da linguagem (...) essencialmente são esses dois recursos que utilizo (...) alguns símbolos do programa boardmaker (...) muitas imagens (...).

[Equipa multidisciplinar como veículo facilitador do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) sem dúvida (...) as Educadoras de Infância (...) têm um papel (...) preponderante a nível de desenvolvimento da linguagem (...) a articulação entre os membros da equipa, permite-nos consolidar determinadas competências inerentes ao desenvolvimento da linguagem (...) havendo (...) feedback e (...) articulação (...) os resultados surgem de forma mais eficaz. Aqui temos (...) um membro da equipa que está em falta (...) que é termos a parceria de um outro elemento essencial que seria a família (...) aí teríamos um sucesso (...) à partida garantido (...) depois é sempre a componente emocional (...) este papel da questão emocional (...) que compromete o sucesso, apesar desta articulação que acontece sempre entre os elementos (...).

[Estratégias para a promoção da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) o gesto pode ser um recurso essencial (...) gosto bastante de utilizar histórias (...) música (...) vídeos (...) o método dos cartões (...) utilizo este método que vai buscar um bocadinho o trabalho, a nível da consciência fonológica (...) neste método (...) há imagens (...) pistas visuais associadas ao som, à onomatopeia e ao gesto (...) segmentar as palavras com sílabas (...).

[Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) pode acontecer (...) que as crianças que entram na instituição (...) já venham com informação (...) de que estão a beneficiar de acompanhamento (...) procedemos então a uma avaliação, que poderá ser uma avaliação em equipa, poderá ser individualizada, portanto mais em relação a uma determinada área. A sinalização pode também ser feita entre colegas (...).

[Local onde acontece a intervenção terapêutica] (...) acontece em grupo, na sala de educação de infância (...) no gabinete de terapia da fala (...) há uma intervenção em equipa multidisciplinar (...) que é no momento (...) designado “aprender a mexer” com as crianças mais pequenas e depois crianças (...) de faixa etária um bocadinho superior “o aprender a brincar” (...) aí é feita no ginásio (...) em que (...) a equipa multidisciplinar está presente (...) há também um momento em que entra toda a equipa (...) são nas sessões de hidroterapia (...) na piscina, semanalmente (...).

[Periodicidade e tempo de duração das terapias] (...) *geralmente as sessões rondam os quarenta e cinco minutos uma hora, para as crianças de faixas etárias superiores (...) crianças mais novas, geralmente ronda os trinta minutos (...).*

[Articulação entre os profissionais da equipa] (...) *temos (...) um bom hábito, de conversar informalmente (...) de conversar durante à hora de almoço (...) de conversar à porta do gabinete (...) quando terminamos as sessões partilharmos de forma muito abreviada (...) há (...) oportunidade de haver reuniões (...) mais formais em que estão os técnicos presentes, está a equipa presente (...).*

[Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) *acho que o principal aspeto é (...) o reforço do que é trabalhado por outro técnico (...) numa competência que é trabalhada na terapia da fala e depois que é trabalhada de forma mais sensorial, através da terapia ocupacional, portanto as vias de entrada de informação, as vias de acesso são outras, o objetivo é o mesmo, portanto este reforço penso que poderá fazer toda a diferença (...).*

Apêndice 5. Pré - Categorização da Entrevista à Terapeuta da Fala

1. [Percurso profissional] (...) *licenciei-me na Universidade do Algarve em Terapia da Fala (...)*
2. (...) *fui tentando complementar através de formações, de cursos, de formações pontuais, cursos avançados (...)*
3. (...) *atualmente estou a frequentar o mestrado em Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor (...)*
4. (...) *trabalho numa instituição (...) essencialmente em intervenção precoce (...)*
5. (...) *comecei essencialmente em centro de estudo a trabalhar com perturbações no domínio da leitura e da escrita, portanto dificuldades (...) dentro da aprendizagem formal da leitura e escrita (...).*
6. [Aspetos mais marcantes desse percurso] (...) *uma das áreas mais gratificantes é a articulação porque é uma área que em determinados casos temos resultados em seis sessões de intervenção, temos resultados muito rápidos e muito satisfatórios (...)*
7. (...) *destaco a área da alimentação que (...) na instituição é possível ver resultados mais rápidos (...).*
8. [Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *a grande maioria das crianças com que intervenho, podemos localiza-las na faixa etária até aos seis anos (...)*
9. (...) *a intervenção estende-se até aos dez anos (...)*
10. [Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *Sinto-me muito bem, muito gratificada, muito satisfeita (...)*
11. (...) *temos (...) uma grande facilidade em articularmo-nos (...) depois das sessões (...)*
12. (...) *há competências que se podem reforçar e que se articulam entre as terapias (...) temos muito esse cuidado de discutir casos, de perguntar, de pedir estratégias (...) entre os técnicos (...)*
13. [Importância da linguagem oral] (...) *a linguagem verbal (...) é de facto fundamental para que haja uma interação com os pares, para que haja uma estruturação do pensamento, porque a linguagem (...) permite a estruturação do pensamento e permite relacionarmo-nos (...)*

- 14.** (...) as crianças acabam por se desenvolver, (...) com base em muitos processos, nomeadamente de imitação, (...) mas para essa imitação é preciso eu conseguir olhar para (...) eu conseguir depois chegar lá e conseguir interagir e conseguir relacionar-me e a linguagem (...) verbal oral assegura-me isso, assegura-me essa possibilidade de interação social, de interação comunicativa e linguística (...) a linguagem vai aqui, ser de facto a ferramenta que ativa todo este processo, eu referi-me à pragmática (...) está na base das interações sociais e está na base da interação e da relação (...)
- 15.** (...) temos também o domínio da semântica, que é relativo ao significado, ao conteúdo das palavras e claro que as crianças (...) vão conhecendo o mundo, (...)
- 16.** (...) a fonologia (...) é um domínio essencial para depois aprendizagens futuras, nomeadamente a nível de aprendizagem formal da leitura e escrita, a fonologia é relativa aos sons (...) e pode resumir-se à capacidade de distinguir onomatopeias, portanto começa a ser um treino do ouvido a distinguir onomatopeias, distinguir sons do ambiente, portanto começa a haver esta preparação (...) para as crianças serem capazes de distinguir sons com características muito aproximadas (...)
- 17.** (...) outro domínio (...) é o morfosintático (...) a capacidade que eu tenho de perceber (...) é relativa à estrutura interna das palavras (...) aqui entram por exemplo a concordância entre género (...) e entram por exemplo os plurais, (...)
- 18.** (...) a sintaxe que tem a ver com a estrutura interna das frases, a capacidade que eu tenho para combinar as palavras entre si, (...) se eu conseguir estruturar o meu pensamento, eu consigo partilha-lo, eu consigo enquadrar um grupo, eu consigo progredir, (...) eu consigo compreender as mensagens que me são transmitidas (...).
- 19.** [Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) é necessário haver input, é necessário haver estímulo, (...) esse input começa num primeiro momento a ser feito pela mãe, que é o cuidador preferencial (...)
- 20.** (...) o fator ambiente, (...) tudo o que é (...) uma envolvência ambiental, (...) estímulos que veem do exterior (...)
- 21.** (...) falta de estimulação linguística (...)
- 22.** (...) risco ambiental (...)
- 23.** (...) um processo de superproteção (...)

24. (...) *risco biológico (...) situações médicas que são responsáveis por um défice cognitivo (...)*
25. (...) *síndromes (...) esse défice cognitivo já me vai criar algumas limitações (...) ao nível do desenvolvimento da linguagem, da aquisição e do desenvolvimento da linguagem (...)*
26. (...) *doenças metabólicas (...)*
27. [Importância da deteção precoce das perturbações da linguagem oral] (...) *a deteção precoce é essencial (...)*
28. (...) *a nível (...) de desenvolvimento global, (...) a privação de estimulação (...) a nível físico, a nível intelectual, a nível emocional é (...) uma constante e (...) numa situação concreta de atraso ao nível do desenvolvimento da linguagem, se nós conseguirmos dar (...) o input, a estimulação necessária para que aquele estádio (...) de desenvolvimento linguístico (...) com estimulação (...) em equipa multidisciplinar (...) podemos colmatar algumas lacunas (...)*
29. (...) *é muito importante (...) sinalização (...)*
30. (...) *percebermos que há ali uma necessidade, haver a avaliação (...) haver a intervenção adequada (...) articulação entre os membros da equipa (...)*
31. [Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) *o bem-estar (...) é resultado de uma interação social (...) é resultado da possibilidade de partilhar aquilo que penso, compreender aquilo que me dizem e desta reciprocidade, desta capacidade (...) de interação social, de pegar os turnos (...) de comunicação, de haver um ciclo de comunicação (...)*
32. (...) *uma criança que está num nível padrão, num nível desejado conseguirá interagir de forma adequada com os pares, conseguirá participar no jogo, nas brincadeiras em que todos os elementos, em que a grande maioria dos elementos participa (...) permite-me (...) inclusão (...)*
33. (...) *é de facto uma mais-valia para essa capacidade de fazer parte, de interagir, de pertencer a alguma coisa (...)*
34. [Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) *é essencial, se (...) pensarmos num*

ensino mais formal (...) vamos (...) a uma matemática (...) eu preciso de dominar muito bem tanto a capacidade de descodificação daquele código (...) para interpretar o (...) que me é pedido num determinado problema (...) no estudo do meio a linguagem também está muito presente (...) a linguagem não é só da língua portuguesa (...) não é só exclusiva da leitura e da escrita, é essencial para (...) todo o percurso escolar, para uma série de aprendizagens (...) por esta necessidade de eu compreender as mensagens que o meu interlocutor me transmite (...)

35. *(...) conseguir desenvolver um pensamento e que a linguagem me ajuda a estruturar (...) verbalmente para poder transmitir aquilo que penso e (...) interagir e (...) fazer parte (...)*

36. *(...) a linguagem é mesmo transversal a toda a aprendizagem, a toda a consolidação do conhecimento (...)*

37. *[Fatores favoráveis para a aquisição de um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) a nível da linguagem oral (...) passa pela chamada consciência fonológica (...) na faixa etária dos quatro anos (...) começo com segmentação silábica (...)*

38. *(...) depois vamos progredindo até chegarmos a um patamar mais complexo, mais exigente dentro da consciência fonológica a que chamamos consciência fonémica (...) treino do ouvido a nível de discriminação auditiva (...)*

39. *(...) isto depois com algumas associações porque as crianças são muito pequeninas (...) que às vezes é necessário associar determinados sons, pistas semânticas, por exemplo é o som zzzz que é o som da abelha (...) a pistas até visuais, a pistas cinestésicas utilizando o gesto (...)*

40. *(...) assim com este treino, desta capacidade de corresponder ao som, de fazer corresponder determinado som e distingui-lo dos outros, fazer corresponder um som a uma letra, nós falamos correspondência fonema grafema e depois vice-versa grafema fonema, é o patamar mais complexo dentro da consciência fonológica e é (...) um pré-requisito para a aquisição formal da leitura e escrita (...)*

41. *[Valorização da promoção do desenvolvimento da linguagem oral] (...) valorizo bastante (...) faço sempre questão de expandi-la um bocadinho (...) à linguagem verbal oral em particular estimulando a participação individual (...) começo a trabalhar um bocadinho o autoconceito, a autoestima, a capacidade de falar para um, para outros, para*

um pequeno até medio/grande grupo, para depois os conseguir preparar (...) depois para níveis de ensino um bocadinho mais à frente, portanto em que vai ser solicitado que vão ao quadro, que façam uma leitura, que participem de forma mais ativa (...)

42. *(...) ter o cuidado que eles reformulem sem os frustrar, que reformulem as frases, que tentem expandir um bocadinho o tamanho medio do enunciado, portanto que tentem construir uma frase mais correta, mais rica, mais completa (...) dentro da linguagem verbal oral (...).*

43. *[Importância da estimulação da linguagem oral no seu tempo devido] (...) é essencial (...) se não for uma questão de imaturidade à partida requiere de uma sinalização (...) uma avaliação atempada (...) uma intervenção o mais precoce possível (...)*

44. *(...) se agirmos dentro do tal período crítico do desenvolvimento linguístico (...) estamos (...) a aproveitar aquele período favorável (...) aquele boom de aquisição (...) e estamos realmente a conseguir (...) evitar que as lacunas se acumulem (...).*

45. *[Estratégias para a otimização das competências linguísticas] (...) a utilização do gesto precocemente (...) a utilização do gesto pode ser transversal ao desenvolvimento da criança (...) o gesto em etapas mais precoces acaba por estimular (...) estimula áreas responsáveis pela linguagem e pela fala (...) acho que o gesto a nível (...) de construção da frase, organiza bastante, dá-nos ali (...) um recurso que (...) permite segmentar a frase e que permite a produção de frases mais organizadas, mais estruturadas, mais corretas (...)*

46. *(...) a nível de aquisição de vocabulário (...) acabamos por ter ali uma representação que é (...) atrativa para as crianças. A nível de focar a atenção (...) também conseguimos bons resultados (...) o gesto encerra em si realmente muito conteúdo, muita informação a nível de perceção visual (...)*

47. *(...) também utilizo um programa de vocabulário, de linguagem o makaton que utilizo com crianças que têm muitas dificuldades ou com crianças que têm algumas questões (...) a nível da linguagem verbal oral (...) o makaton engloba a imagem, o símbolo e o gesto (...) e depois vamos construindo (...) gradualmente, o seu caderno de palavras, de conceitos (...) dá-me muito apoio em termos de intervenção ao nível da linguagem porque aquelas palavras vão ficar (...) a nível de conteúdo (...) a nível de articulação (...) é um trabalho muito interessante (...) e conseguimos (...) fazer assim um trabalho que vai acompanhando o próprio desenvolvimento da linguagem (...) essencialmente são esses dois recursos que utilizo (...)*

48. (...) *alguns símbolos do programa boardmaker* (...)
49. (...) *muitas imagens* (...)
50. [Equipa multidisciplinar como veículo facilitador do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *sem dúvida* (...) *as Educadoras de Infância* (...) *têm um papel* (...) *preponderante a nível de desenvolvimento da linguagem* (...)
51. (...) *a articulação entre os membros da equipa, permite-nos consolidar determinadas competências inerentes ao desenvolvimento da linguagem* (...) *havendo* (...) *feed-back e* (...) *articulação* (...) *os resultados surgem de forma mais eficaz. Aqui temos* (...) *um membro da equipa que está em falta* (...) *que é termos a parceria de um outro elemento essencial que seria a família* (...) *ai teríamos um sucesso* (...) *à partida garantido* (...)
52. (...) *depois é sempre a componente emocional* (...) *este papel da questão emocional* (...) *que compromete o sucesso, apesar desta articulação que acontece sempre entre os elementos* (...)
53. [Estratégias para a promoção da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *o gesto pode ser um recurso essencial* (...)
54. (...) *gosto bastante de utilizar histórias* (...)
55. (...) *música* (...)
56. (...) *vídeos* (...)
57. (...) *o método dos cartões* (...) *utilizo este método que vai buscar um bocadinho o trabalho, a nível da consciência fonológica* (...) *neste método* (...) *há imagens* (...) *pistas visuais associadas ao som, à onomatopeia e ao gesto* (...)
58. (...) *segmentar as palavras com sílabas* (...)
59. [Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) *pode acontecer* (...) *que as crianças que entram na instituição* (...) *já venham com informação ou de que estão a beneficiar de acompanhamento* (...) *procedemos então a uma avaliação, que poderá ser uma avaliação em equipa, poderá ser individualizada, portanto mais em relação a uma determinada área* (...)
60. (...) *A sinalização pode também ser feita entre colegas* (...)
61. [Local onde acontece a intervenção terapêutica] (...) *acontece em grupo* (...)

62. (...) *na sala de educação de infância (...)*
63. (...) *no gabinete de terapia da fala (...)*
64. (...) *há uma intervenção em equipa multidisciplinar (...) que é no momento (...) designado “aprender a mexer” com as crianças mais pequenas e depois crianças (...) de faixa etária um bocadinho superior “o aprender a brincar” (...) aí é feita no ginásio (...) em que (...) a equipa multidisciplinar está presente (...)*
65. (...) *há também um momento em que entra toda a equipa (...) são nas sessões de hidroterapia (...) na piscina, semanalmente (...)*
66. [Periodicidade e tempo de duração das terapias] (...) *geralmente as sessões rondam os quarenta e cinco minutos uma hora, para as crianças de faixas etárias superiores (...)*
67. (...) *crianças mais novas, geralmente ronda os trinta minutos (...)*
68. [Articulação entre os profissionais da equipa] (...) *temos (...) um bom hábito, de conversar informalmente (...)*
69. (...) *de conversar durante à hora de almoço (...)*
70. (...) *de conversar à porta do gabinete (...)*
71. (...) *quando terminamos as sessões partilharmos de forma muito abreviada (...)*
72. (...) *há (...) oportunidade de haver reuniões (...) mais formais em que estão os técnicos presentes, está a equipa presente (...).*
73. [Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) *acho que o principal aspeto é (...) o reforço do que é trabalhado por outro técnico (...) numa competência que é trabalhada na terapia da fala e depois que é trabalhada de forma mais sensorial, através da terapia ocupacional, portanto as vias de entrada de informação, as vias de acesso são outras, o objetivo é o mesmo, portanto este reforço penso que poderá fazer toda a diferença (...)*

Apêndice 6. Grelha de Categorização da Informação – Entrevista à Terapeuta da Fala

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES
1. CARACTERIZAÇÃO COMO PROFISSIONAL	1.1. Tempo de serviço	[Dois anos de serviço] (2)
	1.2. Formação inicial	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>licenciei-me na Universidade do Algarve em Terapia da Fala (...)</i> (1)
	1.3. Formação contínua	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>fui tentando complementar através de formações, de cursos, de formações pontuais, cursos avançados (...)</i> (3) • (...) <i>atualmente estou a frequentar o mestrado em Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor (...)</i> (4)
	1.4. Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>trabalho numa instituição (...)</i> essencialmente em intervenção precoce (...) (5) • (...) <i>comecei essencialmente em centro de estudo a trabalhar com perturbações no domínio da leitura e da escrita, portanto dificuldades (...)</i> dentro da aprendizagem formal da leitura e escrita (...) (6)
	1.5. Aspectos mais marcantes desse percurso	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>uma das áreas mais gratificantes é a articulação porque é uma área que em determinados casos temos resultados em seis sessões de intervenção, temos resultados muito rápidos e muito satisfatórios (...)</i> (7) • (...) <i>destaco a área da alimentação que (...)</i> na instituição é possível ver resultados mais rápidos (...) (8)
	1.6. Nível etário das crianças com que intervém	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>a grande maioria das crianças com que intervenho podemos localizá-las na faixa etária até aos seis anos (...)</i> (13) • (...) <i>a intervenção estende-se até aos dez anos (...)</i> (14)
2. VALORIZAÇÃO ATRIBUÍDA AO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL	2.1. Importância atribuída ao desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>a linguagem verbal (...)</i> é de facto fundamental para que haja uma interação com os pares, para que haja uma estruturação do pensamento, porque a linguagem (...) permite a estruturação do pensamento e permite relacionarmo-nos (...) (17) • (...) <i>as crianças acabam por se desenvolver (...)</i> com base em muitos processos, nomeadamente de imitação (...) (18)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>mas para essa imitação é preciso eu conseguir olhar para (...) e conseguir depois chegar lá e conseguir interagir e conseguir relacionar-me (...) (19)</i> • (...) <i>a linguagem (...) verbal oral assegura-me isso, assegura-me essa possibilidade de interação social, de interação comunicativa e linguística (...) (20)</i> • (...) <i>a linguagem vai aqui ser, de facto, a ferramenta que ativa todo este processo (...) (21)</i> • (...) <i>eu referi-me à pragmática (...) está na base das interações sociais e está na base da interação e da relação (...) (22)</i> • (...) <i>temos também o domínio da semântica, que é relativo ao significado, ao conteúdo das palavras e claro que as crianças (...) vão conhecendo o mundo (...) (23)</i> • (...) <i>a fonologia (...) é um domínio essencial para depois aprendizagens futuras, nomeadamente a nível de aprendizagem formal da leitura e escrita, a fonologia é relativa aos sons (...) e pode resumir-se à capacidade de distinguir onomatopeias, portanto começa a ser um treino do ouvido a distinguir onomatopeias, distinguir sons do ambiente, portanto começa a haver esta preparação (...) para as crianças serem capazes de distinguir sons com características muito aproximadas (...) (24)</i> • (...) <i>outro domínio (...) é o morfossintático (...) a capacidade que eu tenho de perceber (...) é relativa à estrutura interna das palavras (...) aqui entram por exemplo a concordância entre género (...) e entram por exemplo os plurais (...) (25)</i> • (...) <i>a sintaxe que tem a ver com a estrutura interna das frases, a capacidade que eu tenho para combinar as palavras entre si (...) se eu conseguir estruturar o meu pensamento, eu consigo partilhá-lo, eu consigo enquadrar um grupo, eu consigo progredir (...) eu consigo compreender as mensagens que me são transmitidas (...) (26)</i>
--	--	--

	<p>2.2. Valorização atribuída à estimulação da linguagem oral</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) valorizo bastante (...) faço sempre questão de expandi-la um bocadinho (...) à linguagem verbal oral em particular estimulando a participação individual (...) (58) • (...) começo a trabalhar um bocadinho o autoconceito, a autoestima, a capacidade de falar para um, para outros, para um pequeno até medio/grande grupo, para depois os conseguir preparar (...) (59) • (...) depois para níveis de ensino um bocadinho mais à frente, portanto em que vai ser solicitado que vão ao quadro, que façam uma leitura, que participem de forma mais ativa (...) (60) • (...) ter o cuidado que eles reformulem sem os frustrar, que reformulem as frases, que tentem expandir um bocadinho o tamanho médio do enunciado, portanto que tentem construir uma frase mais correta, mais rica, mais completa (...) dentro da linguagem verbal oral (...) (61)
	<p>2.3. Importância da estimulação da linguagem oral no seu tempo devido</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) é necessário haver input, é necessário haver estímulo (...) (27) • (...) esse input começa num primeiro momento a ser feito pela mãe, que é o cuidador preferencial (...) (28) • (...) é essencial (...) se não for uma questão de imaturidade à partida requiere de uma sinalização (...) (62) • (...) uma avaliação atempada (...) (63) • (...) uma intervenção o mais precoce possível (...) (64) • (...) se agirmos dentro do tal período crítico do desenvolvimento linguístico (...) estamos (...) a aproveitar aquele período favorável (...) aquele boom de aquisição (...) (65) • (...) estamos realmente a conseguir (...) evitar que as lacunas se acumulem (...) (66)
	<p>2.4. Causas das perturbações no desenvolvimento da linguagem oral</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) o fator ambiente (...) tudo o que é (...) uma envolvimento ambiental (...) estímulos que vêm do exterior (...) (29) • (...) falta de estimulação linguística (...) (30) • (...) risco ambiental (...) (31) • (...) um processo de superproteção (...) (32) • (...) risco biológico (...) (33)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>situações médicas que são responsáveis por um défice cognitivo (...) (34)</i> • (...) <i>síndromes (...) (35)</i> • (...) <i>esse défice cognitivo já me vai criar algumas limitações, (...) ao nível do desenvolvimento da linguagem, da aquisição e do desenvolvimento da linguagem (...) (36)</i> • (...) <i>doenças metabólicas (...) (37)</i> • (...) <i>a privação de estimulação (...) a nível físico, a nível intelectual, a nível emocional (...) (39)</i> •
	<p>2.5. Importância da deteção precoce de perturbações ao nível da linguagem oral</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>a deteção precoce é essencial (...) (38)</i> • (...) <i>numa situação concreta de atraso ao nível do desenvolvimento da linguagem, se nós conseguirmos dar (...) o input, a estimulação necessária para que aquele estádio (...) de desenvolvimento linguístico (...) com estimulação (...) em equipa multidisciplinar (...) podemos colmatar algumas lacunas (...) (40)</i> • (...) <i>é muito importante (...) (41)</i> • (...) <i>sinalização (...) percebermos que há ali uma necessidade (...) (42)</i> • (...) <i>haver a avaliação (...) (43)</i> • (...) <i>haver intervenção adequada (...) (44)</i> • (...) <i>articulação entre os membros da equipa (...) (45)</i>
	<p>2.6. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e o bem-estar da criança</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>o bem-estar (...) é resultado de uma interação social (...) é resultado da possibilidade de partilhar aquilo que penso, compreender aquilo que me dizem e desta reciprocidade, desta capacidade (...) de interação social, de pegar os turnos (...) de comunicação, de haver um ciclo de comunicação (...) (46)</i> • (...) <i>uma criança que está num nível padrão, num nível desejado conseguirá interagir de forma adequada com os pares, conseguirá participar no jogo, nas brincadeiras em que todos os elementos, em que a grande maioria dos elementos participa (...) (47)</i> • (...) <i>permite-me (...) inclusão (...) (48)</i> • (...) <i>é de facto uma mais-valia para essa capacidade de fazer parte, de interagir, de pertencer a alguma coisa (...) (49)</i>

	<p>2.7. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>é essencial, se (...) pensarmos num ensino mais formal (...) vamos (...) a uma matemática (...) eu preciso de dominar muito bem tanto a capacidade de descodificação daquele código (...) para interpretar o (...) que me é pedido num determinado problema (...)</i> (50) • (...) <i>no estudo do meio a linguagem também está muito presente (...)</i> (51) • (...) <i>a linguagem não é só da língua portuguesa (...) não é só exclusiva da leitura e da escrita, é essencial para (...) todo o percurso escolar, para uma série de aprendizagens (...) por esta necessidade de eu compreender as mensagens que o meu interlocutor me transmite (...)</i> (52) • (...) <i>conseguir desenvolver um pensamento e que a linguagem me ajuda a estruturar (...) verbalmente para poder transmitir aquilo que penso (...) interagir (...) fazer parte (...)</i> (53) • (...) <i>a linguagem é mesmo transversal a toda a aprendizagem, a toda a consolidação do conhecimento (...)</i> (54)
<p>3. ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA A PROMOÇÃO DA LINGUAGEM ORAL/ESCRITA</p>	<p>3.1. Princípios para a aquisição de um bom desempenho na linguagem oral/escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>a nível da linguagem oral (...) passa pela chamada consciência fonológica (...) na faixa etária dos quatro anos (...) começo com segmentação silábica (...) depois vamos progredindo até chegarmos a um patamar mais complexo, mais exigente dentro da consciência fonológica a que chamamos consciência fonémica (...)</i> (55) • (...) <i>treino do ouvido a nível de discriminação auditiva (...) isto depois com algumas associações porque as crianças são muito pequeninas (...) que às vezes é necessário associar determinados sons, pistas semânticas, por exemplo é o som zzzz que é o som da abelha (...)</i> (56) • (...) <i>a pistas até visuais, a pistas cinestésicas utilizando o gesto (...) assim com este treino, desta capacidade de corresponder ao som, de fazer corresponder determinado som e distingui-lo dos outros, fazer corresponder um som a uma letra, nós falamos correspondência fonema grafema e depois vice-versa grafema fonema, é o patamar mais complexo dentro da consciência fonológica e é (...) um pré-requisito para a aquisição formal da leitura e escrita (...)</i> (57)
	<p>3.2. Utilização de pedagogia diferenciada</p>	

	<p>3.3. Estratégias para a otimização das competências linguísticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a utilização do gesto precocemente (...) a utilização do gesto pode ser transversal ao desenvolvimento da criança (...) o gesto em etapas mais precoces acaba por estimular (...) estimula áreas responsáveis pela linguagem e pela fala (...) (67) • (...) acho que o gesto a nível (...) de construção da frase, organiza bastante, dá-nos ali (...) um recurso que (...) permite segmentar a frase e que permite a produção de frases mais organizadas, mais estruturadas, mais corretas (...) (68) • (...) a nível de aquisição de vocabulário (...) acabamos por ter ali uma representação que é (...) atrativa para as crianças (...) (69) • (...) A nível de focar a atenção (...) também conseguimos bons resultados (...) (70) • (...) o gesto encerra em si realmente muito conteúdo, muita informação a nível de perceção visual (...) (71) • (...) também utilizo um programa de vocabulário, de linguagem o Makaton que utilizo com crianças que têm muitas dificuldades ou com crianças que têm algumas questões (...) a nível da linguagem verbal oral (...) o Makaton engloba a imagem, o símbolo e o gesto (...) (72) • (...) e depois vamos construindo (...) gradualmente, o seu caderno de palavras, de conceitos (...) dá-me muito apoio em termos de intervenção ao nível da linguagem porque aquelas palavras vão ficar (...) (73) • (...) a nível de conteúdo (...) (74) • (...) a nível de articulação (...) (75) • (...) alguns símbolos do programa Boardmaker (...) (76) • (...) muitas imagens (...) (77) • (...) o gesto pode ser um recurso essencial (...) (82) • (...) gosto bastante de utilizar histórias (...) (83) • (...) música (...) (84) • (...) vídeos (...) (85) • (...) o método dos cartões (...) utilizo este método que vai buscar um bocadinho o trabalho, a nível da consciência fonológica (...) neste
--	---	---

		<p><i>método (...) há imagens (...) pistas visuais associadas ao som, à onomatopeia e ao gesto (...) (86)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>segmentar as palavras com sílabas (...) (87)</i>
	<p>3.4. Equipe multidisciplinar como veículo facilitador da promoção da linguagem oral/escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>sem dúvida (...) as educadoras de infância (...) têm um papel (...) preponderante a nível de desenvolvimento da linguagem (...) (78)</i> • (...) <i>a articulação entre os membros da equipa, permite-nos consolidar determinadas competências inerentes ao desenvolvimento da linguagem (...) havendo (...) feedback e (...) articulação (...) os resultados surgem de forma mais eficaz (...) (79)</i> • (...) <i>Aqui temos (...) um membro da equipa que está em falta (...) que é termos a parceria de um outro elemento essencial que seria a família (...) aí teríamos um sucesso (...) à partida garantido (...) (80)</i> • (...) <i>depois é sempre a componente emocional (...) este papel da questão emocional (...) que compromete o sucesso, apesar desta articulação que acontece sempre entre os elementos (...) (81)</i>
<p>4. ORGANIZAÇÃO DA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR</p>	<p>4.1. Modo de funcionamento da equipa multidisciplinar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>há competências que se podem reforçar e que se articulam entre as terapias (...) (15)</i> • (...) <i>temos muito esse cuidado de discutir casos, de perguntar, de pedir estratégias (...) entre os técnicos (...) (16)</i>
	<p>4.2. Sinalização das crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>pode acontecer (...) que as crianças que entram na instituição (...) já venham com informação (...) de que estão a beneficiar de acompanhamento (...) procedemos então a uma avaliação, que poderá ser uma avaliação em equipa, poderá ser individualizada, portanto mais em relação a uma determinada área (...) (88)</i> • <i>A sinalização pode também ser feita entre colegas (...) (89)</i>
	<p>4.3. Local (ais) onde acontece a intervenção terapêutica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>acontece em grupo, na sala de educação de infância (...) (90)</i> • (...) <i>no gabinete de terapia da fala (...) (91)</i> • (...) <i>há uma intervenção em equipa multidisciplinar (...) que é no momento (...) designado “aprender a mexer” com as crianças mais pequenas (...) (92)</i> • (...) <i>depois crianças (...) de faixa etária um bocadinho superior “o aprender a brincar” (...) aí é feita no ginásio (...) em que (...) a equipa multidisciplinar está presente (...) (93)</i>

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>há também um momento em que entra toda a equipa (...) são nas sessões de hidroterapia (...) na piscina, semanalmente (...) (94)</i>
	4.4. Formas de intervenção terapêutica	
	4.5. Periodicidade e duração da intervenção terapêutica	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>geralmente as sessões rondam os quarenta e cinco minutos uma hora, para as crianças de faixas etárias superiores (...) (95)</i> • (...) <i>crianças mais novas, geralmente ronda os trinta minutos (...) (96)</i>
	4.6. Articulação entre os técnicos	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>temos (...) um bom hábito, de conversar informalmente (...) (97)</i> • (...) <i>de conversar durante à hora de almoço (...) (98)</i> • (...) <i>de conversar à porta do gabinete (...) (99)</i> • (...) <i>quando terminamos as sessões partilharmos de forma muito abreviada (...) (100)</i> • (...) <i>há (...) oportunidade de haver reuniões (...) mais formais em que estão os técnicos presentes, está a equipa presente (...) (101)</i>
	4.7. Vantagens para o sucesso educativo das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>acho que o principal aspeto é (...) o reforço do que é trabalhado por outro técnico (...) numa competência que é trabalhada na terapia da fala e depois que é trabalhada de forma mais sensorial, através da terapia ocupacional (...) (102)</i> • (...) <i>portanto as vias de entrada de informação, as vias de acesso são outras, o objetivo é o mesmo, portanto este reforço penso que poderá fazer toda a diferença (...) (103)</i>
	4.8. Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>sinto-me muito bem (...) (9)</i> • (...) <i>muito gratificada (...) (10)</i> • (...) <i>muito satisfeita (...) (11)</i> • (...) <i>temos (...) uma grande facilidade em articularmo-nos (...) depois das sessões (...) (12)</i>

Apêndice 7. Categorização das entrevistas – Quadro comparativo

CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS (Quadro Comparativo)											
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES	T.F.	E.I.	T.O.	P.E.E.	P.E.B.	PS.	F.T.	TOTAL	
1. CATEGORIZAÇÃO COMO PROFISSIONAL	1.1. Tempo de serviço	• (...) <i>dois anos de serviço</i> (...)	X							1	
		• (...) <i>vinte e nove [anos de serviço]</i> (...)		X						1	
		• (...) <i>vai fazer três anos em julho</i> (...)			X					1	
		• (...) <i>vou fazer seis anos (...) de tempo de serviço</i> (...)				X				1	
		• (...) [Trinta e quatro anos] (...)					X			1	
		• (...) <i>trabalho há dezasseis anos</i> (...)						X		1	
	1.2. Formação inicial	• (...) [licenciatura em] <i>terapia da fala</i> (...)	X								1
		• (...) <i>bacharelato em educação de infância</i> (...)		X							1
		• (...) <i>licenciatura [terapia ocupacional]</i> (...)			X						1
1.3. Formação contínua	• (...) <i>professora do primeiro ciclo do ensino básico</i> (...)				X	X		X		2	
	• (...) [licenciatura em] <i>psicologia clínica</i> (...)							X		1	
	• (...) [licenciatura em] <i>fisioterapia</i> (...)								X	1	
	• (...) <i>formações (...) cursos (...) formações pontuais, cursos avançados (...) workshops (...) congressos (...) complemento de formação</i> (...)	X	X	X	X	X	X	X	X	7	
	• (...) <i>a frequentar o mestrado em Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor</i> (...)	X								1	
	• (...) <i>o curso da Baby Sense</i> (...)		X							1	
	• (...) <i>pós-graduação (...) em neuropsicologia pediátrica</i> (...)			X						1	
	• (...) <i>especialização na educação especial, no domínio cognitivo e motor</i> (...)					X	X			1	
	• (...) [especialização] <i>no domínio da visão</i> (...)					X	X			1	
	• (...) <i>formação a nível da intervenção precoce</i> (...)					X	X			1	
• (...) <i>formação na área do movimento da escola moderna</i> (...)						X			1		
• (...) <i>pós-graduação em Educação Social</i> (...)									1		
• (...) <i>formações complementares (...) na área da fisioterapia em pediatria</i> (...)									1		
• (...) <i>na área da hidroterapia (...) tudo muito centrado na pediatria</i> (...)									1		

	1.4. Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • (...) trabalho numa instituição (...) essencialmente em intervenção precoce (...) • (...) comecei (...) em centro de estudo a trabalhar com perturbações no domínio da leitura e da escrita (...) • (...) tem havido uma panóplia de contextos (...) • (...) antes (...) de vir trabalhar para a instituição estive um mês a trabalhar num lar, com idosos (...) • (...) Sou contratada (...) • (...) professora do quadro do agrupamento (...) • (...) estive em várias escolas do Algarve (...) • (...) sempre trabalhei no mesmo local (...) Numa instituição de acolhimento temporário (...) • (...) grande parte do meu trabalho é em contexto institucional (...) • (...) também tenho prática clínica privada (...) 	X X	X	X	X	X X X X			1 1 1 1 1 1 1 1 1
	1.5. Aspetos mais marcantes desse percurso	<ul style="list-style-type: none"> • (...) uma das áreas mais gratificantes é a articulação (...) • (...) destaco a área da alimentação que (...) na instituição é possível ver resultados mais rápidos (...) • (...) o facto de poder intervir com crianças com multideficiência incluídas nos grupos (...) • (...) o facto de poder trabalhar em parceria com uma equipa multidisciplinar e poder desenvolver projetos mútuos (...) • (...) o agradecimento das pessoas, dos idosos e o reconhecimento (...) do nosso trabalho (...) • (...) a alegria das crianças, o quanto elas gostam de trabalhar connosco, ter uma relação que não é estritamente (...) terapêutica (...) • (...) o gratificante é ver que o nosso trabalho ajuda na vida destas pessoas e ver que as pessoas reconhecem isso e que agradecem (...) • (...) todos eles foram gratificantes (...) • (...) integrei uma equipa (...) da intervenção precoce no Funchal (...) [e] adquiri as minhas bases enquanto docente da educação especial (...) • (...) comecei por (...) fazer (...) uma oficina no Movimento da Escola Moderna (...) essa oficina deu-me muita segurança no que diz respeito (...) à iniciação à leitura/escrita (...) 	X X	X X	X X	X X	X X			1 1 1 1 1 1 1 1

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) fiz (...) a minha opção com o método global (...) e ao longo dos anos (...) tem sido um desenvolvimento sempre nessa linha (...) • (...) o trabalho com as crianças, que é extremamente gratificante, a sua capacidade de mudança, a sua capacidade de resiliência (...) é o que me motiva a trabalhar (...) • (...) tudo o que tem a ver com o funcionamento do centro de acolhimento (...) • (...) é a experiência profissional com crianças (...) • (...) principalmente crianças com necessidades especiais (...) 					X				1	
	1.6. Nível etário das crianças com que intervém	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a grande maioria das crianças (...) na faixa etária até aos seis anos (...) • (...) Dos zero aos doze anos (...) • (...) o mais pequenino seis meses até ao mais velhinho, oito anos (...) • (...) a mais nova (...) é uma aluna de primeiro ano (...) até aos mais velhos (...) • (...) já acompanhei crianças ainda mais novas (...) com dois anos e meio (...) • (...) crianças do primeiro ciclo (...) 	X X	X		X			X			1 3 2 1 1 1
2. VALORIZAÇÃO ATRIBUÍDA AO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL	2.1. Importância atribuída ao desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a linguagem verbal (...) é (...) fundamental para que haja uma interação com os pares (...) • (...) as crianças acabam por se desenvolver (...) com base em (...) imitação • (...) a linguagem (...) verbal oral (...) assegura-me essa possibilidade de interação social, de interação comunicativa e linguística (...) • (...) a linguagem vai (...) ser (...) a ferramenta que ativa todo este processo (...) • (...) a pragmática (...) está na base das interações sociais e está na base da interação e da relação (...) • (...) o domínio da semântica, que é relativo ao significado, ao conteúdo das palavras e claro que as crianças (...) vão conhecendo o mundo (...) • (...) a fonologia (...) é um domínio essencial para depois aprendizagens futuras, nomeadamente a nível de aprendizagem formal da leitura e escrita, a fonologia é relativa aos sons (...) 	X X X X X X	X X X	X			X	X	X		6 1 2 2 1 1 2

	2.2. Valorização atribuída à estimulação da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) valorizo bastante (...)faço sempre questão de expandir um bocadinho (...) à linguagem verbal oral em particular estimulando a participação individual (...) • (...) começo a trabalhar um bocadinho o autoconceito, a autoestima, a capacidade de falar para um, para outros, para um pequeno até médio/grande grupo, para depois os conseguir preparar (...) • (...) depois para níveis de ensino um bocadinho mais à frente, portanto em que vai ser solicitado que vão ao quadro, que façam uma leitura, que participem de forma mais ativa (...) • (...) ter o cuidado que eles reformulem sem os frustrar, que reformulem as frases, que tentem expandir um bocadinho o tamanho médio do enunciado, portanto que tentem construir uma frase mais correta, mais rica, mais completa (...) dentro da linguagem verbal oral (...) • (...) ter um ambiente social e emocional favorável (...) • (...) ter bons modelos (...) • (...) estimulação que recebem depois na escola também é muito importante (...) • (...) tem de ter a estrutura anatómica (...) • (...) a parte auditiva/cognitiva também (...) influenciam 	X		X		X		X	4
			X							1
			X							1
			X							1
					X				X	2
					X				X	3
					X					1
					X					1
					X					1
					X					1
	2.3. Importância da estimulação da linguagem oral no seu tempo devido	<ul style="list-style-type: none"> • (...) é necessário haver input, é necessário haver estímulo (...) • (...) esse input começa num primeiro momento a ser feito pela mãe, que é o cuidador preferencial (...) • (...) é essencial (...) se não for uma questão de imaturidade à partida requer de uma sinalização (...) • (...) uma avaliação atempada (...) • (...) uma intervenção o mais precoce possível (...) • (...) se agirmos dentro do tal período crítico do desenvolvimento linguístico (...) estamos (...) a aproveitar aquele período favorável (...) aquele boom de aquisição (...) • (...) estamos realmente a conseguir (...) evitar que as lacunas se acumulem (...) 	X				X		2	
				X					1	
				X				X	2	
				X					1	
				X					1	
				X				X	2	
				X				X	2	

2.4. Causas das perturbações no desenvolvimento da linguagem oral	• (...) o fator ambiente (...) tudo o que é (...) uma envolverência ambiental (...) estímulos que vêm do exterior (...)	X	X	X	X		X	X	6
	• (...) falta de estimulação linguística (...)	X						X	2
	• (...) um processo de superproteção (...)	X							1
	• (...) risco biológico (...)	X							1
	• (...) situações médicas que são responsáveis por um défice cognitivo (...)	X			X				2
	• (...) síndromes (...)	X	X	X			X	X	5
	• (...) défice cognitivo (...) vai criar algumas limitações (...) ao nível (...) da aquisição e do desenvolvimento da linguagem (...)	X					X	X	3
	• (...) doenças metabólicas (...)	X	X	X					3
	• (...) a parte afetiva, emocional condiciona (...)		X	X					2
	• (...) défice a nível de atenção/concentração (...)		X	X	X				3
	• (...) instabilidade global, obviamente que a área da linguagem é afetada (...)		X						1
	• (...) falta de tempo para se trabalhar de forma individualizada (...)		X						1
	• (...) défices auditivos (...)				X				1
	• (...) paralisia cerebral (...)				X			X	2
	• (...) crises epiléticas (...)				X				1
2.5. Importância da deteção precoce de perturbações ao nível da linguagem oral	• (...) a deteção precoce é essencial (...)	X		X			X	X	4
	• (...) sinalização (...) percebermos que há ali uma necessidade (...)	X			X				2
	• (...) haver a avaliação (...)	X							1
	• (...) haver intervenção adequada (...)	X		X				X	3
	• (...) articulação entre os membros da equipa (...)	X							1
2.6. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e o bem-estar da criança	• (...) o bem-estar (...) é resultado de uma interação social (...) é resultado da possibilidade de partilhar aquilo que penso, compreender aquilo que me dizem e desta reciprocidade, desta capacidade (...) de interação social, de pegar os turnos (...) de comunicação, de haver um ciclo de comunicação (...)	X	X	X	X		X		5
	• (...) uma criança que está num nível padrão, num nível desejado conseguirá interagir de forma adequada com os pares, conseguirá participar no jogo, nas brincadeiras em que todos os elementos, em que a grande maioria dos elementos participa (...)	X							1
	• (...) permite-me (...) inclusão (...)	X			X				1

		<ul style="list-style-type: none"> (...) é a forma como melhor comunicamos uns com os outros (...) (...) é uma fonte de autoestima (...) 					X		X	2
	2.7. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> (...) a linguagem não é só da língua portuguesa (...) não é só exclusiva da leitura e da escrita, é essencial para (...) todo o percurso escolar, para uma série de aprendizagens (...) por esta necessidade de eu compreender as mensagens que o meu interlocutor me transmite (...) (...) conseguir desenvolver um pensamento e que a linguagem me ajuda a estruturar (...) verbalmente para poder transmitir aquilo que penso (...) interagir (...) fazer parte (...) (...) a linguagem é mesmo transversal a toda a aprendizagem, a toda a consolidação do conhecimento (...) (...) uma boa linguagem oral (...) pode condicionar uma boa linguagem escrita (...) 	X	X	X	X				4
			X					X		2
			X	X	X	X	X			5
								X		1
3. ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA A PROMOÇÃO DA LINGUAGEM ORAL/ESCRITA	3.1. Princípios para a aquisição de um bom desempenho na linguagem oral/escrita	<ul style="list-style-type: none"> (...) a nível da linguagem oral (...) passa pela chamada consciência fonológica (...) na faixa etária dos quatro anos (...) começo com segmentação silábica (...) depois vamos progredindo até chegarmos a um patamar mais complexo, mais exigente dentro da consciência fonológica a que chamamos consciência fonémica (...) (...) treino do ouvido a nível de discriminação auditiva (...) isto depois com algumas associações porque as crianças são muito pequeninas (...) que às vezes é necessário associar determinados sons, pistas semânticas, por exemplo é o som zzzz que é o som da abelha (...) (...) a pistas até visuais, a pistas cinestésicas utilizando o gesto (...) assim com este treino, desta capacidade de corresponder ao som, de fazer corresponder determinado som e distingui-lo dos outros, fazer corresponder um som a uma letra, nós falamos correspondência fonema grafema e depois vice-versa grafema fonema, é o patamar mais complexo dentro da consciência fonológica e é (...) um pré-requisito para a aquisição formal da leitura e escrita (...) (...) na minha dinâmica (...) do quotidiano, pedagógica (...) temos sempre presente também texto escrito, isto porque é importante escrever (...) (...) a criança (...) ao escrever (...) vai fortalecer a memória, vai recordar, vai valorizar mais o que é escrito, o que foi dito e depois escrito (...) 	X			X				2
			X							1
			X	X						2
					X					1
			X							1

		<ul style="list-style-type: none"> (...) e estamos já (...) quando se escreve a trabalhar os pré-requisitos para uma aprendizagem da leitura e da escrita, se a leitura é verbal a escrita (...) promove isso (...) (...) Se a criança tiver uma boa linguagem oral (...) provavelmente a probabilidade de ter uma boa aprendizagem da leitura e da escrita é muito elevada (...) 		X		X					2
				X							1
	3.2. Utilização de uma pedagogia diferenciada	<ul style="list-style-type: none"> (...) já tenho tido crianças que (...) apresentam (...) patologias, síndromes que necessitam (...) de (...) um código de imagem (...) da mímica (...) para (...) promover a linguagem oral e também para ajudar a comunicar com os outros, quer com pares quer com adultos (...) (...) são crianças que têm um grande atraso a nível de desenvolvimento da linguagem e eu usei (...) portanto o Makaton (...) é um método (...) facilitador da comunicação (...) (...) mas sempre utilizando a palavra. (...) a linguagem oral associada ao gesto, em simultâneo (...) (...) uso pedagogia diferenciada com todos até, cada um com as suas problemáticas ou com as suas necessidades (...) 	X		X					2	
			X								1
			X								1
							X				1
	3.3. Estratégias para a otimização das competências linguísticas	<ul style="list-style-type: none"> (...) a utilização do gesto precocemente (...) a utilização do gesto pode ser transversal ao desenvolvimento da criança (...) o gesto em etapas mais precoces acaba por estimular (...) estimula áreas responsáveis pela linguagem e pela fala (...) (...) o gesto a nível (...) de construção da frase, organiza bastante, dá-nos ali (...) um recurso que (...) permite segmentar a frase e que permite a produção de frases mais organizadas, mais estruturadas, mais corretas (...) (...) a nível de aquisição de vocabulário (...) acabamos por ter ali uma representação que é (...) atrativa para as crianças (...) (...) A nível de focar a atenção (...) também conseguimos bons resultados (...) (...) o gesto encerra em si realmente muito conteúdo, muita informação a nível de perceção visual (...) (...) também utilizo um programa de vocabulário, de linguagem o Makaton que utilizo com crianças que têm muitas dificuldades ou com crianças que têm algumas questões (...) a nível da linguagem verbal oral (...) o Makaton engloba a imagem, o símbolo e o gesto (...) 	X							1	
			X								1
			X								1
			X								1
			X								1
			X								1

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) depois vamos construindo (...) gradualmente, o seu caderno de palavras, de conceitos (...) dá-me muito apoio em termos de intervenção ao nível da linguagem porque aquelas palavras vão ficar (...) • (...) a nível de conteúdo (...) • (...) a nível de articulação (...) • (...) alguns símbolos do programa Boardmaker (...) • (...) muitas imagens (...) • (...) o gesto pode ser um recurso essencial (...) • (...) gosto bastante de utilizar histórias (...) • (...) música [canções] (...) • (...) vídeos (...) • (...) o método dos cartões (...) utilizo este método que vai buscar um bocadinho o trabalho, a nível da consciência fonológica (...) neste método (...) há imagens (...) pistas visuais associadas ao som, à onomatopeia e ao gesto (...) • (...) segmentar as palavras com sílabas (...) • (...) é muito importante haver um espaço de concentração (...) de acolhimento (...) aonde as crianças partilham verbalmente (...) corporalmente, a nível de linguagem corporal, linguagem verbal (...) • (...) a nível de linguagem escrita, porque às vezes lê-se aquilo que foi escrito no dia anterior, aquilo que é importante para elas (...) • (...) É importante, também (...) haver (...) esta relação individualizada e (...) levar a criança a um cantinho para ela dizer (...) • (...) as nossas poesias (...) as nossas lengalengas (...) os trava-línguas (...) • (...) os nossos registos (...) escritos (...) com base em descrição, primeiro oral de vivências (...) sensações (...) • (...) expressões faciais (...) • (...) adequar estratégias em conjunto com a terapeuta da fala (...) • (...) formação a partir de palavras (...) • (...) reescritas (...) • (...) as frases que escrevem, as opiniões que dão (...) • (...) ler o que escreveram (...) • (...) associar o símbolo à palavra (...) 	X							1
			X							1
			X							1
			X							1
			X							1
			X	X	X			X		4
			X	X	X			X		4
			X	X	X			X		3
			X	X	X			X		3
			X							1
			X							1
			X		X			X		2
			X		X			X		2
			X		X			X		2
			X		X		X			2
			X		X		X			1
			X		X		X			2
			X		X	X		X		2
			X		X		X			1
			X		X		X			1
			X		X		X			1
			X		X		X			1

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) colocar o bebé de frente para nós, para ter a noção da entoação da nossa voz (...) • (...) um ambiente favorecedor da linguagem e que estimule a linguagem (...) 			X			X		1
					X				X	2
	3.4. Equipa multidisciplinar como veículo facilitador da promoção da linguagem oral/escrita	<ul style="list-style-type: none"> • (...) sem dúvida (...) as educadoras de infância (...) têm um papel (...) preponderante a nível de desenvolvimento da linguagem (...) • (...) a articulação entre os membros da equipa, permite-nos consolidar determinadas competências inerentes ao desenvolvimento da linguagem (...) havendo (...) feedback e (...) articulação (...) os resultados surgem de forma mais eficaz (...) • (...) Aqui temos (...) um membro da equipa que está em falta (...) que é termos a parceria de um outro elemento essencial que seria a família (...) aí teríamos um sucesso (...) à partida garantido (...) • (...) depois é sempre a componente emocional (...) este papel da questão emocional (...) que compromete o sucesso, apesar desta articulação que acontece sempre entre os elementos (...) • (...) porque (...) sozinhos não conseguimos tudo, há outras áreas que também são muito importantes para o desenvolvimento destas crianças (...) • (...) as (...) competências trabalhadas numa área vão ajudar ao desenvolvimento das de outra área e trabalhando todos em conjunto é mais fácil (...) • (...) porque às vezes a base não é bem terapia da fala ou a base não é bem terapia ocupacional, é um misto e uma trabalha uma questão, outra outra e é mais fácil chegar lá (...) • (...) todos nós temos uma visão diferente e temos uma forma diferente de trabalhar a criança (...) 	X							1
			X							1
			X							1
			X							1
					X					1
					X					1
						X				1
								X		1
4. ORGANIZAÇÃO DA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR	4.1. Modo de funcionamento da equipa multidisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> • (...) há competências que se podem reforçar e que se articulam entre as terapias (...) • (...) temos muito esse cuidado de discutir casos, de perguntar, de pedir estratégias (...) entre os técnicos (...) • (...) Como trabalho de equipa mesmo (...) marcam-se reuniões para definir novas estratégias com alunos (...) 	X							1
			X							1
						X				1

		<ul style="list-style-type: none"> (...) dentro do possível conseguimos estar sempre que é necessário para traçar novas estratégias para os alunos e para haver um feedback (...) 				X				1
	4.2. Sinalização das crianças	<ul style="list-style-type: none"> (...) pode acontecer (...) que as crianças que entram na instituição (...) já venham com informação (...) de que estão a beneficiar de acompanhamento (...) procedemos então a uma avaliação, que poderá ser uma avaliação em equipa, poderá ser individualizada, portanto mais em relação a uma determinada área (...) (...) A sinalização pode também ser feita entre colegas (...) (...) é a educadora que (...) observa a necessidade daquela criança, ou dificuldade, que aquela criança tem (...) a nível quer de fala quer de linguagem e sinaliza (...) (...) muitas vezes nos corredores (...) encontros informais (...) (...) ou também (...) acontece reuniões formais (...) (...) quando nós vamos às salas em grupo, fazer grupos de motricidade que verificamos que aquela criança tem mais dificuldades ali numa área ou outra e decidimos avaliar (...) (...) pode ser feito por encaminhamento médico (...) (...) pode ser através das psicólogas (...) 	X X		X	X	X	X	X	3 4 3 2 1 1 1 1
	4.3. Local (ais) onde acontece a intervenção terapêutica	<ul style="list-style-type: none"> (...) acontece em grupo, na sala de educação de infância (...) (...) no gabinete de terapia da fala (...) (...) depois crianças (...) de faixa etária um bocadinho superior “o aprender a brincar” (...) aí é feita no ginásio (...) em que (...) a equipa multidisciplinar está presente (...) (...) há também um momento em que entra toda a equipa (...) são nas sessões de hidroterapia (...) na piscina, semanalmente (...) (...) acontece numa unidade que tem várias salas (...) (...) temos uma sala mais pequenina para crianças mais dispersas, que têm que ser mais contidas, menos (...) estímulos visuais e auditivos do ambiente para conseguirem estar mais dispostas (...) (...) temos uma sala maior (...) (...) [temos uma sala] só com mesa para trabalhar outras competências mais de motricidade fina, perceção visual (...) (...) e em contexto real (...) 	X X		X			X	X	4 1 3 3 3 1 1 1 1

	4.4. Materiais e equipamentos disponíveis para terapia	<ul style="list-style-type: none"> (...) essas salas (...) têm muito material de integração sensorial, muitos balouços, piscinas de bolas (...) 			X					1
	4.5. Formas de intervenção terapêutica	<ul style="list-style-type: none"> (...) há crianças que nós só acompanhamos em grupo, que são aquelas (...) que não foram sinalizadas (...) essas só beneficiam de grupo (...) (...) todas as crianças são acompanhadas (...) (...) outras em grupo e individualmente (...) (...) a sala dos cinco anos só tem as sessões de grupo de movimento orientado (...) (...) a sala dos quatro e dos três, para além das sessões de grupo do movimento orientado (...) também tem, uma vez por semana, as sessões de atividades da vida diária (...) (...) os bebês também têm uma sessão com a equipa, com as terapeutas todas uma vez por semana (...) (...) depois as fisioterapeutas também vão, outra vez por semana, à sala das educadoras. (...) 			X X X X X X		X X			2 1 2 1 1 1
	4.6. Periodicidade e duração da intervenção terapêutica	<ul style="list-style-type: none"> (...) duas vezes por semana, geralmente as sessões rondam os quarenta e cinco minutos uma hora, para as crianças de faixas etárias superiores (...) (...) crianças mais novas, geralmente ronda os trinta minutos (...) (...) Aquelas crianças que já não têm tantas dificuldades (...) acompanhamos às vezes, numa fase mais final quando já está próximo da alta, uma vez por semana (...) (...) há outras crianças mais especiais, como temos um caso que acompanhamos todos os dias, são também de quarenta e cinco minutos/uma hora, com o vestir e o despir, pois fazemos sempre essa parte (...) 	X X		X X X		X	X X		4 2 1 1
	4.7. Articulação entre as técnicas	<ul style="list-style-type: none"> (...) temos (...) um bom hábito, de conversar informalmente (...) (...) há (...) oportunidade de haver reuniões (...) mais formais em que estão os técnicos presentes, está a equipa presente (...) (...) as educadoras quando nós comunicamos mais é mesmo (...) [nas sessões de grupo], a não ser que tenhamos mesmo uma dúvida em específico que nos dirijamos mesmo às salas (...) para falar com a educadora (...) (...) no início do ano há sempre uma (...) reunião (...) com todos os intervenientes (...) 	X X		X X X		X X	X X		3 4 2 1

	4.9. Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar	• (...) <i>sinto-me muito bem</i> (...)	X		X	X		X		4	
		• (...) <i>muito gratificada</i> (...)	X		X		X	X		4	
		• (...) <i>temos (...) uma grande facilidade em articularmo-nos (...) depois das sessões</i> (...)	X								1
		• (...) <i>não tão sozinha</i> (...)		X							1
		• (...) <i>um pouco vazia (...) porque falta momentos de reflexão conjunta, momentos de partilha</i> (...)		X							1
		• (...) <i>de reflexão obviamente para reformular estratégias, reformular programas</i> (...)		X							1
		• (...) <i>acho que todos contribuimos um pouco para o mesmo objetivo</i> (...)				X		X	X		1
		• (...) <i>é sempre vantajoso</i> (...)				X		X	X		4
		• (...) <i>sentimos que o nosso trabalho (...) está a ser complementado</i> (...)						X			1

Apêndice 8. Protocolo da Entrevista à Educadora de Infância

Ent: O meu nome é Maria da Graça Dias Luísa Viegas, sou educadora de infância e encontro-me a frequentar o Mestrado de Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve.

No âmbito da disciplina de Dissertação de Mestrado, estou a realizar uma investigação centrada nas representações e expetativas de uma equipa multidisciplinar, no que respeita às perturbações do desenvolvimento da linguagem oral de crianças em risco.

Neste sentido, perspetivo conhecer as representações e expetativas da referida equipa quanto às perturbações do desenvolvimento da linguagem oral nas crianças em risco.

Desta forma, venho solicitar a sua colaboração na realização desta entrevista bem como a sua autorização para a transcrição da mesma. A sua participação será anónima e confidencial. Agradeço muito a sua colaboração.

Ent: Pronto então podemos iniciar. Qual é a sua idade?

Suj: Tenho 57 anos de idade.

Ent: E que tempo de serviço é que tem?

Suj: Vinte e nove.

Ent: Hum... já tem bastante tempo. O seu trabalho, enquanto profissional, tem sido sempre neste contexto institucional?

Suj: Contexto institucional, neste contexto não, mas tenho tido aaa... tem havido uma panóplia de contextos, desde o privado ao público e estando, portanto, aqui neste contexto institucional a trabalhar há vinte e poucos anos.

Ent: Tem acompanhado crianças de que idades?

Suj: Primeira e segunda infância, nomeadamente crianças com dois meses de idade até aos seis anos.

Ent: Quais os aspetos mais gratificantes, inovadores e marcantes ao longo do seu percurso profissional?

Suj: Sublinho como um dos aspetos mais marcantes no contexto da minha atividade profissional o facto de poder intervir com crianças com multideficiência incluídas nos grupos

com que trabalhei e destaco ainda o facto de poder trabalhar em parceria com uma equipa multidisciplinar e poder desenvolver projetos mútuos.

Ent: Muito bem. Como se sente enquanto membro desta equipa multidisciplinar?

Suj: Sinto-me não tão sozinha como é evidente, por isso se formam equipas e diz bem multidisciplinar, porque e felizmente as pessoas, acho que neste momento estão a ser mais honestas, porque a equipa é multidisciplinar. Há uns anos atrás falava-se em interdisciplinar e isso exigia uma... a um *feedback*, interações mais frequentes aaa... e mais formais. Neste momento e voltando ao início da pergunta, da questão como eu me sinto numa equipa multidisciplinar aaa... e repetindo o que disse sinto-me não tão sozinha, mas aaa... um pouco vazia porque falta momentos de reflexão conjunta, momentos de partilha, momentos de aaa.... pronto tudo isto de reflexão obviamente para reformular estratégias, reformular programas, reformular aaa... atitudes pedagógicas que se calhar era necessário, eram necessárias e aaa... o facto de nos aaa... juntarmos de nos agruparmos assim de forma assídua interfere negativamente.

Ent: Muito bem, portanto considera a linguagem oral uma área importante no desenvolvimento global da criança?

Suj: Pois sem dúvida, pois podemos dizer que aaa... a linguagem oral aaa... é sinonimo de comunicação e a verdade é que eu não falaria só em linguagem oral, porque a linguagem oral está associada a toda uma linguagem gestual, uma linguagem corporal, uma linguagem escrita para comunicar e em prol de um desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento. Portanto eu acho que é uma, é um requisito fundamental para que haja desenvolvimento global aaa... na construção do ser e do saber de uma criança. Aaaa... poderei responder noutra, não sei vou ficar por aqui.

Ent: Está bem, obrigada. Considera que as crianças pouco estimuladas ao nível da linguagem oral, no tempo devido, podem ter esta área comprometida?

Suj: Eu trabalhei como disse no princípio com crianças em idade de creche, crianças com dois meses de idade, e realmente as crianças que chegavam aa... até com menor idade a esta instituição, mas que depois iam para as salas de atividade de educação ou de estimulação lúdico-pedagógica como lhe queiramos chamar não se verificava nos primeiros tempos aa... a lacunas, grandes lacunas aaa... havia naturalmente crianças que tinham uma pré-linguagem mais desenvolvida a aaa... portanto todas as fases, desde o balbucio, o palrar ou a lalação não estavam muito comprometidas, mas consoante, consoante o decorrer do tempo,

depois numa fase posterior em educação portanto pré-escolar, o que é que se denotava essas mesmas crianças, portanto já se aaa... verificava, verificava uma sobreposição de lacunas e eu agora pergunto porquê? Se têm uma equipa a trabalhar com elas, se tem uma estimulação variada, se tem afeto, se tem educadoras e terapeutas e porque é que há esta sobreposição de lacunas aaa... dever-se-á ao facto com certeza de estarem em instituição, dever-se-á ao facto do historial de cada uma ser como é aaa... a estimulação é importante, mas não há estimulação suficiente aaaa... ou melhor por mais que nós queiramos dar-lhe essa estimulação e que efetivamente é dada se aaa... a área socio-afetiva não estiver consolidada, os alicerces não tiverem bem cimentados aa... na minha opinião aa...

a estimulação a nível da área da linguagem, não será suficiente para o sucesso educativo de uma criança.

Ent: Pois... Considera então o desenvolvimento da linguagem oral crucial para o processo de aprendizagem das crianças?

Suj: Como disse atrás é importantíssimo, mas primeiro terá que tar resolvido oo... a área basilar. É assim, na minha opinião, a área da linguagem aaa... interfere, aaa imiscui-se em todas as áreas do conhecimento, pronto, uma criança que realmente não comunica através da linguagem, pronto oral, estamos a falar na linguagem oral porque é a linguagem oral, será a linguagem mais perceptível, eee... mais utilizada aaa... no no no âmbito da comunicação, ora bem com certeza se essa criança não o fizer, se o discurso dela não for inteligível, obviamente que essa criança não questiona, logo a área do conhecimento do mundo é afetada, a matemática é afetada, qualquer área é afetada, porque eu acho que há uma ligação intrínseca e todas as áreas completam-se e imiscuem-se... aa..., mas de facto é verdade a área da linguagem é muito fundamental porque é o principio da comunicação, estando associada à linguagem corporal, não é? A uma linguagem escrita que também é muito importante.

Ent: Então na sua opinião, quais são as principais causas das perturbações da linguagem oral?

Suj: Nestas crianças?

Ent: Sim.

Suj: Aaa... eu atribuo ao fator instituição, os técnicos que trabalham com estas crianças fazem o seu melhor papel, penso eu, mas aaa... a parte afetiva, emocional condiciona,

portanto isso é um fator crucial. Depois também desencadeado pela falência que há a nível do substrato... aaa... é também afetado, portanto o raciocínio lógico-dedutivo, o raciocínio, portanto a inteligência emocional, a concentração/atenção, porque se não houver concentração e atenção também não há aprendizagem. Ora se uma criança está instável, se tem um... se é portadora de uma... de uma... de um déficit a nível de atenção/concentração, a nível de instabilidade global, obviamente que a área da linguagem é afetada.

Ent: Pois.

Suj: Depois as regras, as rotinas da instituição, a falta de tempo para se trabalhar de forma individualizada, de saber escutar a criança, de dialogar com a criança, de ajudá-la a resolver os seus problemas, portanto aaa... tudo isso, bem isto é um role de circunstancias que afeta, que promove precisamente este aspeto deficitário.

Ent: Pois.

Suj: Neste campo.

Ent: Então considera que uma deteção precoce de perturbações ao nível da linguagem oral é um fator importante?

Suj: É, é importante para se apressar o processo de vinculação dessa criança para essa criança ter uma família o mais precocemente possível.

Ent: Portanto na sua opinião, as perturbações da linguagem oral também podem estar associadas a algumas doenças?

Suj: Sim sim, podem estar sim senhor, podem estar associadas ao autismo, à trissomia, a deficiências, debilidades mentais e outros e outras síndromes.

Ent: Considera que um bom desempenho na área da linguagem oral poderá ser facilitador do bem-estar/felicidade da criança?

Suj: Exatamente como eu disse no princípio, se a linguagem, neste caso oral, não só, mas pronto, enveredando por essa questão é o princípio de socialização, não é?

Ent: Pois.

Suj: E... com certeza que a criança aaa... quando joga em grupo é mais feliz do que a criança que está sozinha, não é? Que está isolada. As interações, aaa... se forem perceptíveis, quer com a criança, quer com o par, quer com os adultos aa... faz com que a criança se desenvolva num clima de maior felicidade eee... e de maior bem-estar.

Ent: Pois a questão seguinte acho que já respondeu.

Suj: Qual é?

Ent: Considera que o nível de desenvolvimento da linguagem oral favorece a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento?

Ent: Pois, já... já porque vai, eu acho que as áreas do conhecimento são uma cadeia, não é? Estão todas entrecruzadas e todas elas aaa... dai... a estimulação, a estimulação de uma área não pode pôr em desprimor, não é? E em desvantagem a estimulação de outra. Eu acho que o Educador de Infância durante o seu dia, durante a rotina e durante aaa..., portanto todas as atividades propostas de atividades e estímulos oferecidos aa... deve pensar, deve ter uma visão lata, não é? Aa... deve pensar aaa... não de forma afunilada, pensando só trabalhar a linguagem oral, mas também deve ter outros objetivos alargados enquadrados em todas as áreas do conhecimento, mas realmente é o veículo. Podemos dizer que a linguagem oral mesmo que nós não queiramos é o veículo, é o veículo para o desenvolvimento aa... das outras e as outras são o veículo para o desenvolvimento também da linguagem oral, pensando bem.

Ent: Então considera que perturbações ao nível da linguagem oral podem influenciar a aprendizagem da leitura e da escrita?

Suj: Muito, muito eu associo, associo muito para mim há... aa... estes, portanto estes domínios linguagem escrita, linguagem oral, linguagem gestual, estes três domínios estão incluídos na área, não é? E a verdade é que eu na minha dinâmica aaa... do quotidiano, pedagógica aaa... temos sempre presente também o texto escrito, isto porque é importante escrever, porquê? Porque a criança aaa... a criança ao escrever aa... vai fortalecer a memória, vai recordar, vai valorizar mais o que é escrito, o que foi dito e depois escrito aaam... e estamos já de facto quando se escreve a trabalhar os pré-requisitos para uma aprendizagem da leitura e da escrita, se a leitura é verbal a escrita umm... promove isso, porque nós lemos, a leitura é ... realiza-se através daquilo que está escrito, aaa... portanto a escrita é um símbolo, não é? A oralidade, portanto, é um código há o código escrito e há o código oral pronto, eu acho que as coisas estão de mãos dadas, pois tudo o que deve ser dito deve ser escrito, ou melhor aquilo que é mais importante nós vimos uma história, estou-me a lembrar das, não sei se me vai perguntar mais à frente quais são as atividades que eu realizo, então eu vou deixar para responder nessa altura.

Ent: Está bem, está bem. Portanto, considera então que pode haver correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral da criança e o seu sucesso educativo?

Suj: Com certeza que sim.

Ent: Também já respondeu nesse sentido. Portanto e o que é que considera importante para que a criança consiga adquirir um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita? Portanto isto já falando mais na área, mais a nível de estratégias.

Ent: Quer que repita?

Suj: Sim.

Ent: O que é que considera importante para que a criança consiga adquirir um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: É assim, eu não queria misturar recursos com estratégias, são coisas diferentes aaa... eu se calhar vou falar então nas estratégias. Sim ora bem, estou a falar e estou a relatar com base na minha experiência do dia a dia, ora bem eu acho que no início do dia, todas as manhãs o grupo e ainda por cima nós trabalhamos com grupos pequenos em número, mas grandes a nível de dificuldade, a nível de grau de dificuldade, necessitam de serem ouvidos, necessitam de serem aam... organizados, de serem ajudados e ajudados a organizar, a auto-organizarem-se, então é muito importante haver um espaço de concentração, um espaço de acolhimento aa... onde as crianças partilham verbalmente aaa..., corporalmente, a nível de linguagem corporal, linguagem verbal e aa... nível de linguagem escrita, porque às vezes lê-se aquilo que foi escrito no dia anterior, aquilo que é importante para elas, portanto havendo momentos individuais, grupais e individuais. Depois aaam... é também importante se calhar usar-se, estratégias, por isso eu digo, nós aqui nesta instituição temos que usar estratégias que se calhar não estão escritas em manuais, que se calhar nós não aprendemos nas escolas de formação, são as crianças que solicitam essa necessidade de encontrarmos estratégias adequadas em prol do seu desenvolvimento, em prol do desenvolvimento das crianças. Por exemplo atendendo ao facto e ao perfil, fazendo uma análise ao perfil destas crianças, carentes afetivamente, com uma instabilidade psicomotora gigante, com um défice enorme a nível de atenção/concentração é necessário, muito necessário usarmos um suporte também de imagem, porque cativa e promove o desenvolvimento da linguagem oral.

Ent: Um...um.

Suj: Aaam... É importante, também haver, como disse, esta relação individualizada e se calhar levar a criança a um cantinho para ela dizer, através da oralidade, da linguagem oral, aquilo que lhe é importante, que é importante para ela e depois eu tenho o hábito também de escrever para depois ser lido no final do dia, se partilhar com os outros e acho que a linguagem deve ser utilizada para expressarmos coisas boas.

Ent: Muito bem.

Ent: Portanto, então na sua prática profissional com as crianças procura estimular a linguagem oral e abordagem à escrita, já referiu, não é?

Suj: Sim com certeza.

Ent: Portanto e costuma utilizar uma pedagogia diferenciada com as crianças que apresentam perturbações ao nível da linguagem oral/escrita?

Suj: Sim, eu já tenho tido crianças que realmente apresentam aaa... patologias, síndromes que necessitam de estar, portanto, de haver um suporte de aaa... um código, vamos lá um código de imagem, através da imagem, um código através daaam... da mimica, aaa... para aa... promover a linguagem oral e também para ajudar a comunicar com os outros, quer com pares quer com adultos, são crianças que tem um grande atraso a nível de desenvolvimento da linguagem e eu usei, isto claro com ajuda de elementos da equipa especializados na área da fala e da linguagem, aaa... portanto o *Makaton* que foi portanto, é uma estratégia, um método vamos lá, um método não é uma língua, não é como a língua gestual portuguesa, é um ... é um método aaa... facilitador da comunicação, mas sempre utilizando a palavra.

Ent: Pois.

Suj: O verbo, a palavra, a linguagem oral associada ao gesto, em simultâneo. E... muito importante, com sucesso.

Ent: Já me respondeu aqui a duas questões que eu aqui tinha. Então na sua opinião a intervenção de uma equipa multidisciplinar pode favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Aaah, sim direcionando e indo direitinho à sua pergunta, sim, mas se a equipa é multidisciplinar desenvolve todas as outras áreas obviamente, sim com certeza, com certeza que sim. Pena é, pronto que a equipa não seja, mas agora as pessoas já estão a falar muito em, estão a falar até mais em equipa multidisciplinar e já não tanto em equipa

interdisciplinar, umm... a inter... como disse atrás aaa... pronto, mas sim sim sim, a resposta é afirmativa.

Ent: Que tipo de estratégias considera mais adequadas para a promoção da linguagem oral/escrita?

Suj: Pronto eu não sei se há alguma questão que me canalize para a discriminação dos recursos materiais, das atividades, dos materiais...

Ent: Não, a partir daqui não.

Suj: Pronto então poderei dizer que essas estratégias, em grupo, individual, individualmente, em pequeno grupo, a qualquer hora, qualquer período do dia, a qualquer momento, surgem através de atividades muito específicas e promotoras do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita... que são como todos os técnicos sabem as nossas clássicas histórias, as nossas poesias, as nossas canções, as nossas lengalengas, os trava-línguas, os nossos registros aaa... escritos aaam... com base em descrição, primeiro oral de vivências, de vivências, sensações aaam... enfim as canções já referi, eu posso agora dar um exemplo aaa... os meus, os meus educandos estão neste momento aaa... a ensaiar uma canção que é enorme aaam... que preenche três páginas e foi graças ao apoio do gesto que eles conseguiram aprender e interiorizar melhor aa... portanto a palavra, a linguagem oral. Aaam..., mas depois também essa canção está escrita e eu acho que esta correlação, que é este triângulo que vai facilitar, portanto aaam... o desenvolvimento nesta área e não só nesta área, em todas as outras áreas, apesar do desenvolvimento não ser compatível ou não vir ao encontro dos nossos objetivos desejados, porque há, está tudo incompleto, falta realmente os alicerces a estas crianças.

Ent: Aam... então, portanto falando em relação à organização da equipa multidisciplinar como é que é feita a sinalização das crianças para serem acompanhadas nas diversas terapias?

Suj: Feita, portanto são as Educadoras... é a Educadora que aaa... observa a necessidade daquela criança, ou dificuldade, que aquela criança tem, não é? Neste caso a nível quer de fala quer de linguagem e sinaliza aaam... em que momentos... muitas vezes nos corredores, naa... encontros informais... ou também aaam... acontecem reuniões formais, momentos... dois, três por ano em que nós estamos reunidas em que a equipa está reunida e... e falamos sobre o desenvolvimento, o percurso, não é? Académico da criança, a dificuldade, se foi superada se não foi superada, estratégias, se calhar que se podem utilizar para minimizar as ditas dificuldades.

Ent: Então de acordo com a sua experiência a intervenção de uma equipa multidisciplinar é vantajosa para o sucesso educativo das crianças com perturbações, principalmente ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim, sim porque uma pessoa sozinha, alias aaa... uma criança é educada, uma criança é um... um é um ser em construção, não é? Mas para isso precisa de agentes, não é?

Ent: Pois

Suj: Agentes educativos e acho que tem que ser uma aldeia toda a educar e a estimular, a promover o desenvolvimento global e especificamente da linguagem dessa criança, um individuo sozinho pois com certeza que tem menos capacidades, o produto final não é tão satisfatório.

Apêndice 9. Primeiro Tratamento da Entrevista à Educadora de Infância

[Percurso profissional] (...) *vinte e nove* (...)

(...) *tem havido uma panóplia de contextos, desde o privado ao público* (...) *estando, portanto, aqui neste contexto institucional a trabalhar há vinte e poucos anos* (...)

[Aspectos mais marcantes desse percurso] (...) *o facto de poder intervir com crianças com multideficiência incluídas nos grupos* (...) *o facto de poder trabalhar em parceria com uma equipa multidisciplinar e poder desenvolver projetos mútuos* (...)

[Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *Primeira e segunda infância, nomeadamente crianças com dois meses de idade até aos seis anos* (...)

[Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *não tão sozinha* (...) *um pouco vazia porque faltam momentos de reflexão conjunta, momentos de partilha* (...) *de reflexão obviamente para reformular estratégias, reformular programas, reformular* (...) *atitudes pedagógicas* (...)

[Importância da linguagem oral] (...) *é importantíssimo* (...) *a área da linguagem* (...) *imiscui-se em todas as áreas do conhecimento* (...) *se o discurso* (...) *não for inteligível* (...) *essa criança não questiona, logo a área do conhecimento do mundo é afetada, a matemática é afetada, qualquer área é afetada* (...) *a área da linguagem é muito fundamental* (...) *é o princípio da comunicação* (...) *estando associada à linguagem corporal* (...) *a uma linguagem escrita* (...)

[Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *é sinónimo de comunicação* (...) *a linguagem oral está associada a toda uma linguagem gestual, uma linguagem corporal, uma linguagem escrita... para comunicar e em prol de um desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento.* (...) *é um requisito fundamental para que haja desenvolvimento global* (...) *construção do ser e do saber de uma criança* (...)

[Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) *atribuo ao fator instituição* (...) *a parte afetiva, emocional condiciona* (...) *défice a nível de atenção/concentração, a nível de instabilidade global, obviamente que a área da linguagem é afetada* (...)

[Dificuldades] (...) *as regras, as rotinas da instituição, a falta de tempo para se trabalhar de forma individualizada, de saber escutar a criança, de dialogar com a criança, de ajudá-la a resolver os seus problemas* (...)

[Associação das perturbações no desenvolvimento da linguagem oral a doenças] (...) *podem estar associadas ao autismo, (...) à trissomia, a deficiências, debilidades mentais (...) e outras síndromes (...)*

[Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) *a linguagem, neste caso oral (...) é o princípio de socialização (...)*

(...) *quando joga em grupo é mais feliz do que a criança que está sozinha (...)* *As interações (...)* *se forem perceptíveis, quer com a criança, quer com o par quer com os adultos (...)* *faz com que a criança se desenvolva num clima de maior felicidade (...)* *e de maior bem-estar (...)*

[Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) *as áreas do conhecimento são uma cadeia (...)* *Estão todas entrecruzadas (...)* *a linguagem oral (...) é o veículo (...)* *para o desenvolvimento (...)* *das outras e as outras são o veículo para o desenvolvimento também da linguagem oral (...)*

[Influência das perturbações da linguagem oral na aprendizagem da leitura e da escrita] (...) *estes domínios linguagem escrita, linguagem oral, linguagem gestual, estes três domínios estão incluídos na área (...)* *na minha dinâmica (...)* *do quotidiano, pedagógica (...)* *temos sempre presente também texto escrito, isto porque é importante escrever (...)* *Porque a criança (...)* *ao escrever (...)* *vai fortalecer a memória, vai recordar, vai valorizar mais o que é escrito, o que foi dito e depois escrito (...)* *e estamos já (...)* *quando se escreve a trabalhar os pré-requisitos para uma aprendizagem da leitura e da escrita, se a leitura é verbal a escrita (...)* *promove isso (...)* *portanto a escrita é um símbolo (...)* *A oralidade, portanto é um código, há o código escrito e há o código oral (...)*

[Estratégias para a otimização das competências linguísticas] (...) *no início do dia, todas as manhãs o grupo (...)* *necessita de ser ouvido, necessitam de serem (...)* *organizados, de serem ajudados (...)* *a organizar, a auto-organizarem-se (...)* *é muito importante haver um espaço de concentração (...)* *de acolhimento (...)* *aonde as crianças partilham verbalmente (...)* *corporalmente, a nível de linguagem corporal, linguagem verbal (...)* *a nível de linguagem escrita, porque às vezes lê-se aquilo que foi escrito no dia anterior, aquilo que é importante para elas, portanto havendo momentos (...)* *grupais e individuais (...)* *é (...)* *muito necessário usarmos um suporte também de imagem, porque cativa e promove o desenvolvimento da linguagem oral (...)* *É importante, também (...)* *haver (...)* *esta relação*

individualizada e (...) levar a criança a um cantinho para ela dizer (...) e depois eu tenho o hábito também de escrever para depois ser lido no final do dia, se partilhar com os outros (...) essas estratégias, em grupo (...) individualmente, em pequeno grupo (...) a qualquer momento, surgem através de atividades muito específicas e promotoras do desenvolvimento da linguagem oral, abordagem à escrita... que são (...) as nossas clássicas histórias, as nossas poesias, as nossas canções, as nossas lengalengas (...) os trava-línguas (...) os nossos registos (...) escritos (...) com base em descrição, primeiro oral de vivências (...) sensações (...) os meus educandos estão neste momento (...) a ensaiar uma canção (...) enorme (...) e foi graças ao apoio do gesto que eles conseguiram aprender e interiorizar melhor (...) portanto a palavra, a linguagem oral (...) mas depois também essa canção está escrita e eu acho que esta correlação, que é este triângulo que vai facilitar (...) o desenvolvimento nesta área e não só nesta área, em todas as outras áreas (...)

[Utilização de uma pedagogia diferenciada com crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) já tenho tido crianças que (...) apresentam (...) patologias, síndromes que necessitam (...) de (...) um código de imagem (...) da mimica (...) para (...) promover a linguagem oral e também para ajudar a comunicar com os outros, quer com pares quer com adultos, são crianças que têm um grande atraso a nível de desenvolvimento da linguagem e eu usei (...) portanto o makaton (...) é um método (...) facilitador da comunicação, mas sempre utilizando a palavra (...) a linguagem oral associada ao gesto, em simultâneo (...)

[Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) são as educadoras (...) é a educadora que (...) observa a necessidade daquela criança, ou dificuldade, que aquela criança tem (...) a nível quer de fala quer de linguagem e sinaliza (...) muitas vezes nos corredores, (...) encontros informais ou também (...) acontece[em] reuniões formais (...)

[Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso educativo das crianças] (...) uma criança é educada (...) é um ser em construção (...) para isso precisa de agentes (...) Agentes educativos e (...) tem que ser uma aldeia toda a educar e a estimular, a promover o desenvolvimento global e especificamente da linguagem dessa criança, um indivíduo sozinho pois com certeza que tem menos capacidades, o produto final não é tão satisfatório (...)

Apêndice 10. Pré-Categorização da Entrevista à Educadora de Infância

1. [Percurso profissional] (...) *vinte e nove* [anos de serviço] (...)
2. (...) *A minha formação inicial é bacharelato em educação de infância, efetuado no Magistério Primário de Faro* (...)
3. (...) *na escola superior de educação, tirei um curso de complemento com especialização em educação artística, equivalente a licenciatura* (...)
4. (...) *Ao longo da minha carreira profissional tenho realizado inúmeras ações de formação, cursos, oficinas* (...)
5. (...) *tem havido uma panóplia de contextos* (...)
6. (...) *desde o privado ao público* (...) *estando, portanto, aqui neste contexto institucional a trabalhar há vinte e poucos anos* (...)
7. [Aspetos mais marcantes desse percurso] (...) *o facto de poder intervir com crianças com multideficiência incluídas nos grupos* (...)
8. (...) *o facto de poder trabalhar em parceria com uma equipa multidisciplinar e poder desenvolver projetos mútuos* (...)
9. [Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *Primeira e segunda infância, nomeadamente crianças com dois meses de idade até aos seis anos* (...)
10. [Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *não tão sozinha* (...)
11. (...) *um pouco vazia* (...)
12. [Justificação dos sentimentos] (...) *porque falta momentos de reflexão conjunta, momentos de partilha* (...)
13. (...) *de reflexão obviamente para reformular estratégias, reformular programas, reformular* (...)
14. (...) *atitudes pedagógicas* (...)
15. [Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *é sinónimo de comunicação* (...)
16. (...) *a linguagem oral está associada a toda uma linguagem gestual* (...)
17. (...) *uma linguagem corporal* (...)

18. (...) *uma linguagem escrita (...)*
19. (...) *para comunicar e em prol de um desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento (...)*
20. (...) *é um requisito fundamental para que haja desenvolvimento global (...)* *construção do ser e do saber de uma criança (...)*
21. [Importância da linguagem oral] (...) *é importantíssimo (...)*
22. (...) *a área da linguagem (...)* *imiscui-se em todas as áreas do conhecimento (...)*
23. (...) *se o discurso (...)* *não for inteligível (...)* *essa criança não questiona, logo a área do conhecimento do mundo é afetada, a matemática é afetada, qualquer área é afetada (...)*
24. (...) *a área da linguagem é muito fundamental (...)*
25. (...) *é o princípio da comunicação (...)*
26. (...) *estando associada à linguagem corporal (...)*
27. (...) *a uma linguagem escrita (...)*
28. [Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) *atribuo ao fator instituição (...)*
29. (...) *a parte afetiva, emocional condiciona (...)*
30. (...) *défice a nível de atenção/concentração (...)*
31. (...) *a nível de instabilidade global, obviamente que a área da linguagem é afetada (...)*
32. (...) *as regras (...)*
33. (...) *as rotinas da instituição (...)*
34. (...) *falta de tempo para se trabalhar de forma individualizada (...)*
35. (...) *de saber escutar a criança (...)*
36. (...) *de dialogar com a criança (...)*
37. (...) *de ajudá-la a resolver os seus problemas (...)*
38. [Associação das perturbações da linguagem oral a doenças] (...) *podem estar associadas ao autismo (...)*
39. (...) *à trissomia (...)*

40. (...) *a deficiências (...)*
41. (...) *debilidades mentais (...)*
42. (...) *e outras síndromes (...)*
43. [Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) *a linguagem, neste caso oral (...)* *é o princípio de socialização (...)*
44. (...) *quando joga em grupo é mais feliz do que a criança que está sozinha (...)*
45. (...) *As interações (...)* *se forem perceptíveis, quer com a criança, quer com o par quer com os adultos (...)* *fazem com que a criança se desenvolva num clima de maior felicidade (...)*
46. (...) *e de maior bem-estar (...)*
47. [Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) *as áreas do conhecimento são uma cadeia (...)* *Estão todas entrecruzadas (...)* *a linguagem oral (...)* *é o veículo (...)* *para o desenvolvimento (...)* *das outras e as outras são o veículo para o desenvolvimento também da linguagem oral (...)*
48. [Influência das perturbações da linguagem oral na aprendizagem da leitura e da escrita] (...) *estes domínios linguagem escrita, linguagem oral, linguagem gestual, estes três domínios estão incluídos na área (...)*
49. (...) *na minha dinâmica (...)* *do quotidiano, pedagógica (...)* *temos sempre presente também texto escrito, isto porque é importante escrever (...)*
50. (...) *a criança (...)* *ao escrever (...)* *vai fortalecer a memória, vai recordar, vai valorizar mais o que é escrito, o que foi dito e depois escrito (...)*
51. (...) *e estamos já (...)* *quando se escreve a trabalhar os pré-requisitos para uma aprendizagem da leitura e da escrita, se a leitura é verbal a escrita (...)* *promove isso (...)*
52. (...) *portanto a escrita é um símbolo (...)* *A oralidade, portanto é um código, há o código escrito e há o código oral (...)*
53. [Estratégias para a otimização das competências linguísticas] (...) *no início do dia, todas as manhãs o grupo (...)* *necessita de ser ouvido (...)*
54. (...) *necessitam de serem (...)* *organizados (...)*

55. (...) de serem ajudados (...) a organizar, a auto-organizarem-se (...)
56. (...) é muito importante haver um espaço de concentração (...) de acolhimento (...) aonde as crianças partilham verbalmente (...) corporalmente, a nível de linguagem corporal, linguagem verbal (...)
57. (...) a nível de linguagem escrita, porque às vezes lê-se aquilo que foi escrito no dia anterior, aquilo que é importante para elas (...)
58. (...) portanto havendo momentos (...) grupais e individuais. (...)
59. (...) é (...) muito necessário usarmos um suporte também de imagem, porque cativa e promove o desenvolvimento da linguagem oral (...)
60. (...) É importante, também (...) haver (...) esta relação individualizada e (...) levar a criança a um cantinho para ela dizer (...)
61. (...) e depois eu tenho o hábito também de escrever para depois ser lido no final do dia, se partilhar com os outros (...)
62. (...) essas estratégias, em grupo, (...) individualmente, em pequeno grupo, (...) a qualquer momento, surgem através de atividades muito específicas e promotoras do desenvolvimento da linguagem oral, abordagem à escrita (...)
63. (...) que são (...) as nossas clássicas histórias (...)
64. (...) as nossas poesias (...)
65. (...) as nossas canções (...)
66. (...) as nossas lengalengas, (...)
67. (...) os trava-línguas, (...)
68. (...) os nossos registos (...) escritos (...) com base em descrição, primeiro oral de vivências, (...) sensações (...)
69. (...) os meus educandos estão neste momento (...) a ensaiar uma canção (...) enorme (...) e foi graças ao apoio do gesto que eles conseguiram aprender e interiorizar melhor (...)
70. (...) portanto a palavra, a linguagem oral (...)
71. (...) mas depois também essa canção está escrita (...)

72. (...) eu acho que esta correlação, que é este triângulo que vai facilitar (...) o desenvolvimento nesta área e não só nesta área, em todas as outras áreas (...)
73. [Utilização de pedagogia diferenciada com crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) já tenho tido crianças que (...) apresentam (...) patologias, síndromes que necessitam (...) de (...) um código de imagem (...) da mímica (...) para (...) promover a linguagem oral e também para ajudar a comunicar com os outros, quer com pares quer com adultos (...)
74. (...) são crianças que tem um grande atraso a nível de desenvolvimento da linguagem e eu usei (...) portanto o Makaton (...) é um método (...) facilitador da comunicação (...)
75. (...) mas sempre utilizando a palavra. (...) a linguagem oral associada ao gesto, em simultâneo (...)
76. [Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) é a educadora que (...) observa a necessidade daquela criança, ou dificuldade, que aquela criança tem (...) a nível quer de fala quer de linguagem e sinaliza (...)
77. (...) muitas vezes nos corredores (...) encontros informais (...)
78. (...) ou também (...) acontece reuniões formais (...)
79. [Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso educativo das crianças] (...) uma criança é educada (...) é um ser em construção (...) para isso precisa de agentes (...) Agentes educativos (...)
80. (...) e (...) tem que ser uma aldeia toda a educar e a estimular, a promover o desenvolvimento global e especificamente da linguagem dessa criança (...)
81. (...) um indivíduo sozinho pois com certeza que tem menos capacidades, o produto final não é tão satisfatório (...)

Apêndice 11. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Educadora de Infância

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES
2. CARACTERIZAÇÃO COMO PROFISSIONAL	1.1. Tempo de serviço	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>vinte e nove</i> [anos de serviço] (...) (1)
	2.2. Formação inicial	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>A minha formação inicial é bacharelato em educação de infância, efetuado no Magistério Primário de Faro</i> (...) (2)
	2.3. Formação contínua	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>na escola superior de educação, tirei um curso de complemento com especialização em educação artística, equivalente a licenciatura</i> (...) (3) • (...) <i>Ao longo da minha carreira profissional tenho realizado inúmeras ações de formação, cursos, oficinas</i> (...) (4)
	2.4. Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>tem havido uma panóplia de contextos</i> (...) (5) • (...) <i>desde o privado ao público</i> (...) <i>estando, portanto, aqui neste contexto institucional a trabalhar há vinte e poucos anos</i> (...) (6)
	2.5. Aspetos mais marcantes desse percurso	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>o facto de poder intervir com crianças com multideficiência incluídas nos grupos</i> (...) (7) • (...) <i>o facto de poder trabalhar em parceria com uma equipa multidisciplinar e poder desenvolver projetos mútuos</i> (...) (8)
	2.6. Nível etário das crianças com que intervém	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Primeira e segunda infância, nomeadamente crianças com dois meses de idade até aos seis anos</i> (...) (9)
3. VALORIZAÇÃO ATRIBUÍDA AO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL	2.2. Importância atribuída ao desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>é sinónimo de comunicação</i> (...) (15) • (...) <i>a linguagem oral está associada a toda uma linguagem gestual</i> (...) (16) • (...) <i>uma linguagem corporal</i> (...) (17) • (...) <i>uma linguagem escrita</i> (...) (18) • (...) <i>para comunicar e em prol de um desenvolvimento em todas as áreas do conhecimento</i> (...) (19)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>é um requisito fundamental para que haja desenvolvimento global (...) construção do ser e do saber de uma criança (...) (20)</i> • (...) <i>é importantíssimo (...) (21)</i> • (...) <i>a área da linguagem (...) imiscui-se em todas as áreas do conhecimento (...) (22)</i> • (...) <i>se o discurso (...) não for inteligível (...) essa criança não questiona, logo a área do conhecimento do mundo é afetada, a matemática é afetada, qualquer área é afetada (...) (23)</i> • (...) <i>a área da linguagem é muito fundamental (...) (24)</i> • (...) <i>é o princípio da comunicação (...) (25)</i> • (...) <i>estando associada à linguagem corporal (...) (26)</i> • (...) <i>a uma linguagem escrita (...) (27)</i>
	2.4. Valorização atribuída à estimulação da linguagem oral	
	2.5. Importância da estimulação da linguagem oral no seu tempo devido	
	2.5. Causas das perturbações no desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>atribuo ao fator instituição (...) (28)</i> • (...) <i>a parte afetiva, emocional condiciona (...) (29)</i> • (...) <i>défice a nível de atenção/concentração (...) (30)</i> • (...) <i>a nível de instabilidade global, obviamente que a área da linguagem é afetada (...) (31)</i> • (...) <i>as regras (...) (32)</i> • (...) <i>as rotinas da instituição (...) (33)</i> • (...) <i>falta de tempo para se trabalhar de forma individualizada (...) (34)</i> • (...) <i>de saber escutar a criança (...) (35)</i> • (...) <i>de dialogar com a criança (...) (36)</i> • (...) <i>de ajudá-la a resolver os seus problemas (...) (37)</i>

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>podem estar associadas ao autismo (...)</i> (38) • (...) <i>à trissomia (...)</i> (39) • (...) <i>a deficiências (...)</i> (40) • (...) <i>debilidades mentais (...)</i> (41) • (...) <i>e outras síndromes (...)</i> (42)
	2.8. Importância da detecção precoce de perturbações ao nível da linguagem oral	
	2.9. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e o bem-estar da criança	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>a linguagem, neste caso oral (...)</i> é o princípio de socialização (...) (43) • (...) <i>quando joga em grupo é mais feliz do que a criança que está sozinha (...)</i> (44) • (...) <i>As interações (...)</i> se forem perceptíveis, quer com a criança, quer com o par quer com os adultos (...) <i>fazem com que a criança se desenvolva num clima de maior felicidade (...)</i> (45) • (...) <i>e de maior bem-estar (...)</i> (46)
	2.10. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>as áreas do conhecimento são uma cadeia (...)</i> Estão todas <i>entrecruzadas (...)</i> a linguagem oral (...) <i>é o veículo (...)</i> para o desenvolvimento (...) <i>das outras e as outras são o veículo para o desenvolvimento também da linguagem oral (...)</i> (47)
5. ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA A PROMOÇÃO DA LINGUAGEM ORAL/ESCRITA	3.2. Princípios para a aquisição de um bom desempenho na linguagem oral/escrita	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>estes domínios linguagem escrita, linguagem oral, linguagem gestual, estes três domínios estão incluídos na área (...)</i> (48) • (...) <i>na minha dinâmica (...)</i> do quotidiano, pedagógica (...) <i>temos sempre presente também texto escrito, isto porque é importante escrever (...)</i> (49) • (...) <i>a criança (...)</i> ao escrever (...) <i>vai fortalecer a memória, vai recordar, vai valorizar mais o que é escrito, o que foi dito e depois escrito (...)</i> (50) • (...) <i>e estamos já (...)</i> quando se escreve a trabalhar os pré-requisitos para uma aprendizagem da leitura e da escrita, se a leitura é verbal a escrita (...) <i>promove isso (...)</i> (51)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) portanto a escrita é um símbolo (...) A oralidade, portanto é um código, há o código escrito e há o código oral (...) (52)
	<p>3.3. Utilização de pedagogia diferenciada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) já tenho tido crianças que (...) apresentam (...) patologias, síndromes que necessitam (...) de (...) um código de imagem (...) da mímica (...) para (...) promover a linguagem oral e também para ajudar a comunicar com os outros, quer com pares quer com adultos (...) (73) • (...) são crianças que tem um grande atraso a nível de desenvolvimento da linguagem e eu usei (...) portanto o makaton (...) é um método (...) facilitador da comunicação (...) (74) • (...) mas sempre utilizando a palavra. (...) a linguagem oral associada ao gesto, em simultâneo (...) (75)
	<p>3.4. Estratégias para a otimização das competências linguísticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) no início do dia, todas as manhãs o grupo (...) necessita de ser ouvido (...) (53) • (...) necessitam de serem (...) organizados (...) (54) • (...) de serem ajudados (...) a organizar, a auto-organizarem-se (...) (55) • (...) é muito importante haver um espaço de concentração (...) de acolhimento (...) aonde as crianças partilham verbalmente (...) corporalmente, a nível de linguagem corporal, linguagem verbal (...) (56) • (...) a nível de linguagem escrita, porque às vezes lê-se aquilo que foi escrito no dia anterior, aquilo que é importante para elas (...) (57) • (...) portanto havendo momentos (...) grupais e individuais. (...) (58) • (...) é (...) muito necessário usarmos um suporte também de imagem, porque cativa e promove o desenvolvimento da linguagem oral (...) (59) • (...) É importante, também (...) haver (...) esta relação individualizada e (...) levar a criança a um cantinho para ela dizer (...) (60) • (...) e depois eu tenho o hábito também de escrever para depois ser lido no final do dia, se partilhar com os outros (...) (61) • (...) essas estratégias, em grupo, (...) individualmente, em pequeno grupo, (...) a qualquer momento, surgem através de atividades muito

		<p><i>específicas e promotoras do desenvolvimento da linguagem oral, abordagem à escrita (...) (62)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>que são (...) as nossas clássicas histórias (...) (63)</i> • (...) <i>as nossas poesias (...) (64)</i> • (...) <i>as nossas canções (...) (65)</i> • (...) <i>as nossas lengalengas (...) (66)</i> • (...) <i>os trava-línguas (...) (67)</i> • (...) <i>os nossos registos (...) escritos (...) com base em descrição, primeiro oral de vivências, (...) sensações (...) (68)</i> • (...) <i>os meus educandos estão neste momento (...) a ensaiar uma canção (...) enorme (...) e foi graças ao apoio do gesto que eles conseguiram aprender e interiorizar melhor (...) (69)</i> • (...) <i>portanto a palavra, a linguagem oral (...) (70)</i> • (...) <i>mas depois também essa canção está escrita (...) (71)</i> • (...) <i>eu acho que esta correlação, que é este triângulo que vai facilitar (...) o desenvolvimento nesta área e não só nesta área, em todas as outras áreas (...) (72)</i>
	3.5. Equipa multidisciplinar como veículo facilitador da promoção da linguagem oral/escrita	
6. ORGANIZAÇÃO DA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR	4.5. Modo de funcionamento da equipa multidisciplinar	
	4.6. Sinalização das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>é a educadora que (...) observa a necessidade daquela criança, ou dificuldade, que aquela criança tem (...) a nível quer de fala quer de linguagem e sinaliza (...) (76)</i> • (...) <i>muitas vezes nos corredores (...) encontros informais (...) (77)</i> • (...) <i>ou também (...) acontece reuniões formais (...) (78)</i>
	4.7. Local (ais) onde acontece a intervenção terapêutica	

	4.8. Formas de intervenção terapêutica	
	4.9. Periodicidade e duração da intervenção terapêutica	
	4.10. Articulação entre os técnicos	
	4.11. Vantagens para o sucesso educativo das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>uma criança é educada (...) é um ser em construção (...) para isso precisa de agentes (...) Agentes educativos (...) (79)</i> • (...) <i>e (...) tem que ser uma aldeia toda a educar e a estimular, a promover o desenvolvimento global e especificamente da linguagem dessa criança (...) (80)</i> • (...) <i>um indivíduo sozinho pois com certeza que tem menos capacidades, o produto final não é tão satisfatório (...) (81)</i>
	4.12. Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>não tão sozinha (...) (10)</i> • (...) <i>um pouco vazia (...) (11)</i> • (...) <i>porque falta momentos de reflexão conjunta, momentos de partilha (...) (12)</i> • (...) <i>de reflexão obviamente para reformular estratégias, reformular programas, reformular (...) (13)</i> • (...) <i>atitudes pedagógicas (...) (14)</i>

Apêndice 12. Protocolo da Entrevista à Terapeuta Ocupacional

Ent: O meu nome é Maria da Graça Dias Luísa Viegas, sou educadora de infância e encontro-me a frequentar o Mestrado de Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve.

No âmbito da disciplina de Dissertação de Mestrado, estou a realizar uma investigação centrada nas representações e expectativas de uma equipa multidisciplinar, no que respeita às perturbações do desenvolvimento da linguagem oral de crianças em risco.

Desta forma, venho solicitar a sua colaboração na realização desta entrevista, bem como a sua autorização para a transcrição da mesma. A sua participação será anónima e confidencial, agradeço desde já a sua colaboração, muito obrigada.

Ent: Que idade é que tem? E que tempo de serviço é que tem?

Suj: Tenho vinte e quatro anos e estou a trabalhar desde que terminei o curso, desde dois mil e treze, vai fazer três anos em julho.

Ent: Pode-me falar um bocadinho sobre a sua formação inicial e sobre a sua formação contínua, se faz favor?

Suj: Tirei licenciatura na Escola Superior de Tecnologias de saúde do Porto, licenciatura de quatro anos, aam... depois aam... depois fui participando noutros, noutros cursos e *workshops*, nomeadamente o *workshop* de massagem *shantala*, *workshop* de primeiros socorros pediátricos, encontros relacionados com o bebé e a criança, aam... participei num curso teórico-prático em neurodesenvolvimento, perturbações do défice de atenção e hiperatividade e dificuldades de aprendizagem no hospital de Hospital de Santa Maria. Aam... fiz cursos mais na área da integração sensorial, aam... o curso da *baby sense*, outro mais relacionado com o autismo, aam... agora há pouco tempo fui ao primeiro congresso de integração sensorial e ao curso sobre observações em integração sensorial no contexto brincar e aam... tirei pós-graduação, também terminei recentemente, em neuropsicologia pediátrica, antes de vir trabalhar para a instituição tive um mês a trabalhar num lar, com idosos.

Ent: Quais os aspetos mais gratificantes e inovadores e marcantes ao longo do seu percurso profissional?

Suj: Aam... tanto no outro mês como aqui, não é?

Ent: Sim, no geral.

Suj: Aam, pronto antes de vir para aqui foi só um mês, foi pouco tempo, o mais gratificante foi mesmo ver o agradecimento das pessoas, dos idosos e o reconhecimento que eles faziam e os seus familiares, do nosso trabalho. Aqui, é ver a alegria das crianças, o quanto elas gostam de trabalhar connosco, ter uma relação que não é estritamente terapêutica pronto, também ter um bocadinho mais emocional, mais afetivo e acho que o gratificante é ver que o nosso trabalho ajuda na vida destas pessoas e ver que as pessoas reconhecem isso e que agradecem, acho que é mesmo o mais gratificante (risos).

Ent: Faz-nos sentir bem, não é?

Suj: Sim faz. Até porque pronto, como Terapeuta Ocupacional, a ocupação é o nosso objetivo, portanto a partir do momento em que se verifica melhorias nas ocupações das pessoas, o nosso trabalho, os nossos objetivos estão a ser atingidos e as pessoas estão, têm uma melhor qualidade de vida.

Ent: Claro, há quantos anos faz parte desta equipa multidisciplinar?

Suj: Dois anos e meio, mais ou menos.

Ent: Tem acompanhado crianças desde que idades?

Suj: Desde pequeninos, o mais pequenino seis meses até ao mais velhinho, oito anos.

Ent: E como se sente enquanto membro desta equipa multidisciplinar?

Suj: Aam... acho que é muito importante trabalhar em equipa multidisciplinar, porque pronto sozinhos não conseguimos tudo, há outras áreas que também são muito importantes para o desenvolvimento destas crianças, aam... sinto-me uma peça da equipa e acho que é muito bom trabalhar em equipa e pronto, acho que todos contribuimos um pouco para o mesmo objetivo.

Ent: Exatamente é um trabalho conjunto, não é?

Considera a linguagem oral uma área importante no desenvolvimento global da criança?

Suj: Sim, acho que o desenvolvimento da linguagem e da fala são características muito importantes para o desenvolvimento do ser humano, quer em termos relacionais quer em termos desenvolvimentais e é também o que permite distinguir-nos dos outros seres vivos, é mesmo a linguagem.

Ent: Considera que as crianças pouco estimuladas ao nível da linguagem oral, no tempo devido, podem ter esta área comprometida?

Suj: Sim, até porque vários, vários estudos aam... indicam como fator de risco aam... causas ambientais, que são esses fatores emocionais e os fatores sociais queeee... se calhar estou-me a desviar da pergunta, não?

Ent: Portanto a pergunta é: considera que as crianças pouco estimuladas ao nível da linguagem oral, no tempo devido, podem ter esta área comprometida?

Suj: Sim sim, considero que sim, porque o desenvolvimento da linguagem aam... sustenta-se sobretudo em dois pontos: um é a parte anatómico funcional e o outro é o estímulo que se recebe do ambiente.

Ent: Pois, exato.

Suj: Portanto, se esta parte falha o desenvolvimento vai falhar. Porque é uma das, um dos alicerces para o desenvolvimento da linguagem.

Ent: Considera o desenvolvimento da linguagem oral crucial para o processo de aprendizagem?

Suj: Sim, aam... acredita-se e vários estudos revelam que dificuldades de aprendizagem estão intimamente relacionadas com atrasos prévios no desenvolvimento da linguagem, portanto acredita-se que influencia.

Ent: Pois. Na sua opinião quais são as principais causas das perturbações da linguagem oral?

Suj: Aam... acho que, que há várias causas, os tais fatores, as tais causas ambientais, que referi há pouco, temos fatores sociais/emocionais, depois também pode ter como causa défices cognitivos, défices auditivos, outras perturbações do desenvolvimento como é o caso do autismo, aam... na minha opinião essas são as principais causas ou pelo menos com as quais eu tenho mais contacto.

Ent: Muito bem e considera que uma deteção precoce ao nível das perturbações da linguagem será um fator importante?

Suj: Sim, porque se conseguirmos detetar precocemente e intervir precocemente vamos influenciar e evitar, melhorar, e intervir em consequências educacionais e sociais desfavoráveis. Acho que é crucial, a deteção e intervenção precoce é crucial.

Ent: Na sua opinião as perturbações da linguagem oral podem estar associadas a algumas doenças?

Suj: Sim, já referi o caso do autismo, há também outras síndromes, estou-me a lembrar dos casos que tenho, tenho aqui presentes, síndrome de *edward*, síndrome *down*, paralisia cerebral, as crises epilépticas também podem perturbar o desenvolvimento da linguagem.

Ent: Considera que um bom desempenho na área da linguagem oral poderá ser facilitador do bem-estar e da felicidade da criança?

Suj: Eu acho que sim, porque a linguagem oral é a forma como nós mais comunicamos e como melhor comunicamos e melhor somos percebidos, aam... e é bom para nós e é muito bom, qualquer pessoa gosta de ser percebida e de ser entendida e isso traz felicidade, caso contrário se não for percebida, traz frustração, portanto, acho que é essencial porque é a forma como melhor comunicamos uns com os outros, claro que há outras formas de comunicação não-verbal, mas a verbal é de facto a forma como melhor nos conseguimos exprimir e fazer entender.

Ent: Considera que o nível de desenvolvimento da linguagem oral favorece a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento?

Suj: Sim, porque por exemplo aam... a matemática e outras áreas vão estar muito afetadas se a linguagem oral estiver comprometida como falei à bocadinha das dificuldades de aprendizagem estão relacionadas, intimamente relacionadas com atrasos prévios da linguagem, portanto um atraso no desenvolvimento da linguagem vai prejudicar aam... a aprendizagem, a compreensão de outras áreas, vai ser um fator desfavorável.

Ent: Hum, hum. Considera que perturbações ao nível da linguagem oral podem influenciar a aprendizagem da leitura e da escrita?

Suj: Sim sim sim sim, sem dúvida aam... a linguagem oral está muito relacionada com a leitura e com a escrita e sem dúvida que se uma estiver afetada as outras também não vão desenvolver-se de forma supostamente normal, chamamos normal.

Ent: Exato. Considera que pode haver correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral da criança e o seu sucesso educativo?

Suj: Sim, mais uma vez por causa dessas questões das dificuldades de aprendizagem. Tem atraso na linguagem, muito provavelmente vai ter dificuldades de aprendizagem, portanto o seu sucesso educativo vai estar comprometido.

Ent: Pois. O que é que considera importante para que a criança consiga adquirir um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Acho que é muito importante, em primeiro lugar, uma adequada estimulação, ter um ambiente social e emocional favorável, ter bons modelos em casa, a escola acho que também é muito importante a escola. Muitas vezes as crianças antes de irem para a Pré-Escola aam... falam pouco ou falam de forma muito imatura quando já deveriam estar um bocadinho mais à frente e aam... essa estimulação que recebem depois na Escola também é muito importante. Portanto é essencialmente a estimulação e depois claro, depois têm que ter a estrutura anatómica, a parte auditiva/cognitiva também tem que, também influenciam, mas a estimulação para mim é muito importante é o mais importante para o desenvolvimento, não havendo outras questões mais, mais médicas.

Ent: Na sua prática profissional com as crianças valoriza a promoção do desenvolvimento da linguagem oral?

Suj: Sim, cá está é a melhor forma que nós temos de comunicar, nós trabalhamos muito aa... na base da motivação da criança, dos interesses da criança e o *feedback* que a criança nos dá é a melhor forma que nós temos de perceber isso, é mesmo a linguagem oral, aaa... a expressão delas, os comentários delas, as opiniões são muito importantes para os nossos objetivos.

Ent: Na sua prática profissional com as crianças procura estimular a linguagem oral e a abordagem à escrita?

Suj: Sim, sim... procuro... procuro... e por vezes até crianças com mais dificuldades peço algumas estratégias à terapeuta da fala, também poder incluir na minha abordagem e para facilitar também o meu trabalho, para facilitar a minha comunicação com a criança e a socialização também é uma área de ocupação, portanto também é um dos meus objetivos.

Ent: Na sua opinião uma estimulação, no seu tempo devido, ao nível da oralidade poderá ser facilitadora do sucesso educativo?

Suj: Sim sim sim, uma boa estimulação vai levar a um bom desenvolvimento que vai levar a menos problemas em termos de aprendizagem, em termos educacionais.

Ent: Quais são as estratégias que utiliza para a otimização das competências linguísticas da criança?

Suj: Sim, é associar a linguagem a gestos, a imagens, a expressões faciais, aaa... adequar estratégias em conjunto com a terapeuta da fala, recorro muito a ela por causa dos gestos e das imagens, porque associando a linguagem à imagem, ao gesto ou à expressão é muito mais fácil perceberem.

Ent: Na sua opinião a intervenção de uma equipa multidisciplinar pode favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim aam... a linguagem mais pura é a área da terapia da fala, depois nós podemos trabalhar outras partes de... mesmo de socialização e de comunicação e podemos trabalhar o que está por trás, para a criança aprender tem que ter um bom controlo postural, tem que ter uma boa motricidade, tem que ter... às vezes aquelas crianças que têm dificuldades por causa de sensibilidade oro facial, que depois também se vai refletir no resto do corpo, portanto acho que as competências trabalhadas numa área vão ajudar ao desenvolvimento das de outra área e trabalhando todos em conjunto é mais fácil, porque às vezes a base não é bem terapia da fala ou a base não é bem terapia ocupacional, é um misto e uma trabalha uma questão, outra outra e é mais fácil chegar lá.

Ent: Como é que é feita a sinalização das crianças para serem acompanhadas nas diversas terapias?

Suj: Aqui?

Ent: Aqui na instituição, sim.

Suj: Normalmente são as Educadoras e as Auxiliares que passam mais tempo com as crianças queeee... que nos vão referindo algumas dificuldades e nós então decidimos avaliar. Ou então quando nós vamos às salas em grupo, fazer grupos de motricidade que verificamos que aquela criança tem mais dificuldades ali numa área ou outra e decidimos avaliar ou então às vezes são as colegas que acompanham essa criança e nós ainda não a estamos a acompanhar e elas aaa... sinalizam e pedem para nós avaliarmos porque acham que há ali questões da nossa área que estão em défice.

Ent: Portanto, qual o local ou locais onde acontece a intervenção terapêutica?

Suj: Aqui acontece numa unidade que tem várias salas, aam... essas salas aam... têm muito material de integração sensorial, muitos baloiços, piscinas de bolas aam... e é essencialmente aí que acontece a intervenção, temos uma sala mais pequenina para crianças mais dispersas, que têm que ser mais contidas, menos estímulos visuais e auditivos do ambiente para

conseguirem estar mais dispostas e temos uma sala maior, também intervimos em meio aquático, depois temos outras salas mais... só com mesa para trabalhar outras competências mais de motricidade fina, percepção visual, mas é essencialmente em ginásios com material de integração sensorial que nós trabalhamos com as crianças e também vamos às salas fazer...

Ent: Às salas de Educação de Infância?

Suj: Sim, fazer atividades de grupo e trabalhar as partes das atividades da vida diária; lavar os dentes, ir à casa de banho, comer; portanto é em contexto de ginásio, sessão de terapia ocupacional e também em contexto de sala de Educação de Infância e em contexto real, nesses quatro contextos.

Ent: Portanto a intervenção terapêutica é feita, já explicou um bocadinho, individualmente, em pequeno grupo ou em grande grupo?

Suj: Aam... há crianças que nós só acompanhamos em grupo, que são aquelas, pronto que não foram sinalizadas, que nós quando vamos ao grupo não... não verificamos dificuldades, portanto essas só beneficiam de grupo, mas todas as crianças são acompanhadas. Algumas são em grupo, outras em grupo e individualmente, individualmente é aqui no contexto de ginásio, de sessão de terapia ocupacional, em grupo é nas salas, nas salas de Educação de Infância e no contexto real.

Ent: Qual é a periodicidade da intervenção terapêutica? E durante quanto tempo, mais ou menos, de cada vez?

Suj: Nós tentamos que sejam duas vezes por semana, sessões mais ou menos de quarenta e cinco minutos. Aquelas crianças que já não têm tantas dificuldades aam... acompanhamos às vezes, numa fase mais final quando já está próximo da alta, uma vez por semana, mas início de intervenção e crianças com mais dificuldades nós tentamos que seja duas vezes por semana. Depois há outras crianças mais especiais como temos um caso que acompanhamos todos os dias, são também de quarenta e cinco minutos/uma hora, com o vestir e o despir, pois fazemos sempre essa parte.

Ent: E parte da intervenção, desta intervenção terapêutica, é direcionada também para o desenvolvimento da linguagem?

Suj: Sim porque... porque cá está vamos sempre, vou sempre introduzindo estratégias que a Terapeuta da Fala sugeriu eee... pronto vamos sempre comunicando e falando e os jogos

têm imagens, aaa... portanto, mesmo que não seja esse o objetivo principal, que é mais da terapia da fala, nós vamos sempre estimulando essa área porque eles estão em constante comunicação conosco e também há certos equipamentos que nós usamos como é o caso do baloiço que ajudam aam... ajudam, ajudam a criança a desinibir e a falar mais, e como é também o meio aquático, o meio aquático também é muito bom, as crianças ficam mais desinibidas, aquelas crianças que cá fora em contexto de ginásio, de sala não... por vezes não produzem muitos sons, na piscina produzem, portanto nós vamos sempre estimulando mesmo que não seja o objetivo principal, mas acabamos sempre por focar essa área, essa área também.

Ent: Muito bem. Portanto como é que todos os profissionais da equipa multidisciplinar se articulam de modo a haver comunicação entre os mesmos?

Suj: Em termos de sessão, não é? Para não coincidir as sessões uns com os outros?

Ent: Não, é para haver comunicação entre os mesmos, portanto para falar dos casos, como é que é feita a articulação entre todos os elementos da equipa digamos assim.

Suj: Nós apesar de não termos estipulado uma reunião em determinado dia, em determinada hora, mas vamos sempre, aam... pronto os nossos gabinetes também estão muito próximos e como acompanhamos muitas vezes as mesmas crianças, não dentro da terapia ocupacional, mas dos outros departamentos vamos sempre comentando no fim das sessões com a outra Terapeuta da criança, como é que foi a sessão, como é que estava a criança, se já evoluiu, se estabilizou se está mais organizada, se está mais desorganizada, vamos sempre falando umas com as outras e dando opinião em relação à criança, e dando o *feedback* das nossas sessões.

Ent: Pronto, isso em relação às colegas terapeutas, não é?

Suj: Sim, sim.

Ent: E por exemplo em relação às colegas Educadoras de Infância, à Psicóloga, Fisioterapeuta, a Fisioterapeuta está próximo das Terapeutas é a mesma coisa.

Suj: Sim, as Educadoras quando nós comunicamos mais... é mesmo nos grupos, a não ser que tenhamos mesmo uma dúvida em específico que nos dirijamos mesmo às salas para falar com a Educadora, para perguntar, como acontece às vezes temos uma dúvida específica de uma criança, então subimos à sala e perguntamos diretamente à Educadora. Falamos... e depois nos grupos aproveitamos também para falar, para perguntar sobre determinada criança, ver o *feedback* das Educadoras e com as Educadoras também temos reuniões aam...

reúne-se a equipa toda, as Educadoras, as Terapeutas, a Psicóloga para discutir cada criança em particular. Para dar a opinião em relação à criança.

Ent: Já agora só uma dúvida, portanto as sessões de grupo, na sala de Educação de Infância, acontecem com que periodicidade?

Suj: Aam... temos um horário todas as semanas temos uma sessão, pelo menos em cada sala, depois há salas que têm dois tipos de sessões de grupo, por exemplo a sala dos cinco anos só tem as sessões de grupo de movimento orientado, a sala dos quatro e dos três, para além das sessões de grupo do movimento orientado, uma vez por semana, também tem, uma vez por semana, as sessões de atividades da vida diária. Aam... os bebés também têm uma sessão com a equipa, com as Terapeutas todas uma vez por semana e depois as Fisioterapeutas também vão outra vez por semana, à sala das Educadoras. Portanto depende, há salas que é uma vez por semana, há salas que é duas vezes porque têm mais do que um grupo, anda à volta de uma/duas.

Ent: De acordo com a sua experiência, a intervenção de uma equipa multidisciplinar é vantajosa para o sucesso educativo das crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim, porque era um bocadinho o que referi à bocado porque há algumas questões que levam às outras, por exemplo se a criança não tiver um bom controlo postural, como referi à bocado, não vai estar disponível para uma aprendizagem da linguagem oral e escrita, se tiver questões sensoriais também vai ter uma sensibilidade a nível intraoral que também vai prejudicar a aquisição, portanto acho que é muito importante porque uma parte da equipa trabalha mais uma área, outra trabalha mais outra porque a criança nunca, normalmente nunca tem só défice numa área, acaba por estar tudo relacionado e as aquisições numa área vão levar às aquisições na outra, portanto é fundamental aaa... trabalhar em equipa.

Ent: Muito obrigada.

Apêndice 13. Primeiro Tratamento da Entrevista à Terapeuta Ocupacional

1. [Percurso profissional] (...) *estou a trabalhar (...) vai fazer três anos em julho (...)*

(...) Tirei licenciatura na Escola Superior de Tecnologias de Saúde do Porto (...) fui participando (...) noutros cursos e workshop, (...) o workshop de massagem shantala, workshop de primeiros socorros pediátricos, encontros relacionados com o bebé e a criança (...) participei num curso teórico-prático em neurodesenvolvimento, perturbações do défice de atenção e hiperatividade e dificuldades de aprendizagem (...) fiz cursos mais na área da integração sensorial (...) o curso da baby sense, outro mais relacionado com o autismo (...) fui ao primeiro congresso de integração sensorial e ao curso sobre observações em integração sensorial no contexto brincar (...) tirei pós-graduação (...) em neuropsicologia pediátrica (...) antes (...) de vir trabalhar para a instituição tive um mês a trabalhar num lar, com idosos (...)

[Aspectos mais marcantes desse percurso] (...) *antes de vir para aqui foi só um mês (...) o mais gratificante foi mesmo ver o agradecimento das pessoas, dos idosos e o reconhecimento que eles faziam e os seus familiares, do nosso trabalho (...) é ver a alegria das crianças, o quanto elas gostam de trabalhar connosco, ter uma relação que não é estritamente (...) terapêutica (...) acho que o gratificante é ver que o nosso trabalho ajuda na vida destas pessoas e ver que as pessoas reconhecem isso e que agradecem (...)*

[Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *o mais pequenino seis meses até ao mais velhinho, oito anos (...)*

[Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *acho que é muito importante trabalhar em equipa multidisciplinar porque (...) sozinhos não conseguimos tudo, há outras áreas que também são muito importantes para o desenvolvimento destas crianças (...) sinto-me uma peça da equipa e acho que é muito bom trabalhar em equipa e pronto acho que todos contribuímos um pouco para o mesmo objetivo (...)*

[Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *acho que o desenvolvimento da (...) linguagem e da fala são características muito importantes para o desenvolvimento do ser humano, quer em termos relacionais quer em termos desenvolvimentais (...) permite distinguir-nos dos outros seres vivos (...) vários estudos revelam que dificuldades de aprendizagem tão intimamente relacionadas com atrasos prévios no desenvolvimento da linguagem (...)*

[Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) *vários estudos (...) indicam como fator de risco (...) causas ambientais (...) temos fatores sociais/emocionais (...) défices cognitivos, défices auditivos, outras perturbações do desenvolvimento como é o caso do autismo (...) o desenvolvimento da linguagem (...) sustenta-se sobretudo em dois pontos: um é a parte anatómico funcional e a outra é o estímulo que se recebe do ambiente (...)*

[Consequências das perturbações da linguagem oral] (...) *Tem atraso na linguagem, muito provavelmente vai ter dificuldades de aprendizagem, portanto o seu sucesso educativo vai estar comprometido (...)*

(...) *a linguagem oral está muito relacionada com a leitura e com a escrita e (...) se uma tiver afetada as outras também não vão desenvolver-se de forma supostamente normal (...)*

[Importância da deteção precoce das perturbações da linguagem oral] (...) *se conseguirmos detetar precocemente e intervir precocemente vamos influenciar e evitar (...) intervir em consequências educacionais e sociais desfavoráveis (...) a deteção e intervenção precoce é crucial (...)*

[Associação das perturbações da linguagem oral a doenças] (...) *o caso do autismo, há também outras síndromes como (...) síndrome de eduard, síndrome de down, paralisia cerebral, as crises epilépticas também podem perturbar o desenvolvimento da linguagem (...)*

[Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) *a linguagem oral é a forma como nós mais comunicamos e como melhor comunicamos e melhor somos percebidos (...) é bom para nós (...) qualquer pessoa gosta de ser percebido (...) e isso traz felicidade (...) acho que é essencial porque é a forma como melhor comunicamos uns com os outros (...) há outras formas de comunicação não-verbal, mas a verbal é de facto a forma como melhor nos conseguimos exprimir e fazer entender (...)*

[Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) *a matemática e outras áreas vão estar muito afetadas se a linguagem oral estiver comprometida (...) dificuldades de aprendizagem tão (...) intimamente relacionadas com atrasos prévios da linguagem (...) um atraso no desenvolvimento da linguagem vai prejudicar (...) a aprendizagem, a compreensão de outras áreas, vai (...) ser um fator desfavorável (...)*

[Fatores favoráveis para a aquisição de um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *é muito importante (...) uma adequada estimulação, ter um*

ambiente social e emocional favorável, ter bons modelos (...) estimulação que recebem depois na escola também é muito importante (...) é essencialmente a estimulação (...) tem que ter a estrutura anatómica, a parte auditiva/cognitiva também (...) influenciam, mas a estimulação para mim (...) [é] o mais importante para o desenvolvimento (...)

[Valorização da promoção do desenvolvimento da linguagem oral] (...) é a melhor forma que nós temos de comunicar, nós trabalhamos muito (...) na base da motivação da criança, dos interesses da criança e o feedback que a criança nos dá é a melhor forma que nós temos de perceber isso, é mesmo a linguagem oral (...) a expressão deles, os comentários deles, as opiniões são muito importantes (...) para os nossos objetivos (...)

[Estratégias para a otimização das competências linguísticas] (...) por vezes até crianças com mais dificuldades peço algumas estratégias à terapeuta da fala, [para] também poder incluir na minha abordagem e para facilitar (...) o meu trabalho, para facilitar a minha comunicação com a criança e a socialização (...)

(...) uma boa estimulação vai levar a um bom desenvolvimento que vai levar a menos problemas em termos de aprendizagem (...)

(...) associar a linguagem a gestos, a imagens, a expressões faciais, (...) adequar estratégias em conjunto com a terapeuta da fala (...) porque associando a linguagem à imagem, ao gesto ou à expressão é muito mais fácil perceberem (...)

[Equipa multidisciplinar como veículo facilitador do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) a linguagem mais pura é a área da terapia da fala (...) nós podemos trabalhar outras partes (...) mesmo de socialização e de comunicação e podemos trabalhar o que está por trás, para a criança aprender, tem de ter um bom controlo postural, tem de ter uma boa motricidade (...) às vezes aquelas crianças que têm dificuldades por causa de sensibilidade orofacial, que depois também se vai refletir no resto do corpo (...) as (...) competências trabalhadas numa área vão ajudar ao desenvolvimento das de outra área e trabalhando todos em conjunto é mais fácil, porque às vezes a base não é bem terapia da fala ou a base não é bem terapia ocupacional, é um misto e uma trabalha uma questão, outra outra e é mais fácil chegar lá (...)

[Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) Normalmente são as educadoras e as auxiliares que passam mais tempo com as crianças (...) que nos vão referindo (...) algumas dificuldades e nós então decidimos avaliar (...) quando nós vamos às salas em grupo, fazer grupos de motricidade que verificamos que aquela criança tem mais

dificuldades ali numa área ou outra e decidimos avaliar (...) às vezes são as colegas que acompanham essa criança (...)

[Local onde acontece a intervenção terapêutica] (...) acontece numa unidade que tem várias salas (...) essas salas (...) têm muito material de integração sensorial, muitos balouços, piscinas de bolas (...) e é essencialmente aí que acontece a intervenção, temos uma sala mais pequenina pra crianças mais dispersas, que têm de ser mais contidas, menos (...) estímulos visuais e auditivos do ambiente pra conseguirem estar mais dispostas e temos uma sala maior (...) também intervimos em meio aquático, depois temos outras salas (...) só com mesa pra trabalhar outras competências mais de motricidade fina, percepção visual, mas é essencialmente em ginásios com material de integração sensorial que nós trabalhamos com as crianças e também vamos às salas (...) fazer atividades de grupo e trabalhar as partes das atividades da vida diária, lavar os dentes, ir à casa de banho, comer, portanto é em contexto de ginásio, sessão de terapia ocupacional e também em contexto de sala de educação de infância e em contexto real (...)

(...) há crianças que nós só acompanhamos em grupo, que são aquelas (...) que não foram sinalizadas (...) essas só beneficiam de grupo, mas todas as crianças são acompanhadas. Algumas são em grupo, outras em grupo e individualmente (...) no contexto de ginásio, de sessão de terapia ocupacional, em grupo é nas salas, nas salas de educação de infância e no contexto real (...)

[Periodicidade e tempo de duração das terapias] (...) tentamos que sejam duas vezes por semana, sessões mais ou menos de quarenta e cinco minutos. Aquelas crianças que já não têm tantas dificuldades (...) acompanhamos às vezes, numa fase mais final quando já está próximo da alta, uma vez por semana, mas início de intervenção e crianças com mais dificuldades nós tentamos que seja duas vezes por semana. Depois há outras crianças mais especiais como temos um caso que acompanhamos todos os dias, são também de quarenta e cinco minutos/uma hora, com o vestir e o despir, pois fazemos sempre essa parte (...)

(...) todas as semanas temos uma sessão, pelo menos, em cada sala, depois há salas que têm dois tipos de sessões de grupo (...) a sala dos cinco anos só tem as sessões de grupo de movimento orientado, a sala dos quatro e dos três, para além das sessões de grupo do movimento orientado (...) também tem, uma vez por semana, as sessões de atividades da vida diária (...) os bebés também têm uma sessão com a equipa, com as terapeutas todas uma vez por semana e depois as fisioterapeutas também vão, outra vez por semana, à sala

das educadoras. (...) depende, há salas que é uma vez por semana, há salas que é duas vezes (...)

[Articulação entre os profissionais da equipa] (...) como acompanhamos muitas vezes as mesmas crianças (...) vamos sempre comentando no fim das sessões com a outra terapeuta da criança (...) como é que foi a sessão, como é que estava a criança, se já evoluiu (...) se estabilizou se está mais organizada, se está mais desorganizada, vamos sempre falando umas com as outras e dando opinião em relação à criança (...)

(...) as educadoras quando nós comunicamos mais é mesmo nos grupos, a não ser que tenhamos mesmo uma dúvida em específico que nos dirigamos mesmo às salas (...) para falar com a educadora (...) e depois nos grupos aproveitamos também para falar, para perguntar sobre determinada criança, ver o feedback das educadoras e com as educadoras também temos reuniões (...) reúne-se a equipa toda, as educadoras, as terapeutas, a psicóloga pra discutir cada criança em particular (...)

[Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) há algumas questões que levam às outras (...) se a criança não tiver um bom controlo postural (...) não vai estar disponível para uma aprendizagem da linguagem oral e escrita, se estiver questões sensoriais também vai ter uma sensibilidade a nível intraoral que também vai prejudicar a aquisição (...) acho que é muito importante porque (...) uma parte da equipa trabalha mais uma área, outra trabalha mais outra porque a criança (...) normalmente nunca tem só défice numa área, acaba por estar tudo relacionado e as aquisições numa área vão levar às aquisições na outra, portanto é fundamental (...) trabalhar em equipa (...)

Apêndice 14. Pré-Categorização da Entrevista à Terapeuta Ocupacional

1. [Percurso profissional] (...) *estou a trabalhar desde que terminei o curso (...) vai fazer três anos em julho (...)*
2. (...) *Tirei licenciatura na Escola Superior de Tecnologias de Saúde do Porto (...)*
3. (...) *fui participando (...) noutras cursos e workshops (...)*
4. (...) *o workshop de massagem shantala (...)*
5. (...) *workshop de primeiros socorros pediátricos (...)*
6. (...) *encontros relacionados com o bebé e a criança (...)*
7. (...) *participei num curso teórico-prático em neurodesenvolvimento, perturbações do défice de atenção e hiperatividade e dificuldades de aprendizagem (...)*
8. (...) *fiz cursos mais na área da integração sensorial (...)*
9. (...) *o curso da baby sense (...)*
10. (...) *outro mais relacionado com o autismo (...)*
11. (...) *fui ao primeiro congresso de integração sensorial e ao curso sobre observações em integração sensorial no contexto brincar (...)*
12. (...) *tirei pós-graduação (...) em neuropsicologia pediátrica (...)*
13. (...) *antes (...) de vir trabalhar para a instituição estive um mês a trabalhar num lar, com idosos (...)*
14. [Aspectos mais marcantes desse percurso] (...) *antes de vir para aqui foi só um mês (...) o mais gratificante foi mesmo ver o agradecimento das pessoas, dos idosos e o reconhecimento que eles faziam e os seus familiares, do nosso trabalho (...)*
15. (...) *é ver a alegria das crianças, o quanto elas gostam de trabalhar connosco, ter uma relação que não é estritamente (...) terapêutica (...)*
16. (...) *acho que o gratificante é ver que o nosso trabalho ajuda na vida destas pessoas e ver que as pessoas reconhecem isso e que agradecem (...)*
17. [Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *o mais pequenino seis meses até ao mais velhinho, oito anos (...)*

18. [Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *acho que é muito importante trabalhar em equipa multidisciplinar (...)*
19. (...) *porque (...) sozinhos não conseguimos tudo, há outras áreas que também são muito importantes para o desenvolvimento destas crianças (...)*
20. (...) *sinto-me uma peça da equipa (...)*
21. (...) *acho que é muito bom trabalhar em equipa (...)*
22. (...) *acho que todos contribuímos um pouco para o mesmo objetivo (...)*
23. [Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *acho que o desenvolvimento da (...) linguagem e da fala são características muito importantes para o desenvolvimento do ser humano, quer em termos relacionais quer em termos desenvolvimentais (...)*
24. (...) *permite distinguir-nos dos outros seres vivos (...)*
25. (...) *vários estudos revelam que dificuldades de aprendizagem estão intimamente relacionadas com atrasos prévios no desenvolvimento da linguagem (...)*
26. [Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) *vários estudos (...) indicam como fator de risco (...) causas ambientais (...)*
27. (...) *temos fatores sociais/emocionais (...)*
28. (...) *défices cognitivos (...)*
29. (...) *défices auditivos (...)*
30. (...) *outras perturbações do desenvolvimento como é o caso do autismo (...)*
31. (...) *o desenvolvimento da linguagem (...) sustenta-se sobretudo em dois pontos: um é a parte anatómico funcional e a outra é o estímulo que se recebe do ambiente (...)*
32. [Consequências das perturbações da linguagem oral] (...) *Tem atraso na linguagem, muito provavelmente vai ter dificuldades de aprendizagem (...)*
33. (...) *portanto o seu sucesso educativo vai estar comprometido (...)*
34. (...) *a linguagem oral está muito relacionada com a leitura e com a escrita e (...) se uma tiver afetada as outras também não vão desenvolver-se de forma supostamente normal (...)*

35. [Importância da deteção precoce das perturbações da linguagem oral] (...) *se conseguirmos detetar precocemente e intervir precocemente vamos influenciar e evitar (...) intervir em consequências educacionais e sociais desfavoráveis (...)*
36. (...) *a deteção e intervenção precoce é crucial (...)*
37. [Associação das perturbações da linguagem oral a doenças] (...) *o caso do autismo (...)*
38. (...) *há também outras síndromes como (...) síndrome de eduard, síndrome de down (...)*
39. (...) *paralisia cerebral (...)*
40. (...) *as crises epiléticas também podem perturbar o desenvolvimento da linguagem (...)*
41. [Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) *a linguagem oral é a forma como nós mais comunicamos e como melhor comunicamos e melhor somos percebidos (...) é bom para nós (...)*
42. (...) *qualquer pessoa gosta de ser percebido (...) e isso traz felicidade (...)*
43. (...) *acho que é essencial porque é a forma como melhor comunicamos uns com os outros (...)*
44. (...) *há outras formas de comunicação não-verbal, mas a verbal é de facto a forma como melhor nos conseguimos exprimir e fazer entender (...)*
45. [Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) *a matemática e outras áreas vão estar muito afetadas se a linguagem oral estiver comprometida (...)*
46. (...) *dificuldades de aprendizagem estão (...) intimamente relacionadas com atrasos prévios da linguagem (...)*
47. (...) *um atraso no desenvolvimento da linguagem vai prejudicar (...) a aprendizagem, a compreensão de outras áreas, vai (...) ser um fator desfavorável (...)*
48. [Fatores favoráveis para a aquisição de um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *é muito importante (...) uma adequada estimulação (...)*
49. (...) *ter um ambiente social e emocional favorável (...)*
50. (...) *ter bons modelos (...)*
51. (...) *estimulação que recebem depois na escola também é muito importante (...)*

52. (...) *é essencialmente a estimulação (...)*
53. (...) *tem de ter a estrutura anatómica (...)*
54. (...) *a parte auditiva/cognitiva também (...)* *influenciam (...)*
55. (...) *mas a estimulação para mim (...)* [é] *o mais importante para o desenvolvimento (...)*
56. [Valorização da promoção do desenvolvimento da linguagem oral] (...) *é a melhor forma que nós temos de comunicar (...)*
57. (...) *nós trabalhamos muito (...)* *na base da motivação da criança, dos interesses da criança e o feedback que a criança nos dá é a melhor forma que nós temos de perceber isso (...)*
58. (...) *é mesmo a linguagem oral (...)* *a expressão deles, os comentários deles, as opiniões são muito importantes (...)* *para os nossos objetivos (...)*
59. [Estratégias para a otimização das competências linguísticas] (...) *por vezes até crianças com mais dificuldades peço algumas estratégias à terapeuta da fala, [para] também poder incluir na minha abordagem e para facilitar (...)* *o meu trabalho, para facilitar a minha comunicação com a criança e a socialização (...)*
60. (...) *uma boa estimulação vai levar a um bom desenvolvimento que vai levar a menos problemas em termos de aprendizagem (...)*
61. (...) *associar a linguagem a gestos, a imagens, a expressões faciais, (...)*
62. (...) *adequar estratégias em conjunto com a terapeuta da fala (...)*
63. (...) *porque associando a linguagem à imagem, ao gesto ou à expressão é muito mais fácil perceberem (...)*
64. [Equipa multidisciplinar como veículo facilitador do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *a linguagem mais pura é a área da terapia da fala (...)*
65. (...) *nós podemos trabalhar outras partes (...)* *mesmo de socialização (...)*
66. (...) *e de comunicação e podemos trabalhar o que está por traz, para a criança aprender, tem de ter um bom controlo postural, tem de ter uma boa motricidade (...)*
67. (...) *às vezes aquelas crianças que têm dificuldades por causa de sensibilidade orofacial, que depois também se vai refletir no resto do corpo (...)*

68. (...) as (...) competências trabalhadas numa área vão ajudar ao desenvolvimento das de outra área e trabalhando todos em conjunto é mais fácil (...)
69. (...) porque às vezes a base não é bem terapia da fala ou a base não é bem terapia ocupacional, é um misto e uma trabalha uma questão, outra outra e é mais fácil chegar lá (...)
70. [Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) Normalmente são as educadoras e as auxiliares que passam mais tempo com as crianças (...) que nos vão referindo (...) algumas dificuldades e nós então decidimos avaliar (...)
71. (...) quando nós vamos às salas em grupo, fazer grupos de motricidade que verificamos que aquela criança tem mais dificuldades ali numa área ou outra e decidimos avaliar (...)
72. (...) às vezes são as colegas que acompanham essa criança (...)
73. [Local onde acontece a intervenção terapêutica] (...) acontece numa unidade que tem várias salas (...)
74. (...) essas salas (...) têm muito material de integração sensorial, muitos balouços, piscinas de bolas (...)
75. (...) é essencialmente aí que acontece a intervenção, temos uma sala mais pequenina para crianças mais dispersas, que têm que ser mais contidas, menos (...) estímulos visuais e auditivos do ambiente para conseguirem estar mais dispostas (...)
76. (...) temos uma sala maior (...)
77. (...) também intervimos em meio aquático (...)
78. (...) depois temos outras salas (...)
79. (...) só com mesa para trabalhar outras competências mais de motricidade fina, perceção visual (...)
80. (...) mas é essencialmente em ginásios com material de integração sensorial que nós trabalhamos com as crianças (...)
81. (...) também vamos às salas (...) fazer atividades de grupo e trabalhar as partes das atividades da vida diária, lavar os dentes, ir à casa de banho, comer (...)
82. (...) portanto é em contexto de ginásio (...)
83. (...) sessão de terapia ocupacional (...)

84. (...) também em contexto de sala de educação de infância (...)
85. (...) e em contexto real (...)
86. (...) há crianças que nós só acompanhamos em grupo, que são aquelas (...) que não foram sinalizadas (...) essas só beneficiam de grupo (...)
87. (...) mas todas as crianças são acompanhadas (...)
88. (...) Algumas são em grupo (...)
89. (...) outras em grupo e individualmente (...)
90. [Periodicidade e tempo de duração das terapias] (...) tentamos que sejam duas vezes por semana, sessões mais ou menos de quarenta e cinco minutos (...)
91. (...) Aquelas crianças que já não têm tantas dificuldades (...) acompanhamos às vezes, numa fase mais final quando já está próximo da alta, uma vez por semana (...)
92. (...) mas início de intervenção e crianças com mais dificuldades nós tentamos que seja duas vezes por semana (...)
93. (...) Depois há outras crianças mais especiais como temos um caso que acompanhamos todos os dias, são também de quarenta e cinco minutos/uma hora, com o vestir e o despir, pois fazemos sempre essa parte (...)
94. (...) todas as semanas temos uma sessão, pelo menos, em cada sala [de educação de infância] (...)
95. (...) há salas que têm dois tipos de sessões de grupo (...) a sala dos cinco anos só tem as sessões de grupo de movimento orientado (...)
96. (...) a sala dos quatro e dos três, para além das sessões de grupo do movimento orientado (...) também tem, uma vez por semana, as sessões de atividades da vida diária (...)
97. (...) os bebés também têm uma sessão com a equipa, com as terapeutas todas uma vez por semana (...)
98. (...) depois as fisioterapeutas também vão, outra vez por semana, à sala das educadoras. (...)
99. (...) depende, há salas que é uma vez por semana, há salas que é duas vezes (...)

- 100.** [Articulação entre os profissionais da equipa] (...) *como acompanhamos muitas vezes as mesmas crianças (...) vamos sempre comentando no fim das sessões com a outra terapeuta da criança (...) como é que foi a sessão, como é que estava a criança, se já evoluiu (...) se estabilizou se está mais organizada, se está mais desorganizada, vamos sempre falando umas com as outras e dando opinião em relação à criança (...)*
- 101.** (...) *as educadoras quando nós comunicamos mais é mesmo nos grupos, a não ser que tenhamos mesmo uma dúvida em específico que nos dirigamos mesmo às salas (...) para falar com a educadora (...)*
- 102.** (...) *depois nos grupos aproveitamos também para falar, para perguntar sobre determinada criança, ver o feedback das educadoras e com as educadoras também temos reuniões (...)*
- 103.** (...) *reúne-se a equipa toda, as educadoras, as terapeutas, a psicóloga para discutir cada criança em particular (...)*
- 104.** [Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) *há algumas questões que levam às outras (...) se a criança não tiver um bom controlo postural (...) não vai estar disponível para uma aprendizagem da linguagem oral e escrita (...)*
- 105.** (...) *se tiver questões sensoriais também vai ter uma sensibilidade a nível intraoral que também vai prejudicar a aquisição (...)*
- 106.** (...) *acho que é muito importante (...)*
- 107.** (...) *porque (...) uma parte da equipa trabalha mais uma área, outra trabalha mais outra porque a criança (...) normalmente nunca tem só défice numa área, acaba por estar tudo relacionado e as aquisições numa área vão levar às aquisições na outra (...)*
- 108.** (...) *é fundamental (...) trabalhar em equipa (...)*

Apêndice 15. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Terapeuta Ocupacional

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES
3. CARACTERIZAÇÃO COMO PROFISSIONAL	1.1. Tempo de serviço	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>estou a trabalhar desde que terminei o curso (...) vai fazer três anos em julho (...) (1)</i>
	3.2. Formação inicial	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Tirei licenciatura na Escola Superior de Tecnologias de Saúde do Porto (...) (2)</i>
	3.3. Formação contínua	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>fui participando (...) noutros cursos e workshops (...) (3)</i> • (...) <i>o workshop de massagem shantala (...) (4)</i> • (...) <i>workshop de primeiros socorros pediátricos (...) (5)</i> • (...) <i>encontros relacionados com o bebé e a criança (...) (6)</i> • (...) <i>participei num curso teórico-prático em neurodesenvolvimento, perturbações do défice de atenção e hiperatividade e dificuldades de aprendizagem (...) (7)</i> • (...) <i>fiz cursos mais na área da integração sensorial (...) (8)</i> • (...) <i>o curso da baby sense (...) (9)</i> • (...) <i>outro mais relacionado com o autismo (...) (10)</i> • (...) <i>fui ao primeiro congresso de integração sensorial e ao curso sobre observações em integração sensorial no contexto brincar (...) (11)</i> • (...) <i>tirei pós-graduação (...) em neuropsicologia pediátrica (...) (12)</i>
	3.4. Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>antes (...) de vir trabalhar para a instituição estive um mês a trabalhar num lar, com idosos (...) (13)</i>
	3.5. Aspetos mais marcantes desse percurso	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>antes de vir para aqui foi só um mês (...) o mais gratificante foi mesmo ver o agradecimento das pessoas, dos idosos e o reconhecimento que eles faziam e os seus familiares, do nosso trabalho (...) (14)</i> • (...) <i>é ver a alegria das crianças, o quanto elas gostam de trabalhar connosco, ter uma relação que não é estritamente (...) terapêutica (...) (15)</i>

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>acho que o gratificante é ver que o nosso trabalho ajuda na vida destas pessoas e ver que as pessoas reconhecem isso e que agradecem (...) (16)</i>
	3.6. Nível etário das crianças com que intervém	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>o mais pequenino seis meses até ao mais velhinho, oito anos (...) (17)</i>
4. VALORIZAÇÃO ATRIBUÍDA AO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL	2.3. Importância atribuída ao desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>acho que o desenvolvimento da (...) linguagem e da fala são características muito importantes para o desenvolvimento do ser humano, quer em termos relacionais quer em termos desenvolvimentais (...) (23)</i> • (...) <i>permite distinguir-nos dos outros seres vivos (...) (24)</i> • (...) <i>vários estudos revelam que dificuldades de aprendizagem tão intimamente relacionadas com atrasos prévios no desenvolvimento da linguagem (...) (25)</i> • (...) <i>Tem atraso na linguagem, muito provavelmente vai ter dificuldades de aprendizagem (...) (32)</i> • (...) <i>portanto o seu sucesso educativo vai estar comprometido (...) (33)</i> • (...) <i>a linguagem oral está muito relacionada com a leitura e com a escrita e (...) se uma tiver afetada as outras também não vão desenvolver-se de forma supostamente normal (...) (34)</i> • (...) <i>é a melhor forma que nós temos de comunicar (...) (56)</i> • (...) <i>é mesmo a linguagem oral (...) a expressão deles, os comentários deles, as opiniões são muito importantes (...) para os nossos objetivos (...) (58)</i>

	<p>2.6. Valorização atribuída à estimulação da linguagem oral</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>é muito importante (...) uma adequada estimulação (...) (48)</i> • (...) <i>ter um ambiente social e emocional favorável (...) (49)</i> • (...) <i>ter bons modelos (...) (50)</i> • (...) <i>estimulação que recebem depois na escola também é muito importante (...) (51)</i> • (...) <i>é essencialmente a estimulação (...) (52)</i> • (...) <i>tem de ter a estrutura anatômica (...) (53)</i> • (...) <i>a parte auditiva/cognitiva também (...) influenciam (...) (54)</i> • (...) <i>mas a estimulação para mim (...) [é] o mais importante para o desenvolvimento (...) (55)</i>
	<p>2.7. Importância da estimulação da linguagem oral no seu tempo devido</p>	
	<p>2.4. Causas das perturbações no desenvolvimento da linguagem oral</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>vários estudos (...) indicam como fator de risco (...) causas ambientais (...) (26)</i> • (...) <i>temos fatores sociais/emocionais (...) (27)</i> • (...) <i>défices cognitivos (...) (28)</i> • (...) <i>défices auditivos (...) (29)</i> • (...) <i>outras perturbações do desenvolvimento como é o caso do autismo (...) (30)</i> • (...) <i>o desenvolvimento da linguagem (...) sustenta-se sobretudo em dois pontos: um é a parte anatômico funcional e a outra é o estímulo que se recebe do ambiente (...) (31)</i> • (...) <i>o caso do autismo (...) (37)</i> • (...) <i>há também outras síndromes como (...) síndrome de edouard, síndrome de dawn (...) (38)</i> • (...) <i>paralisia cerebral (...) (39)</i> • (...) <i>as crises epilépticas também podem perturbar o desenvolvimento da linguagem (...) (40)</i>

	<p>2.11. Importância da deteção precoce de perturbações ao nível da linguagem oral</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>se conseguirmos detetar precocemente e intervir precocemente vamos influenciar e evitar (...) intervir em consequências educacionais e sociais desfavoráveis (...)</i> (35) • (...) <i>a deteção e intervenção precoce é crucial (...)</i> (36)
	<p>2.12. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e o bem-estar da criança</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>a linguagem oral é a forma como nós mais comunicamos e como melhor comunicamos e melhor somos percebidos (...)</i> é bom para nós (...) (41) • (...) <i>qualquer pessoa gosta de ser percebido (...)</i> e isso traz felicidade (...) (42) • (...) <i>acho que é essencial porque é a forma como melhor comunicamos uns com os outros (...)</i> (43) • (...) <i>há outras formas de comunicação não-verbal, mas a verbal é de facto a forma como melhor nos conseguimos exprimir e fazer entender (...)</i> (44) • (...) <i>nós trabalhamos muito (...) na base da motivação da criança, dos interesses da criança e o feedback que a criança nos dá é a melhor forma que nós temos de perceber isso (...)</i> (57)
	<p>2.13. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>a matemática e outras áreas vão estar muito afetadas se a linguagem oral estiver comprometida (...)</i> (45) • (...) <i>dificuldades de aprendizagem estão (...) intimamente relacionadas com atrasos prévios da linguagem (...)</i> (46) • (...) <i>um atraso no desenvolvimento da linguagem vai prejudicar (...) a aprendizagem, a compreensão de outras áreas, vai (...) ser um fator desfavorável (...)</i> (47)
<p>7. ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA A PROMOÇÃO DA LINGUAGEM ORAL/ESCRITA</p>	<p>3.3. Princípios para a aquisição de um bom desempenho na linguagem oral/escrita</p>	
	<p>3.4. Utilização de pedagogia diferenciada</p>	
	<p>3.5. Estratégias para a otimização das competências linguísticas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>por vezes até crianças com mais dificuldades peço algumas estratégias à terapeuta da fala, [para] também poder incluir na minha</i>

		<p><i>abordagem e para facilitar (...) o meu trabalho, para facilitar a minha comunicação com a criança e a socialização (...) (59)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>uma boa estimulação vai levar a um bom desenvolvimento que vai levar a menos problemas em termos de aprendizagem (...) (60)</i> • (...) <i>associar a linguagem a gestos, a imagens, a expressões faciais, (...) (61)</i> • (...) <i>adequar estratégias em conjunto com a terapeuta da fala (...) (62)</i> • (...) <i>porque associando a linguagem à imagem, ao gesto ou à expressão é muito mais fácil perceberem (...) (63)</i>
	<p>3.6. Equipa multidisciplinar como veículo facilitador da promoção da linguagem oral/escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>porque (...) sozinhos não conseguimos tudo, há outras áreas que também são muito importantes para o desenvolvimento destas crianças (...) (19)</i> • (...) <i>a linguagem mais pura é a área da terapia da fala (...) (64)</i> • (...) <i>nós podemos trabalhar outras partes (...) mesmo de socialização (...) (65)</i> • (...) <i>e de comunicação e podemos trabalhar o que está por trás, para a criança aprender, tem de ter um bom controlo postural, tem de ter uma boa motricidade (...) (66)</i> • (...) <i>às vezes aquelas crianças que têm dificuldades por causa de sensibilidade oro facial, que depois também se vai refletir no resto do corpo (...) (67)</i> • (...) <i>as (...) competências trabalhadas numa área vão ajudar ao desenvolvimento das de outra área e trabalhando todos em conjunto é mais fácil (...) (68)</i> • (...) <i>porque às vezes a base não é bem terapia da fala ou a base não é bem terapia ocupacional, é um misto e uma trabalha uma questão, outra outra e é mais fácil chegar lá (...) (69)</i>
<p>8. ORGANIZAÇÃO DA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR</p>	<p>4.9. Modo de funcionamento da equipa multidisciplinar</p>	
	<p>4.10. Sinalização das crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Normalmente são as educadoras e as auxiliares que passam mais tempo com as crianças (...) que nos vão referindo (...) algumas dificuldades e nós então decidimos avaliar (...) (70)</i>

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) quando nós vamos às salas em grupo, fazer grupos de motricidade que verificamos que aquela criança tem mais dificuldades ali numa área ou outra e decidimos avaliar (...) (71) • (...) às vezes são as colegas que acompanham essa criança (...) (72)
	<p>4.11. Local (aís) onde acontece a intervenção terapêutica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) acontece numa unidade que tem várias salas (...) (73) • (...) é essencialmente aí que acontece a intervenção, temos uma sala mais pequenina para crianças mais dispersas, que têm que ser mais contidas, menos (...) estímulos visuais e auditivos do ambiente para conseguirem estar mais dispostas (...) (75) • (...) temos uma sala maior (...) (76) • (...) também intervimos em meio aquático (...) (77) • (...) depois temos outras salas (...) (78) • (...) só com mesa para trabalhar outras competências mais de motricidade fina, perceção visual (...) (79) • (...) mas é essencialmente em ginásios com material de integração sensorial que nós trabalhamos com as crianças (...) (80) • (...) também vamos às salas (...) fazer atividades de grupo e trabalhar as partes das atividades da vida diária, lavar os dentes, ir à casa de banho, comer (...) (81) • (...) portanto é em contexto de ginásio (...) (82) • (...) sessão de terapia ocupacional (...) (83) • (...) também em contexto de sala de educação de infância (...) (84) • (...) e em contexto real (...) (85)
	<p>4.12. Materiais/equipamentos disponíveis para terapia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) essas salas (...) têm muito material de integração sensorial, muitos balouços, piscinas de bolas (...) (74)
	<p>4.13. Formas de intervenção terapêutica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) há crianças que nós só acompanhamos em grupo, que são aquelas (...) que não foram sinalizadas (...) essas só beneficiam de grupo (...) (86) • (...) mas todas as crianças são acompanhadas (...) (87) • (...) Algumas são em grupo (...) (88) • (...) outras em grupo e individualmente (...) (89)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) há salas que têm dois tipos de sessões de grupo (...) a sala dos cinco anos só tem as sessões de grupo de movimento orientado (...) (95) • (...) a sala dos quatro e dos três, para além das sessões de grupo do movimento orientado (...) também tem, uma vez por semana, as sessões de atividades da vida diária (...) (96) • (...) os bebés também têm uma sessão com a equipa, com as terapeutas todas uma vez por semana (...) (97) • (...) depois as fisioterapeutas também vão, outra vez por semana, à sala das educadoras. (...) (98)
	<p>4.6. Periodicidade e duração da intervenção terapêutica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) tentamos que sejam duas vezes por semana, sessões mais ou menos de quarenta e cinco minutos (...) (90) • (...) Aquelas crianças que já não têm tantas dificuldades (...) acompanhamos às vezes, numa fase mais final quando já está próximo da alta, uma vez por semana (...) (91) • (...) mas início de intervenção e crianças com mais dificuldades nós tentamos que seja duas vezes por semana (...) (92) • (...) Depois há outras crianças mais especiais como temos um caso que acompanhamos todos os dias, são também de quarenta e cinco minutos/uma hora, com o vestir e o despir, pois fazemos sempre essa parte (...) (93) • (...) todas as semanas temos uma sessão, pelo menos, em cada sala [de educação de infância] (...) (94) • (...) depende, há salas que é uma vez por semana, há salas que é duas vezes (...) (99)
	<p>4.7. Articulação entre os técnicos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) como acompanhamos muitas vezes as mesmas crianças (...) vamos sempre comentando no fim das sessões com a outra terapeuta da criança (...) como é que foi a sessão, como é que estava a criança, se já evoluiu (...) se estabilizou se está mais organizada, se está mais desorganizada, vamos sempre falando umas com as outras e dando opinião em relação à criança (...) (100) • (...) as educadoras quando nós comunicamos mais é mesmo nos grupos, a não ser que tenhamos mesmo uma dúvida em específico que nos dirigamos mesmo às salas (...) para falar com a educadora (...) (101)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>depois nos grupos aproveitamos também para falar, para perguntar sobre determinada criança, ver o feedback das educadoras e com as educadoras também temos reuniões (...)</i> (102) • (...) <i>reúne-se a equipa toda, as educadoras, as terapeutas, a psicóloga para discutir cada criança em particular (...)</i> (103)
	<p>4.8. Vantagens para o sucesso educativo das crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>há algumas questões que levam às outras (...) se a criança não tiver um bom controlo postural (...) não vai estar disponível para uma aprendizagem da linguagem oral e escrita (...)</i> (104) • (...) <i>se tiver questões sensoriais também vai ter uma sensibilidade a nível intraoral que também vai prejudicar a aquisição (...)</i> (105) • (...) <i>acho que é muito importante (...)</i> (106) • (...) <i>porque (...) uma parte da equipa trabalha mais uma área, outra trabalha mais outra porque a criança (...) normalmente nunca tem só défice numa área, acaba por estar tudo relacionado e as aquisições numa área vão levar às aquisições na outra (...)</i> (107) • (...) <i>é fundamental (...) trabalhar em equipa (...)</i> (108)
	<p>4.9. Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>acho que é muito importante trabalhar em equipa multidisciplinar (...)</i> (18) • (...) <i>sinto-me uma peça da equipa (...)</i> (20) • (...) <i>acho que é muito bom trabalhar em equipa (...)</i> (21) • (...) <i>acho que todos contribuimos um pouco para o mesmo objetivo (...)</i> (22)

Apêndice 16. Protocolo da Entrevista à Professora de Educação Especial

Ent: O meu nome é Maria da Graça Dias Luísa Viegas, sou educadora de infância e encontro-me a frequentar o Mestrado de Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve.

No âmbito da disciplina de Dissertação de Mestrado, estou a realizar uma investigação centrada nas representações e expectativas de uma equipa multidisciplinar, no que respeita às perturbações do desenvolvimento da linguagem oral de crianças em risco.

Desta forma, venho solicitar a sua colaboração na realização desta entrevista, bem como a sua autorização para a transcrição da mesma. A sua participação será anónima e confidencial e agradeço muito a sua colaboração e muito obrigada.

Ent: Pode-me falar um bocadinho sobre a sua formação inicial e continua se faz favor.

Suj: Sim então eu sou, a minha formação base, sou professora do primeiro ciclo do ensino básico, depois, entretanto tirei a especialização na educação especial, no domínio cognitivo e motor e mais tarde também no domínio da visão, a nível de habilitações é isto. Pronto, quer mais alguma coisa?

Ent: E quanto à formação continua?

Suj: Ah sim a formação contínua acabo por, sou... também dou formação para adultos, tanto professores como como auxiliares da ação educativa aam... a nível também tenho ao longo dessa, destes anos também tenho tido formação, tive formação a nível da intervenção precoce e neste momento estou aa... a ter mais formação na área do movimento da escola moderna no modelo, na implementação do modelo do movimento da escola moderna. Mas isto já são formações pronto que acabam por ser... são de x horas, mas não, não são... pronto é mais formação continua.

Ent: E neste momento qual é a sua situação atual em termos profissionais?

Suj: Sou contratada, apenas contratada.

Ent: Mas trabalha na educação especial?

Suj: Ah sim, estou a trabalhar na educação especial aqui na escola e como contratada apenas por um ano, contrato de um ano.

Ent: Quais os aspetos mais gratificantes, inovadores e marcantes ao longo do seu percurso profissional?

Suj: Aam... sim, o... os mais... todos eles foram gratificantes, é assim a nível da educação especial eu já comecei, pronto já comecei há algum tempo, o primeiro ano, antes quando estava ainda a fazer, a tirar a formação de educação especial já estava a trabalhar na educação especial quando trabalhei com crianças cegas a nível do jardim [de infância], depois...

Ent: Jardim de infância?

Suj: Depois mais tarde aaa... integrei numa equipa aaa... da intervenção precoce no Funchal, e estive lá dois anos em que foi bastante gratificante a nível de atuação como profissional na educação especial, foi muito, muito importante porque foi a minha prática lá foi... deu, adquiri as minhas bases enquanto docente da educação especial, porque têm uma maneira de trabalhar um bocadinho diferente que aqui no continente.

Ent: Ai é?

Suj: Sim, muito melhor... e depois mais tarde também tive nessa equipa e, entretanto, vim para o continente, estive a trabalhar numa unidade de multideficiência onde tinha casos não só de multideficiência, mas também com casos de crianças com autismo em que também tinha uma equipa aaa... e o trabalho também foi muito gratificante, porquê? Porque trabalhei numa área já com muito, um bocadinho diferente, intervenção precoce é diferente, o trabalho que se faz é muito diferente em relação ao trabalho que se fazia na unidade. Mais tarde também tive a experiencia de estar a trabalhar na educação especial, não em Portugal e não em contexto português, mas em Angola e trabalhei com crianças, segundo a legislação angolana e currículo angolano aaa... naquele país em que também foi bastante gratificante, ou seja, ao longo deste tempo todo, a experiencia que eu vou tendo acaba por ser bastante gratificante a nível da educação especial sim e também a nível da...

Ent: E também muito rica e diversificada.

Suj: Sim sim sim.

Ent: Qual é a sua idade e que tempo de serviço é que tem?

Suj: Tenho trinta e quatro anos e tempo de serviço, eu estou... neste ano vou fazer seis anos é pouco de tempo de serviço. Se formos contabilizar até ao ano passado, até ao ano transato tenho cinco anos e pouco com este, mais este fica... isto tempo de serviço público em Portugal, em Portugal não, tempo de serviço contado pelo Ministério da Educação, que eu já tive fora e não foi contabilizado, este que eu tive agora há pouco tempo em Angola, não foi contabilizado, por isso...

Ent: E não vai ser?

Suj: Em Angola não, porque era currículo angolano, era uma empresa angolana, não tem nada a ver, quando é currículo português o tempo de serviço conta, quando não é, quando por exemplo há colégios aaa... espalhados pelo Mundo que têm currículo português, seguem as normas portuguesas, se há exames fazem exames é tudo igual e a contabilização de tempo de serviço é contada ali na no Ministério da Educação, quando são currículos que seguem o país já não, quando é o ensino da língua, por exemplo eu já estive noutra país, mas estava contratada pelo Ministério da Educação e isso aí já é diferente.

Ent: Exato.

Suj: Por isso a nível efetivo reconhecido pelo Ministério da Educação são seis anos e tal, mas tenho mais (risos).

Ent: Mas mesmo assim em tão pouco tempo tem uma experiencia muito diversificada e rica.

Suj: Tenho tenho as pessoas ficam, eu não me apercebo daquilo que eu... (risos) eu não tenho muita noção às vezes do diversificado, do que é que eu já fiz e..., mas é verdade (risos) tenho muita coisa, mas para mim é pouco eu quero sempre mais (risos).

Ent: Isso é muito bom. Portanto o seu trabalho enquanto profissional não tem sido sempre neste contexto?

Suj: Não não, mesmo ao nível da educação especial acaba por ser um pouco diversificado o contexto de atuação.

Ent: Sim e há quantos anos faz parte desta equipa multidisciplinar atual, aqui com a instituição?

Suj: Com a instituição, pronto há menos de um ano.

Ent: Pois, foi só este ano letivo.

Suj: Sim, em setembro, a partir de setembro.

Ent: E tem acompanhado crianças desde que idades?

Suj: Sim ou seja aqui, aqui neste momento só estou a acompanhar a mais nova, que é uma aluna de primeiro ano, da instituição aaa... pronto até aos mais velhos este ano acompanhei uma aluna já com dezassete anos, se não me engano, já tinha dezassete anos, ela já foi transferida ou seja, mas já acompanhei crianças ainda mais novas, já acompanhei crianças com dois anos e meio.

Ent: Como se sente enquanto membro desta equipa multidisciplinar, portanto agora estou a falar da equipa da instituição?

Suj: Da equipa da instituição, o que é que eu sinto?

Ent: Sim como se sente enquanto membro desta equipa.

Suj: Enquanto membro da equipa pois, aaa... aqui é um bocadinho, eu acabo por... acaba por ser a Professora titular a ser mais o veículo entre a instituição, equipa que está na instituição, e tudo enquanto docente e também, se calhar acaba por ser as responsáveis de caso lá da equipa, que é a Psicóloga. Como trabalho de equipa mesmo, de quando há necessidades de estabelecer, e já aconteceu de eu ter que estar com elas, aí marcam-se reuniões para definir novas estratégias com alunos a equipa acaba por estar presente, ou seja poderíamos estar mais vezes o que seria muito melhor para fazermos a discussão dos casos aa... pronto, mas dentro do possível conseguimos estar sempre que é necessário para traçar novas estratégias para os alunos e para haver um *feedback*, mas acaba por ser a Professora titular mais quem faz essa ponte entre o meu trabalho, como docente de Educação Especial, ou seja o trabalho que é feito em sala de aula não só como eu docente, mas também com a Professora titular para depois passar para a equipa.

Ent: Considera a linguagem oral uma área importante no desenvolvimento global da criança?

Suj: Sim aa... a linguagem oral sim, principalmente em contexto de jardim de infância, porque convém estimular desde novos as crianças a esse nível para estimular também cognitivamente e aí pronto, aí por exemplo quando nós temos atrasos dos pequeninos, às vezes devido a fatores ambientais, às vezes é também falta de estimulação nessa parte.

Ent: Considera que as crianças pouco estimuladas ao nível da linguagem oral, no tempo devido, podem ter esta área comprometida?

Suj: Aa... depende, é assim podem vir mais tarde, claro que vão ter, depende depois também do nível cognitivo da criança, se a criança tiver um bom nível cognitivo depois de bem estimulada aa... criança pode vir a atingir os parâmetros dentro de acordo mais ou menos com a sua faixa etária outras vezes não, mas claro que é evidente que pode vir sempre, mas há sempre uma questão, um ponto de interrogação, mas pode... pode.

Ent: Considera o desenvolvimento da linguagem oral crucial para o processo de aprendizagem?

Suj: Sim sim porque por exemplo eu costumo dizer que desde pequeninos se for bastante estimulado esta parte tanto na linguagem oral como na linguagem escrita, quando falamos escrita nos pequeninos é a parte da mancha gráfica, não é? Fazer a relação, claro que vai comprometer por exemplo mais tarde na parte da consciência, por exemplo quando é feita uma boa consciência fonológica na... quando eles estão no Jardim de Infância, no Pré-Escolar ao nível da aquisição da leitura e escrita é muito mais fácil para as crianças, é o meu ponto de vista (risos).

Ent: Na sua opinião quais são as principais causas das perturbações da linguagem oral?

Suj: As causas, pronto, podem ser a nível de fatores ambientais, não é? Aaa... pronto o contexto em que a criança está inserida, aam... como também pode ser necessidades permanentes, ou seja, que já são alguns défices que a criança possa ter a nível cognitivo e ou a nível físico que depois possa implicar, mas são acaba por ser as ambientais, corporais que a gente, eu costumo dizer vou um bocado à Cif, agora as funções do corpo e ao nível da atividade e participação e depois os fatores ambientais que todos eles os três influenciam.

Ent: Na sua opinião as perturbações da linguagem oral podem estar associadas a algumas doenças?

Suj: Sim sim eu tive um aluno por exemplo que não falava, compreendia tudo, mas não falava, não falava mesmo, e tinha a ver com uma doença por exemplo que ele tinha, porque era a nível genético, genético era uma doença que ele tinha, quando nasceu aquilo houve ali e ele sempre teve ali muitos problemas e que depois veio... veio... a implicar no nível da fala.

Ent: Considera que um bom desempenho na área da linguagem oral poderá ser facilitador do bem-estar e felicidade da criança?

Suj: Sim claro que sim porque a criança ao ser compreendida sente-se muito melhor, não é?

Ent: Considera que o nível de desenvolvimento da linguagem oral favorece a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento?

Suj: Sim sim sim, sim porque é assim quando falamos na linguagem oral não estamos a falar no português, quando falamos no desenvolvimento da linguagem falamos em todas as áreas do conhecimento, a todas as áreas, a tudo o que nos envolve e tudo o que nos envolve são, pronto acaba por... vai abranger aa... se fossemos agora pensar em Primeiro Ciclo a

matemática, vai abranger o estudo do meio e isto a nível de Jardim [de Infância] o conhecimento do mundo... é mais essas áreas... e a linguagem oral é isso tudo.

Ent: Considera que perturbações ao nível da linguagem oral podem influenciar a aprendizagem da leitura e da escrita?

Suj: Sim aquilo que eu referi há pouco, ao nível da linguagem se a criança enquanto está ao nível do Jardim de Infância e Pré-Escolar não for feita uma boa aquisição ao nível da linguagem, aa... pode vir a ter algumas dificuldades na aquisição, isto estava-me a referir a nível da consciência fonológica aam... para mais tarde a criança, depois é muito mais... às vezes é mais simples quando está no processo da leitura e escrita.

Ent: Considera que pode haver correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral da criança e o seu sucesso educativo?

Suj: Aqui pode influenciar como não, pode ter ligação como não, o sucesso educativo depois já acaba por... é assim a criança pode ter... pode ter capacidades, pode ter um bom... pronto não ter qualquer problema ao nível da linguagem quer seja oral, ao nível da compreensão e da escrita, no entanto pode... pode não ter motivação para a escola e aí pode vir a ter... não ter tanto sucesso a nível educativo.

Ent: O que é que considera importante para que a criança consiga adquirir um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem a escrita?

Suj: É que seja feito... é assim que seja bastante estimulada, bastante... estimulada de acordo com a idade da criança, seja em casa, seja no Jardim [de Infância] porque em casa não é? Convém estimular a criança, há muita coisa desde os poemas, as canções, os trava-línguas, as lengalengas... tudo isso potencializa e vai potenciar o desenvolvimento e que depois vai levar, como é que hei-de explicar, aqui está só linguagem oral, mas por exemplo quando nós neste caso no Jardim [de Infância] ou mesmo falando numa unidade [de ensino estruturado] em que tudo o que está exposto tem a palavra associada, não é? Vai ser, é uma forma de levar a criança a globalizar aquela mancha gráfica que mais tarde, depois se vai refletir quando for o momento da escrita.

Ent: Portanto, na sua prática profissional com as crianças valoriza a promoção do desenvolvimento da linguagem oral?

Suj: Bastante, bastante porque o facto de comunicar mesmo que, obrigar a comunicar a criança, nós temos aqui um exemplo, não é? O menino que está no terceiro ano quase não

fala nada, o António, ele não verbaliza, não é? E, no entanto, ele comunica, e ele comunica muito e é isso, há que sempre puxar por ele, por mais que ele diga coisas que a gente não vai entender, mas depois vamos começando a entender o sentido do que ele quer dizer e acaba por ser engraçado que ele depois acaba por... nós temos as respostas que queremos, e é sempre o veículo que utiliza, é muito a linguagem, mesmo que ele não articule corretamente as palavras e que ele não escreva, mas ele depois, mas ele comunica, ele faz aquilo que se pede.

Ent: Costuma utilizar uma pedagogia diferenciada com as crianças que apresentam perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim sim sim aqui aliás, acaba por ser um pouco esta abordagem que eu faço ao nível da educação especial, quando estou em sala de aula, é um trabalho diferenciado que é promover, levar a que as professoras, pronto aqui não, na escola ali não há as professoras fazem mesmo isso, já é uma prática recorrente das professoras, este trabalho diferenciado, aquele trabalho cooperado entre os alunos e a... porque a partir do momento que nós a nível... se nós detetarmos e isto claro que nós só temos uma certeza que a criança pode ter alguma perturbação, mais ao nível da escrita, muitas vezes pela oral a gente chega lá, que pode vir a desenvolver qualquer coisa mais tarde, mas na escrita às vezes ali no primeiro ano já nos dá pistas, mas só no segundo ano é que a gente consegue ter mais ou menos uma certeza se a criança, e quando é avaliada de que as nossas... de que aquilo que nós desconfiávamos está lá, no entanto mal a gente começa a detetar, trabalhar logo nesse sentido, isto enquanto professora titular aam... a educação especial claro que só vai entrar quando a criança já tem um diagnóstico e neste sentido o trabalho tem que ser sempre... temos que ir sempre ao encontro do aluno e aqui acaba por ser esta é mais ao nível, esta pergunta é mais para um professor titular porque quanto à educação especial já vou à sala fazer o meu trabalho a nível diferenciado, mas dentro de sala de aula claro.

Ent: Na sua opinião uma estimulação, no seu tempo devido, ao nível da oralidade poderá facilitar o sucesso educativo?

Suj: Aaa... sim é assim... era aquilo que eu estava a dizer, pois depende da motivação do próprio aluno, mas claro que sim, é assim pode promover sempre qualquer coisa, tudo promove sempre o sucesso educativo, mas depois há os vários fatores que podem vir ou não, não é? Só a oralidade não, não é só isto que leva ao sucesso educativo, há uma série, conjunto de fatores, que promovem ou não, mas claro que é um deles.

Ent: Quais são as estratégias que utiliza para a otimização das competências linguísticas da criança?

Suj: Aam... pois depende dos casos, mas recorro muito, depois conforme as faixas etárias e os casos que eu tenho e os comprometimentos que eles têm, mas eu recorro muito, por exemplo quando são aquelas mais graves, a pictogramas, por exemplo lengalengas e pictogramas, os travas línguas conforme, muitas canções, usa-se muito a canção também aam.. depois muitos textinhos por exemplo, isto falando dos mais pequeninos eu vou mais por aí, pelas lengalengas, pelos poemas pelas canções para mais velhos aaa... já mais um trabalho de escrita, já vou mais aos textos de interesse das crianças, formação a partir de palavras, sei lá uma série de coisas (risos) agora assim estar-me a lembrar aaa... reescritas, depois já depende de cada caso o que se vai fazer.

Ent: Na sua opinião a intervenção de uma equipa multidisciplinar pode favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim sim claro e porque depois a equipa multidisciplinar estando mais ou menos tudo com as estratégias apontadas para... sim mais depressa, portanto todos em sintonia mais depressa nós conseguimos aaa... potenciar essa criança e aumentar e estimular mais a criança estando todos e quando se fala aqui na equipa multidisciplinar aqui pronto estamos em contexto de instituição, não é? Mas muitas vezes também depois a família aqui acaba por ser o prestador dos cuidados.

Ent: Nestas crianças falta, pronto falha esse elemento que é a família.

Suj: É a família, mas também lá está acaba por ser a instituição, a equipa.

Ent: Como é que é feita a sinalização das crianças para serem acompanhadas nas diversas terapias? Portanto estas crianças da instituição.

Suj: Quando já estão na educação especial?

Ent: Pois, quando chegaram a si já estavam sinalizadas, não é?

Suj: Sim, mas por exemplo imagine que eu, no entanto, nós sentimos que a criança deverá ser avaliada por exemplo por um técnico do Critic que tem a ver com as tecnologias de informação e comunicação, pronto para ter um computador ou um tablet ou assim, para potenciar ou para favorecer mais o desenvolvimento dessa criança. Aqui acaba por haver uma comunicação da equipa que se calhar seria melhor e depois é verificar, por exemplo neste caso terá que ser aqui a escola a fazer, a solicitar o pedido de avaliação para depois a

criança ser... depois vir a ser avaliada e ser acompanhada e ver se é necessário ou não algum... algum... aaa... ai pronto isto tem um nome, tecnologias de apoio e neste caso acaba por sermos nós a equipa, pronto há sempre alguém que dá uma pista para ou que dá uma sugestão, não é uma pista dá uma sugestão pode ser a Psicóloga, pode ser a Terapeuta da Fala ou até a Professora titular e depois a equipa, neste caso a escola, depois vai fazer essa solicitação, se for por exemplo um encaminhamento para um outro centro para ter uma terapia, seja terapia ocupacional ou mais terapia da fala, aaa... por exemplo se for para um Cri tem que ser também feito aqui o pedido pela escola, mas nós em equipa é que acabamos por dar, chegar à conclusão se vamos pedir ou não, mas há uma comunicação, há uma comunicação e lá está porquê? Porque isto acaba por ser mais uma estratégia que nós queremos colocar para favorecer o desenvolvimento da criança.

Ent: Pois, exato. Como é que todos os profissionais da equipa multidisciplinar se articulam de modo a haver comunicação entre os mesmos?

Suj: Pois, há pouco disse um bocadinho isto, para de forma que haja uma articulação, não é? Pronto aqui acaba por ser quando há mesmo uma necessidade, nesta equipa, falando nesta equipa.

Ent: Eu agora estou a falar na equipa também tendo em conta a instituição, falando na equipa da instituição.

Suj: Sim, pois então vou contextualizar tendo em conta a instituição, que é quando temos mesmo, no início do ano há sempre uma reunião, é através da reunião que nós... para comunicarmos e para falarmos mesmo tem que ser em reunião com todos os intervenientes aaa... depois, pontualmente se for necessário marcamos outra reunião e era aquilo que estava a dizer, muito articulamos pela aam... Professora titular de turma aaa... que acaba por ser um veículo, também pela Psicóloga, penso que será mais ou menos a chefe da equipa, não é chefe se calhar a porta voz da equipa também da instituição e aaa... que depois também por aí ou então via email, também se pode fazer sempre uma comunicação via email ou via telefone, há sempre uma possibilidade quando às vezes é uma coisa mais urgente. E depois também há a caderneta que muitas vezes se escreve as mensagens para também levar alguma informação e para trazer alguma informação, isto nesta equipa, eu acabo depois por ter várias experiências completamente diferentes, muito diferente. Na Madeira por exemplo a experiência pronto... mas não vamos fugir...

Ent: De acordo com a sua experiência a intervenção de uma equipa multidisciplinar é vantajosa para o sucesso educativo de crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim, sim muito importante, muito importante, porque depois a equipa acaba por traçar mais ou menos um plano de intervenção, de acordo com aquilo que temos a fazer com a criança e traçar linhas, estratégias que vão mais ou menos reforçar uns aos outros e [a criança] sendo bastante estimulada, a probabilidade de sucesso é muito maior e isso é garantido e está mais que visto (risos).

Ent: Está bem, pronto então muito obrigada.

Suj: Nada.

Apêndice 17. Primeiro Tratamento da Entrevista à Professora de Educação Especial

[Percurso profissional] (...) *sou professora do primeiro ciclo do ensino básico, depois (...) tirei a especialização na educação especial, no domínio cognitivo e motor e mais tarde também no domínio da visão (...)*

(...) *tive formação a nível da intervenção precoce e neste momento estou (...) a ter mais formação na área do movimento da escola moderna (...)*

(...) *Sou contratada (...)*

(...) *neste ano vou fazer seis anos (...) de tempo de serviço (...)*

[Aspectos mais marcantes desse percurso] (...) *todos eles foram gratificantes (...) integrei numa equipa (...) da intervenção precoce no Funchal, e estive lá dois anos em que foi bastante gratificante a nível de atuação como profissional na educação especial (...) adquiri as minhas bases enquanto docente da educação especial (...)*

[Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *neste momento (...) a mais nova, (...) é uma aluna de primeiro ano (...) até aos mais velhos (...) mas já acompanhei crianças ainda mais novas (...) com dois anos e meio (...)*

[Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *Como trabalho de equipa mesmo (...) marcam-se reuniões para definir novas estratégias com alunos (...) dentro do possível conseguimos estar sempre que é necessário para traçar novas estratégias para os alunos e para haver um feedback, mas acaba por ser a professora titular mais quem faz essa ponte entre o meu trabalho, como docente de educação especial (...) o trabalho que é feito em sala de aula (...)*

[Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *a linguagem oral (...) principalmente em contexto de jardim de infância, porque convém estimular desde novos as crianças a esse nível para estimular também cognitivamente (...) quando nós temos atrasos dos pequeninos, às vezes devido a fatores ambientais, às vezes é também falta de estimulação (...)*

(...) *se a criança tiver um bom nível cognitivo (...) depois de bem estimulada (...) a criança pode vir a atingir os parâmetros (...) de acordo mais ou menos com a sua faixa etária (...)*

(...) *eu costumo dizer desde pequeninos se for bastante estimulado esta parte tanto (...) linguagem oral como na linguagem escrita, quando falamos escrita nos pequeninos é a parte*

da mancha gráfica (...) quando é feita uma boa consciência fonológica (...) quando eles estão no jardim de infância (...) ao nível da aquisição da leitura e escrita é muito mais fácil para as crianças (...)

[Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) podem ser a nível de fatores ambientais (...) o contexto em que a criança está inserida (...) também pode ser (...) necessidades permanentes (...) défices que a criança possa ter a nível cognitivo (...) ou a nível físico (...)

[Associação das perturbações da linguagem oral a doenças] (...) eu tive um aluno (...) que não falava (...) e tinha a ver com uma doença (...) a nível genético (...)

[Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) a criança ao ser compreendida sente-se muito melhor (...)

[Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) quando falamos no desenvolvimento da linguagem falamos a todas (...) as áreas do conhecimento (...) tudo o que nos envolve (...) vai abranger (...) no primeiro ciclo a matemática (...) o estudo do meio e isto a nível de jardim o conhecimento do mundo (...) essas áreas (...)

[Fatores favoráveis para a aquisição de um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) que seja bastante estimulada (...) de acordo com a idade (...) há muita coisa desde os poemas, as canções, os trava-línguas, as lengalengas... tudo isso (...) vai potenciar o desenvolvimento (...) quando nós neste caso no jardim [de infância] (...) o que está exposto tem a palavra associada (...) é uma forma de levar a criança a globalizar aquela mancha gráfica que (...) depois se vai refletir quando for o momento da escrita (...)

[Valorização da promoção do desenvolvimento da linguagem oral] (...) se a criança enquanto (...) está ao nível do jardim de infância (...) não for feita uma boa aquisição ao nível da linguagem (...) pode vir a ter algumas dificuldades na aquisição (...) a nível da consciência fonológica (...)

[Estratégias para a promoção da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) recorro (...) a lengalengas e pictogramas (...) travas línguas (...) muitas canções (...) muitos textinhos (...) poemas (...) para mais velhos (...) já mais um trabalho de escrita, já vou mais aos textos de interesse das crianças, formação a partir de palavras (...) reescritas (...)

[Utilização de pedagogia diferenciada com crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *acaba por ser um pouco (...) esta abordagem que eu faço ao nível da educação especial (...) é um trabalho diferenciado (...)*

[Equipa multidisciplinar como veículo facilitador do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *a equipa multidisciplinar estando (...) todos em sintonia mais depressa nós conseguimos (...) potenciar essa criança (...) estimular mais a criança (...)*

[Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) *há sempre alguém que dá (...) uma sugestão (...) nós em equipa é que acabamos por (...) chegar à conclusão (...) há uma comunicação (...)*

[Articulação entre os profissionais da equipa] (...) *acaba por ser quando há mesmo uma necessidade (...) no início do ano há sempre uma (...) reunião (...) com todos os intervenientes (...) pontualmente se for necessário marcamos outra (...) muito articulamos pela (...) professora titular de turma (...) que (...) acaba por ser um veículo (...) ou então via e-mail (...) via telefone (...) também há a caderneta que muitas vezes se escreve as mensagens (...)*

[Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) *a equipa acaba por traçar (...) um plano de intervenção de acordo com aquilo que temos a fazer com a criança e traçar linhas, estratégias (...) que a criança (...) sendo bastante estimulada (...) a probabilidade de sucesso é muito maior e isso é garantido (...)*

Apêndice 18. Pré-Categorização da Entrevista à Professora de Educação Especial

1. [Percurso profissional] (...) *sou professora do primeiro ciclo do ensino básico (...)*
2. (...) *tirei a especialização na educação especial, no domínio cognitivo e motor (...)*
3. (...) *mais tarde também no domínio da visão (...)*
4. (...) *tive formação a nível da intervenção precoce (...)*
5. (...) *neste momento estou (...) a ter mais formação na área do movimento da escola moderna (...)*
6. (...) *Sou contratada (...)*
7. (...) *neste ano vou fazer seis anos (...) de tempo de serviço (...)*
8. [Aspetos mais marcantes desse percurso] (...) *todos eles foram gratificantes (...)*
9. (...) *integrei numa equipa (...) da intervenção precoce no Funchal, e estive lá dois anos em que foi bastante gratificante a nível de atuação como profissional na educação especial (...)* *adquiri as minhas bases enquanto docente da educação especial (...)*
10. [Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *neste momento (...) a mais nova (...) é uma aluna de primeiro ano (...) até aos mais velhos (...)*
11. (...) *mas já acompanhei crianças ainda mais novas (...) com dois anos e meio (...)*
12. [Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *Como trabalho de equipa mesmo (...) marcam-se reuniões para definir novas estratégias com alunos (...)*
13. (...) *dentro do possível conseguimos estar sempre que é necessário para traçar novas estratégias para os alunos e para haver um feedback (...)*
14. (...) *acaba por ser a professora titular mais quem faz essa ponte entre o meu trabalho, como docente de educação especial, (...) o trabalho que é feito em sala de aula (...)*
15. [Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *a linguagem oral (...) principalmente em contexto de jardim de infância, porque convém estimular desde novos as crianças a esse nível para estimular também cognitivamente (...)*
16. (...) *quando nós temos atrasos dos pequeninos, às vezes devido a fatores ambientais, às vezes é também falta de estimulação (...)*

17. (...) se a criança tiver um bom nível cognitivo (...) depois de bem estimulada (...) a criança pode vir a atingir os parâmetros (...) de acordo mais ou menos com a sua faixa etária (...)
18. (...) eu costumo dizer desde pequeninos se for bastante estimulado esta parte tanto (...) linguagem oral como na linguagem escrita, quando falamos escrita nos pequeninos é a parte da mancha gráfica (...)
19. (...) quando é feita uma boa consciência fonológica (...) quando eles estão no jardim de infância (...) ao nível da aquisição da leitura e escrita é muito mais fácil para as crianças (...)
20. [Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) podem ser a nível de fatores ambientais (...) o contexto em que a criança está inserida (...)
21. (...) também pode ser (...) necessidades permanentes (...)
22. (...) défices que a criança possa ter a nível cognitivo (...)
23. (...) ou a nível físico (...)
24. [Associação das perturbações da linguagem oral a doenças] (...) eu tive um aluno (...) que não falava (...) e tinha a ver com uma doença (...) a nível genético (...)
25. [Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) a criança ao ser compreendida sente-se muito melhor (...)
26. [Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) quando falamos no desenvolvimento da linguagem falamos a todas (...) as áreas do conhecimento (...) tudo o que nos envolve (...) vai abranger (...)
27. (...) no primeiro ciclo a matemática (...) o estudo do meio e isto a nível de jardim [de infância] o conhecimento do mundo (...) essas áreas (...)
28. [Fatores favoráveis para a aquisição de um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) que seja bastante estimulada (...) de acordo com a idade (...)
29. (...) há muita coisa desde os poemas, as canções, os trava-línguas, as lengalengas... tudo isso (...) vai potenciar o desenvolvimento (...) quando nós neste caso no jardim (...) o que está exposto tem a palavra associada (...) é uma forma de levar a criança a globalizar aquela mancha gráfica que (...) depois se vai refletir quando for o momento da escrita (...)

30. [Valorização da promoção do desenvolvimento da linguagem oral] (...) *se a criança enquanto (...) está ao nível do jardim de infância (...) não for feita uma boa aquisição ao nível da linguagem (...) pode vir a ter algumas dificuldades na aquisição (...) a nível da consciência fonológica (...)*
31. [Estratégias para a promoção da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *recorro (...) a lengalengas e pictogramas (...)*
32. (...) *travas línguas (...)*
33. (...) *muitas canções (...)*
34. (...) *muitos textinhos (...)*
35. (...) *poemas (...)*
36. (...) *para mais velhos (...) já mais um trabalho de escrita, já vou mais aos textos de interesse das crianças (...)*
37. (...) *formação a partir de palavras (...)*
38. (...) *reescritas (...)*
39. [Utilização de pedagogia diferenciada com crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *acaba por ser um pouco (...) esta abordagem que eu faço ao nível da educação especial (...)*
40. (...) *é um trabalho diferenciado (...)*
41. [Equipa multidisciplinar como veículo facilitador do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *a equipa multidisciplinar estando (...) todos em sintonia mais depressa nós conseguimos (...) potenciar essa criança (...) estimular mais a criança (...)*
42. [Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) *há sempre alguém que dá (...) uma sugestão (...)*
43. (...) *nós em equipa é que acabamos por (...) chegar à conclusão (...)*
44. (...) *há uma comunicação (...)*
45. [Articulação entre os profissionais da equipa] (...) *acaba por ser quando há mesmo uma necessidade (...)*
46. (...) *no início do ano há sempre uma (...) reunião (...) com todos os intervenientes (...)*

47. (...) *pontualmente se for necessário marcamos outra (...)*
48. (...) *muito articulamos pela (...) professora titular de turma (...) que (...) acaba por ser um veículo (...)*
49. (...) *ou então via e-mail (...)*
50. (...) *via telefone (...)*
51. (...) *também há a caderneta que muitas vezes se escreve as mensagens (...)*
52. [Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) *a equipa acaba por traçar (...) um plano de intervenção de acordo com aquilo que temos a fazer com a criança e traçar linhas, estratégias (...)*
53. (...) *que a criança (...) sendo bastante estimulada (...) a probabilidade de sucesso é muito maior e isso é garantido (...)*

Apêndice 19. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Professora de Educação Especial

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES
4. CARACTERIZAÇÃO COMO PROFISSIONAL	1.1. Tempo de serviço	<ul style="list-style-type: none"> • (...) neste ano vou fazer seis anos (...) de tempo de serviço (...) (7)
	4.2. Formação inicial	<ul style="list-style-type: none"> • (...) sou professora do primeiro ciclo do ensino básico (...) (1)
	4.3. Formação contínua	<ul style="list-style-type: none"> • (...) tirei a especialização na educação especial, no domínio cognitivo e motor (...) (2) • (...) mais tarde também no domínio da visão (...) (3) • (...) tive formação a nível da intervenção precoce (...) (4) • (...) neste momento estou (...) a ter mais formação na área do movimento da escola moderna (...) (5)
	4.4. Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • (...) Sou contratada (...) (6)
	4.5. Aspetos mais marcantes desse percurso	<ul style="list-style-type: none"> • (...) todos eles foram gratificantes (...) (8) • (...) integrei numa equipa (...) da intervenção precoce no Funchal, e estive lá dois anos em que foi bastante gratificante a nível de atuação como profissional na educação especial (...) adquiri as minhas bases enquanto docente da educação especial (...) (9)
	4.6. Nível etário das crianças com que intervém	<ul style="list-style-type: none"> • (...) neste momento (...) a mais nova (...) é uma aluna de primeiro ano (...) até aos mais velhos (...) (10) • (...) mas já acompanhei crianças ainda mais novas (...) com dois anos e meio (...) (11)
5. VALORIZAÇÃO ATRIBUÍDA AO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL	2.4. Importância atribuída ao desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a linguagem oral (...) principalmente em contexto de jardim de infância, porque convém estimular desde novas as crianças a esse nível para estimular também cognitivamente (...) (15) • (...) quando nós temos atrasos dos pequeninos, às vezes devido a fatores ambientais, às vezes é também falta de estimulação (...) (16) • (...) se a criança tiver um bom nível cognitivo (...) depois de bem estimulada (...) a criança pode vir a atingir os parâmetros (...) de acordo mais ou menos com a sua faixa etária (...) (17)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) eu costumo dizer desde pequeninos se for bastante estimulado esta parte tanto (...) linguagem oral como na linguagem escrita, quando falamos escrita nos pequeninos é a parte da mancha gráfica (...) (18) • (...) quando é feita uma boa consciência fonológica (...) quando eles estão no jardim de infância (...) ao nível da aquisição da leitura e escrita é muito mais fácil para as crianças (...) (19)
	2.8. Valorização atribuída à estimulação da linguagem oral	
	2.9. Importância da estimulação da linguagem oral no seu tempo devido	
	2.6. Causas das perturbações no desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) podem ser a nível de fatores ambientais (...) o contexto em que a criança está inserida (...) (20) • (...) também pode ser (...) necessidades permanentes (...) (21) • (...) défices que a criança possa ter a nível cognitivo (...) (22) • (...) ou a nível físico (...) (23) • (...) eu tive um aluno (...) que não falava (...) e tinha a ver com uma doença (...) a nível genético (...) (24)
	2.14. Importância da deteção precoce de perturbações ao nível da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) se a criança enquanto (...) está ao nível do jardim de infância (...) não for feita uma boa aquisição ao nível da linguagem (...) pode vir a ter algumas dificuldades na aquisição (...) a nível da consciência fonológica (...) (30)
	2.15. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e o bem-estar da criança	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a criança ao ser compreendida sente-se muito melhor (...) (25)

	2.16. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>quando falamos no desenvolvimento da linguagem falamos a todas (...) as áreas do conhecimento (...) tudo o que nos envolve (...) vai abranger (...) (26)</i> • (...) <i>no primeiro ciclo a matemática (...) o estudo do meio e isto a nível de jardim [de infância] o conhecimento do mundo (...) essas áreas (...) (27)</i>
9. ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA A PROMOÇÃO DA LINGUAGEM ORAL/ESCRITA	3.4. Princípios para a aquisição de um bom desempenho na linguagem oral/escrita	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>que seja bastante estimulada (...) de acordo com a idade (...) (28)</i> • (...) <i>há muita coisa desde os poemas, as canções, os trava-línguas, as lengalengas... tudo isso (...) vai potenciar o desenvolvimento (...) quando nós neste caso no jardim (...) o que está exposto tem a palavra associada (...) é uma forma de levar a criança a globalizar aquela mancha gráfica que (...) depois se vai refletir quando for o momento da escrita (...) (29)</i>
	3.5. Utilização de pedagogia diferenciada	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>acaba por ser um pouco (...) esta abordagem que eu faço ao nível da educação especial (...) (39)</i> • (...) <i>é um trabalho diferenciado (...) (40)</i>
	3.6. Estratégias para a otimização das competências linguísticas	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>recorro (...) a lengalengas e pictogramas (...) (31)</i> • (...) <i>travas línguas (...) (32)</i> • (...) <i>muitas canções (...) (33)</i> • (...) <i>muitos textinhos (...) (34)</i> • (...) <i>poemas (...) (35)</i> • (...) <i>para mais velhos (...) já mais um trabalho de escrita, já vou mais aos textos de interesse das crianças (...) (36)</i> • (...) <i>formação a partir de palavras (...) (37)</i> • (...) <i>reescritas (...) (38)</i>
	3.7. Equipa multidisciplinar como veículo facilitador da promoção da linguagem oral/escrita	
	4.14. Modo de funcionamento da equipa multidisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Como trabalho de equipa mesmo (...) marcam-se reuniões para definir novas estratégias com alunos (...) (12)</i>

10. ORGANIZAÇÃO DA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR		<ul style="list-style-type: none"> • (...) dentro do possível conseguimos estar sempre que é necessário para traçar novas estratégias para os alunos e para haver um feedback (...) (13)
	4.15. Sinalização das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • (...) há sempre alguém que dá (...) uma sugestão (...) (42) • (...) nós em equipa é que acabamos por (...) chegar à conclusão (...) (43) • (...) há uma comunicação (...) (44)
	4.16. Local (aís) onde acontece a intervenção terapêutica	
	4.17. Formas de intervenção terapêutica	
	4.13. Periodicidade e duração da intervenção terapêutica	
	4.14. Articulação entre os técnicos	<ul style="list-style-type: none"> • (...) acaba por ser quando há mesmo uma necessidade (...) (45) • (...) no início do ano há sempre uma (...) reunião (...) com todos os intervenientes (...) (46) • (...) pontualmente se for necessário marcamos outra (...) (47) • (...) muito articulamos pela (...) professora titular de turma (...) que (...) acaba por ser um veículo (...) (48) • (...) ou então via e-mail (...) (49) • (...) via telefone (...) (50) • (...) também há a caderneta que muitas vezes se escreve as mensagens (...) (51)
	4.15. Vantagens para o sucesso educativo das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a equipa multidisciplinar estando (...) todos em sintonia mais depressa nós conseguimos (...) potenciar essa criança (...) estimular mais a criança (...) (41) • (...) a equipa acaba por traçar (...) um plano de intervenção de acordo com aquilo que temos a fazer com a criança e traçar linhas, estratégias (...) (52)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>que a criança (...) sendo bastante estimulada (...) a probabilidade de sucesso é muito maior e isso é garantido (...)</i> (53)
	<p>4.8 Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>acaba por ser a professora titular mais quem faz essa ponte entre o meu trabalho, como docente de educação especial, (...) o trabalho que é feito em sala de aula (...)</i> (14)

Apêndice 20. Protocolo da Entrevista à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Ent: O meu nome é Maria da Graça Dias Luísa Viegas, sou educadora de infância e encontro-me a frequentar o Mestrado de Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve.

No âmbito da disciplina de Dissertação de Mestrado, estou a realizar uma investigação centrada nas representações e expectativas de uma equipa multidisciplinar, no que respeita às perturbações do desenvolvimento da linguagem oral de crianças em risco.

Desta forma, venho solicitar a sua colaboração na realização desta entrevista, bem como a sua autorização para a transcrição da mesma. A sua participação será anónima e confidencial e agradeço desde já a sua colaboração, muito obrigada.

Ent: Pode-me falar um bocadinho sobre a sua formação inicial e contínua?

Suj: Eu fiz o curso do Magistério Primário em Faro, três anos, depois fiz o complemento de formação posteriormente aam... acabei em 2003, o complemento de formação em Língua Portuguesa na ESE. Eee... em termos de formação contínua, pois tenho... tenho feito algumas formações na área, nas áreas todas, nas disciplinas todas, desde as expressões, português, matemática ao longo destes anos todos. Neste momento estou a acabar, acabei uma de expressões.

Ent: Portanto e a sua situação atual?

Suj: Professora do quadro, professora do quadro do agrupamento.

Ent: Ao longo da sua carreira quais são os aspetos assim mais gratificantes, inovadores e marcantes?

Suj: Eu comecei por... quando sai do Magistério, foi logo à saída do curso, fazer uma formação que foi uma oficina no movimento da escola moderna. Portanto iniciei logo aam... com, com as práticas, os instrumentos do movimento da escola moderna e isto por acaso deu alguma, foi muito vantajoso porque nós na formação inicial sentimos muitas lacunas e somos lançados assim para a vida profissional com muitas inseguranças a muitos níveis aam... e... e ter feito essa oficina deu-me muita segurança no que diz respeito aaa... à iniciação à leitura/escrita, por exemplo, fiz logo aí a minha opção com o método global aa... em relação aaa... abordagens mais interessantes na matemática também a partir de

situações problemáticas, portanto deu-me muita segurança para começar e ao longo dos anos tenho vindo a desenvolver sempre, tem sido um desenvolvimento sempre nessa linha.

Ent: Já agora, qual é a sua idade e que tempo de serviço é que tem?

Suj: Tenho cinquenta e sete e tenho trinta e cinco para trinta e seis anos de serviço. Muitas pessoas com esta idade e com estes anos de serviço, já estão em casa, não é? Agora já não é assim.

Ent: Pois, portanto e o seu trabalho enquanto profissional tem sido em várias escolas provavelmente?

Suj: Sim, estive...estive em várias escolas do Algarve sim. Já estive na serra, já estive no Sapal, a minha primeira escola foi no Sapal do Rato, tinha que ir de barco, em Tavira... e pronto e depois andei ali também por São João da Venda, estive depois em Quarteira e Faro.

Ent: Há quantos anos faz parte desta equipa multidisciplinar?

Suj: Aqui com a instituição, já fiz... portanto estou a fazer parte este ano porque tenho um primeiro ano com este grupo de crianças, mas já tive, já fiz parte da equipa com outras crianças com outras turmas.

Ent: Portanto acompanha crianças de idade do primeiro ciclo. E como se sente enquanto membro desta equipa multidisciplinar? Tendo em conta a equipa da instituição em conjunto com a escola.

Suj: É uma mais-valia porque aaa..., todo o contributo que cada um dá aaam... ajuda a trabalhar com as problemáticas das crianças em questão. Quando temos, quando temos as reuniões, as terapeutas dão a sua opinião, ajudam a perceber certas situações que vão acontecendo aqui no dia-a-dia e é sempre vantajoso.

Ent: Considera a linguagem oral uma área importante no desenvolvimento global da criança?

Suj: Completamente, dou uma importância enorme à parte oral. Começamos sempre sempre aa... o dia, com a parte da oralidade, com a comunicação, eles comunicam vivências, comunicam trabalhos que querem mostrar aos colegas, comunicam qualquer coisa que seja importante para a vida deles, um objeto que trazem e que querem mostrar aaa... desde o primeiro ano e claro, pois até ao quarto vamos evoluindo, depois a comunicação passa a ser um escrito que fizeram ou um trabalho que fizeram, vamos evoluindo, mas há sempre sempre

a parte da comunicação e aliás, a abordagem à leitura/escrita é a partir da oralidade, portanto é a partir do que eles contam que vamos construindo, que vamos escrevendo e construindo um livro de leitura.

Ent: E considera que as crianças pouco estimuladas ao nível da linguagem oral, no tempo devido, podem ter esta área comprometida?

Suj: Eu penso que, comprometida não sei, mas ficam com um... ficam mais pobres... todos, todo o grupo fica mais pobre, porque se não comunicam ou se comunicam muito pouco ficam, as próprias crianças ficam mais limitadas, ou ficam mais limitadas ao nível da oralidade e da forma como se querem expressar e fica todo o grupo, porque todos eles ganham com as comunicações de cada um para a turma, não é? Ganha-se imenso, ganha-se imenso e é uma forma de todo um grupo evoluir.

Ent: Considera o desenvolvimento da linguagem oral crucial no processo de aprendizagem?

Suj: Considero considero, sem dúvida.

Ent: Na sua opinião quais são as principais causas das perturbações da linguagem oral?

Suj: Na minha opinião, aam... eu não, isso é um bocadinho aam... para a área da medicina, não é? Porque eu não... não pensei ainda muito nisso, mas porque é que eles articulam mal? Porque é que eles, crianças que até apresentam uma maturidade em relação à forma como reagem no dia a dia, às coisas da vida e são práticos e são, mas falam como se diz à bebé, não articulam bem, não sei nunca pensei porque é que isso acontece. Por exemplo o Tiago, pronto ele foi muito mimado, será que é do mimo? Será que é outra coisa que não tem tanto a ver com o mimo? Eu não sei. A Joana percebemos que ela tem ali uma dificuldade porque tem o problema motor e também tem ali uma dificuldade em articular, não é? Aam... não sei muito bem porque é que acontece.

Ent: Mas considera a deteção precoce de alguns problemas, ao nível da linguagem, um fator importante?

Suj: Considero, porque quando eles começam a escrever aam... dizem mal a palavra escrevem mal a palavra, não é? Se há um trabalho de terapia para corrigir é sempre, é bom, é vantajoso.

Ent: Na sua opinião as perturbações da linguagem oral podem estar também associadas a doenças?

Suj: Penso que sim, sei lá, pode ser nalguns casos. Eu, houve uma vez um aluno que eu tive em Quarteira, eram dois gémeos, e eles falavam de uma maneira que mal se percebia, nem os colegas, mas faziam a vida deles normalíssima e iam para a frente da turma comunicar, também eu dava-lhe, desenvolvia essa área muito e comunicavam e escreviam, escreveram, aprenderam a ler, mas havia ali um grave problema de, a parte da oralidade, ali na articulação das palavras. Eu penso que só pode ser um problema da área da saúde, não sei, para investigar, porque não vejo que razão pudesse haver.

Ent: Considera que um bom desempenho na área da linguagem oral poderá ser facilitador do bem-estar e da felicidade da criança?

Suj: Sim aam... pode, é porque na nossa sociedade nós sabemos que uma pessoa que não, uma criança que não esteja a falar como as outras, é muito fácil de ser apontada pelas outras ou criticada ou gozada, não é? Nós professores podemos evitar que isso aconteça, mas o mais vulgar é serem gozados e claro que a criança fica com a autoestima em baixo e até pode deixar de falar para não ser gozada, não é?

Ent: Considera que o nível de desenvolvimento da linguagem oral favorece a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento?

Suj: Aaa... uma está dependente da outra, uma criança que se interessa muito por áreas do conhecimento depois tem um vocabulário e uma forma de se expressar diferente, não é? Tenho um aluno, este ano, que está assim muito acima da média, ele interessa-se por tudo o que é cultura geral e a forma como ele fala, o vocabulário e o que ele diz aos colegas é assim um discurso acima da média, porque se interessa aaa... então ganha vocabulário, ganha uma forma de se expressar diferente.

Ent: Considera que perturbações ao nível da linguagem oral podem influenciar a aprendizagem da leitura e da escrita?

Suj: Sim algumas não impedem que aprendam, nunca tive nenhum aluno que deixasse de aprender a escrever e a ler por causa de articular mal, mas quando começam a escrever há tendência para escrever como se diz, não é? E depois... não considero assim tão problemático.

Ent: Considera que pode haver correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral da criança e o seu sucesso educativo?

Suj: Sim claro, aaa... a criança expressa-se bem, fala bem está a contribuir para um bom desempenho pronto, ajuda claro.

Ent: O que é que considera importante para que a criança consiga adquirir um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Aaa... um... um, considero essencial que todos os adultos que a envolvem, desde o nascimento aaa... falem com a criança, que falem normalmente tendo ali na sua frente um... olhando para uma pessoa e não para um bebé ou que não percebe ou que não liga, liga desde sempre, até na barriga da mãe. Falar, contar histórias, falar com o bebé aaa... o bebé não responde, mas a mãe, o pai, a família aa... a contar histórias, a dizer vamos passear aqui, vamos ... desde sempre e depois por aí a fora e pronto, muito diálogo. Acho que isso, acho que isso dá um desenvolvimento enorme para tudo.

Ent: Na sua prática profissional com as crianças valoriza a promoção do desenvolvimento da linguagem oral?

Suj: Sim sim, muito.

Ent: Na sua prática profissional com as crianças procura estimular a linguagem oral e a abordagem à escrita?

Suj: Sim está relacionada uma com a outra como eu disse, portanto recolho tudo o que eles contam, passo para a escrita e construímos o nosso livro de leitura com estas falas de cada um.

Ent: Costuma utilizar uma pedagogia diferenciada com crianças que apresentam perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim eu uso pedagogia diferenciada com todos até, cada um com as suas problemáticas ou com as suas necessidades, não é? Até uma criança que é excelente aluno ou aluna precisa de uma atenção e de uma diferenciação também em relação à sua pessoa, todos precisam, nós às vezes é que não sabemos como é que nos havemos de desdobrar, mas é verdade tem que se fazer.

Ent: Na sua opinião uma estimulação, no seu tempo devido, ao nível da oralidade poderá ser facilitador do sucesso educativo?

Suj: É sim, como já tínhamos falado, desde sempre.

Ent: Quais são as estratégias que utiliza para a otimização das competências linguísticas da criança?

Suj: Aaaa... como eu disse, começamos por comunicar no início do dia e noutros momentos do dia e não só. Durante o dia eles são convidados a comunicar e a partilhar aam... muitas outras coisas, trabalhos que fazem. Pronto agora no primeiro ano, ao nível do primeiro ano, as frases que escrevem, as opiniões que dão, são sempre convidados a partilhar e a comunicar com a turma, isso estimula muito, depois vão crescendo já é a parte escrita, depois já vão ler o que escreveram e por aí a fora, são estimulados a fazer isso muito, muito.

Ent: Na sua opinião a intervenção de uma equipa multidisciplinar poderá favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim sim, porque eu acho que a equipa multidisciplinar aaa... serve para analisar a situação da criança em causa, cada um na sua área, na sua especificidade, no encontro de todas essas áreas sai uma estratégia melhor construída do que se for uma pessoa só, não é?

Ent: Como é que é feita a sinalização das crianças para serem acompanhadas nas diversas terapias?

Suj: Aaa... nós por exemplo estamos a falar em relação às crianças da instituição ou qualquer uma?

Ent: Neste caso, da instituição.

Suj: Portanto as crianças da instituição geralmente já vêm sinalizadas, não é necessário fazer o processo todo desde o início, porque se for do início tem que ir a um, a um Terapeuta, mas neste caso já vêm sinalizadas e depois há todo, há todo um processo, durante o ano a equipa reúne-se, no tempo de avaliação a equipa reúne-se e se for preciso reunir fora desses tempos que estão estipulados, também tem acontecido.

Ent: De acordo com a sua experiência a intervenção de uma equipa multidisciplinar é vantajosa para o sucesso educativo das crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim sem dúvida sim sim sim.

Ent: Muito obrigada pela sua participação.

Suj: Foi um prazer.

Apêndice 21. Primeiro Tratamento da Entrevista à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

[Percurso profissional] (...) *fiz o curso do Magistério Primário em Faro (...) depois fiz (...) o complemento de formação em língua portuguesa na ESE (...) em termos de formação contínua (...) tenho feito algumas formações (...) nas áreas todas, nas disciplinas todas, desde as expressões, português, matemática (...)*

(...) professora do quadro do agrupamento (...)

(...) estive em várias escolas do Algarve (...) estive na serra (...) a minha primeira escola foi no Sapal do Rato (...) em Tavira... e (...) andei ali também por São João da Venda, estive depois em Quarteira e Faro (...)

[Aspetos mais marcantes desse percurso] (...) *comecei por (...) foi logo à saída do curso, fazer (...) uma oficina no movimento da escola moderna. (...) iniciei logo (...) com as práticas, os instrumentos do movimento da escola moderna (...) essa oficina deu-me muita segurança no que diz respeito (...) à iniciação à leitura/escrita (...) fiz logo aí a minha opção com o método global (...) e ao longo dos anos (...) tem sido um desenvolvimento sempre nessa linha (...)*

[Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *crianças do primeiro ciclo (...)*

[Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *É uma mais-valia porque (...) o contributo que cada um dá (...) ajuda a trabalhar com as problemáticas das crianças (...) quando temos as reuniões todos (...) dão a sua opinião (...) ajudam a perceber certas situações que vão acontecendo aqui no dia-a-dia e é sempre vantajoso (...)*

[Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *dou uma importância enorme à parte oral. Começamos sempre (...) o dia, com a parte (...) da oralidade, com a comunicação, eles comunicam vivências, comunicam trabalhos que querem mostrar aos colegas, comunicam qualquer coisa que seja importante pra vida deles (...) desde o primeiro ano e claro pois até ao quarto vamos evoluindo, depois a comunicação passa a ser um escrito que fizeram ou um trabalho que fizeram (...) há sempre (...) a parte da comunicação (...) a abordagem à leitura/escrita é a partir (...) da oralidade (...) é a partir do que eles contam (...) que vamos escrevendo e construindo um livro de leitura (...)*

[Principais consequências das perturbações da linguagem oral] (...) *todo o grupo fica mais pobre (...) se não comunicam ou se comunicam muito pouco (...) as próprias crianças ficam*

mais limitadas (...) ao nível da oralidade e da forma como (...) se querem expressar e fica todo o grupo, porque todos eles ganham com as comunicações de cada um para a turma (...) é uma forma de todo um grupo evoluir (...)

(...) quando começam a escrever há tendência para escrever como se diz (...)

[Importância da deteção precoce das perturbações da linguagem oral] (...) quando eles começam a escrever (...) se (...) dizem mal a palavra escrevem mal a palavra (...) Se há um trabalho de terapia para corrigir é sempre (...) vantajoso (...)

[Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) uma criança que não esteja a falar como os outros (...) é muito fácil de ser apontada pelos outros ou criticada ou gozada (...) o mais vulgar é serem gozados e claro que a criança fica com a autoestima em baixo e até pode deixar de falar para não ser gozada (...)

[Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) uma criança que se interessa muito por (...) áreas do conhecimento depois tem (...) um vocabulário e uma forma de se expressar diferente (...) Tenho um aluno (...) que está assim muito acima da média, ele interessa-se por tudo o que é cultura geral (...) a forma como ele fala, o vocabulário (...) então ganha vocabulário, ganha uma forma de se expressar diferente (...)

[Valorização da promoção do desenvolvimento da linguagem oral] (...) a criança expressa-se bem, fala bem está a contribuir para um bom desempenho (...) considero essencial que todos os adultos que a envolvem, desde o nascimento, (...) falem com a criança (...) que falem normalmente (...) olhando pra uma pessoa e não para um bebé (...) Falar, contar histórias, falar (...) com o bebé (...) a mãe, o pai, a família (...) contar histórias, a dizer vamos passear aqui, vamos ... desde sempre e depois por aí a fora (...) muito diálogo. Acho que isso (...) dá um desenvolvimento enorme para tudo (...)

[Utilização de pedagogia diferenciada com crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) uso pedagogia diferenciada com todos até, cada um com as suas problemáticas ou com as suas necessidades (...) Até uma criança que é excelente (...) precisa de uma atenção e de uma diferenciação também em relação à sua pessoa, todos precisam (...)

[Estratégias para a otimização das competências linguísticas] (...) começamos por comunicar no início do dia e noutros momentos do dia (...) Durante o dia eles são

convidados a comunicar e a partilhar (...) muitas outras coisas, trabalhos que fazem (...) ao nível do primeiro ano, as frases que escrevem, as opiniões que dão (...) isso estimula muito, depois vão escrevendo (...) depois já vão ler o que escreveram (...)

[Equipa multidisciplinar como veículo facilitador do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) a equipa multidisciplinar (...) serve para analisar a situação da criança (...) cada um na sua área, na sua especificidade, no encontro de todas essas áreas sai uma estratégia melhor construída do que se for uma pessoa só (...)

[Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) as crianças da instituição geralmente já vêm sinalizadas (...) depois há todo (...) um processo, durante o ano a equipa reúne-se (...) no tempo de avaliação (...) e se for preciso reunir fora desses tempos que estão estipulados, também tem acontecido (...)

[Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) é importante, sem dúvida (...)

Apêndice 22. Pré-Categorização da Entrevista à Professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico

1. [Percurso profissional] (...) [trinta e quatro anos de serviço] (...)
2. (...) *fiz o curso do Magistério Primário em Faro (...)*
3. (...) *depois fiz (...) o complemento de formação em Língua Portuguesa na ESE (...)*
4. (...) *em termos de formação contínua (...) tenho feito algumas formações (...) nas áreas todas, nas disciplinas todas, desde as expressões, português, matemática (...)*
5. (...) *professora do quadro do agrupamento (...)*
6. (...) *estive em várias escolas do Algarve (...)*
7. (...) *estive na serra (...)*
8. (...) *a minha primeira escola foi no Sapal do Rato (...) em Tavira... (...)*
9. (...) *andei ali também por São João da Venda, estive depois em Quarteira e Faro (...)*
10. [Aspectos mais marcantes desse percurso] (...) *comecei por (...) foi logo à saída do curso, fazer (...) uma oficina no movimento da escola moderna. (...) iniciei logo (...) com as práticas, os instrumentos do movimento da escola moderna (...) essa oficina deu-me muita segurança no que diz respeito (...) à iniciação à leitura/escrita (...)*
11. (...) *fiz logo aí a minha opção com o método global (...) e ao longo dos anos (...) tem sido um desenvolvimento sempre nessa linha (...)*
12. [Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *crianças do primeiro ciclo (...)*
13. [Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *É uma mais-valia (...)*
14. (...) *porque (...) o contributo que cada um dá (...) ajuda a trabalhar com as problemáticas das crianças (...)*
15. (...) *quando temos as reuniões todos (...) dão a sua opinião (...) ajudam a perceber certas situações que vão acontecendo aqui no dia-a-dia (...)*
16. (...) *é sempre vantajoso (...)*
17. [Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *dou uma importância enorme à parte oral (...)*

18. (...) *Começamos sempre (...) o dia, com a parte (...) da oralidade, com a comunicação, eles comunicam vivências, comunicam trabalhos que querem mostrar aos colegas, comunicam qualquer coisa que seja importante para vida deles (...)*
19. (...) *desde o primeiro ano e claro pois até ao quarto vamos evoluindo (...)*
20. (...) *depois a comunicação passa a ser um escrito que fizeram ou um trabalho que fizeram (...)*
21. (...) *há sempre (...) a parte da comunicação (...)*
22. (...) *a abordagem à leitura/escrita é a partir (...) da oralidade (...)*
23. (...) *é a partir do que eles contam (...) que vamos escrevendo e construindo um livro de leitura (...)*
24. [Principais consequências das perturbações da linguagem oral] (...) *todo o grupo fica mais pobre (...) se não comunicam ou se comunicam muito pouco (...)*
25. (...) *as próprias crianças ficam mais limitadas (...) ao nível da oralidade e da forma como (...) se querem expressar e fica todo o grupo, porque todos eles ganham com as comunicações de cada um para a turma (...)*
26. (...) *é uma forma de todo um grupo evoluir (...)*
27. (...) *quando começam a escrever há tendência para escrever como se diz (...)*
28. [Importância da deteção precoce das perturbações da linguagem oral] (...) *quando eles começam a escrever (...) se (...) dizem mal a palavra escrevem mal a palavra (...)*
29. (...) *Se há um trabalho de terapia para corrigir é sempre (...) vantajoso (...)*
30. [Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) *uma criança que não esteja a falar como os outros (...) é muito fácil de ser apontada pelos outros ou criticada ou gozada (...)*
31. (...) *o mais vulgar é serem gozados e claro que a criança fica com a autoestima em baixo (...)*
32. (...) *até pode deixar de falar para não ser gozada (...)*
33. [Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) *uma criança que se interessa muito por*

(...) áreas do conhecimento depois tem (...) um vocabulário e uma forma de se expressar diferente (...)

34. *(...) Tenho um aluno (...) que está assim muito acima da média, ele interessa-se por tudo o que é cultura geral (...) a forma como ele fala, o vocabulário (...) então ganha vocabulário, ganha uma forma de se expressar diferente (...)*

35. *[Valorização da promoção do desenvolvimento da linguagem oral] (...) a criança expressa-se bem, fala bem está a contribuir para um bom desempenho (...)*

36. *(...) considero essencial que todos os adultos que a envolvem, desde o nascimento, (...) falem com a criança (...) que falem normalmente (...) olhando para uma pessoa e não para um bebé (...)*

37. *(...) Falar (...)*

38. *(...) contar histórias (...)*

39. *(...) falar (...) com o bebé (...)*

40. *(...) a mãe, o pai, a família (...) contar histórias, a dizer vamos passear aqui, vamos ... desde sempre e depois por aí a fora (...)*

41. *(...) muito diálogo. Acho que isso (...) dá um desenvolvimento enorme para tudo (...)*

42. *[Utilização de pedagogia diferenciada com crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) uso pedagogia diferenciada com todos até, cada um com as suas problemáticas ou com as suas necessidades (...)*

43. *(...) Até uma criança que é excelente (...) precisa de uma atenção e de uma diferenciação também em relação à sua pessoa, todos precisam (...)*

44. *[Estratégias para a otimização das competências linguísticas] (...) começamos por comunicar no início do dia e noutras momentos do dia (...)*

45. *(...) Durante o dia eles são convidados a comunicar e a partilhar (...) muitas outras coisas, trabalhos que fazem (...)*

46. *(...) ao nível do primeiro ano, as frases que escrevem, as opiniões que dão, (...) isso estimula muito (...)*

47. *(...) depois vão escrevendo (...)*

48. *(...) depois já vão ler o que escreveram (...)*

- 49.** [Equipa multidisciplinar como veículo facilitador do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *a equipa multidisciplinar (...) serve para analisar a situação da criança (...) cada um na sua área, na sua especificidade (...)*
- 50.** (...) *no encontro de todas essas áreas sai uma estratégia melhor construída do que se for uma pessoa só (...)*
- 51.** [Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) *as crianças da instituição geralmente já vêm sinalizadas (...)*
- 52.** (...) *depois há todo (...) um processo (...) durante o ano a equipa reúne-se (...) no tempo de avaliação (...)*
- 53.** (...) *e se for preciso reunir fora desses tempos que estão estipulados, também tem acontecido (...)*
- 54.** [Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) *é importante, sem dúvida (...)*

**Apêndice 23. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Professora do 1.º
Ciclo do Ensino Básico**

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES
5. CARACTERIZAÇÃO COMO PROFISSIONAL	1.1. Tempo de serviço	<ul style="list-style-type: none"> • (...) [Trinta e quatro anos] (...) (1)
	5.2. Formação inicial	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>fiz o curso do Magistério Primário em Faro</i> (...) (2)
	5.3. Formação contínua	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>depois fiz (...) o complemento de formação em Língua Portuguesa na ESE</i> (...) (3) • (...) <i>em termos de formação contínua (...) tenho feito algumas formações (...) nas áreas todas, nas disciplinas todas, desde as expressões, português, matemática</i> (...) (4)
	5.4. Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>professora do quadro do agrupamento</i> (...) (5) • (...) <i>estive em várias escolas do Algarve</i> (...) (6) • (...) <i>estive na serra</i> (...) (7) • (...) <i>a minha primeira escola foi no Sapal do Rato (...) em Tavira...</i> (...) (8) • (...) <i>andei ali também por São João da Venda, estive depois em Quarteira e Faro</i> (...) (9)
	5.5. Aspetos mais marcantes desse percurso	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>comecei por (...) foi logo à saída do curso, fazer (...) uma oficina no movimento da escola moderna. (...) iniciei logo (...) com as práticas, os instrumentos do movimento da escola moderna (...) essa oficina deu-me muita segurança no que diz respeito (...) à iniciação à leitura/escrita</i> (...) (10) • (...) <i>fiz logo aí a minha opção com o método global (...) e ao longo dos anos (...) tem sido um desenvolvimento sempre nessa linha</i> (...) (11)
	5.6. Nível etário das crianças com que intervém	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>crianças do primeiro ciclo</i> (...) (12)
6. VALORIZAÇÃO ATRIBUÍDA AO DESENVOLVIMENTO	2.5. Importância atribuída ao desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>dou uma importância enorme à parte oral</i> (...) (17) • (...) <i>Começamos sempre (...) o dia, com a parte (...) da oralidade, com a comunicação, eles comunicam vivências, comunicam trabalhos que</i>

<p>DA LINGUAGEM ORAL</p>		<p><i>querem mostrar aos colegas, comunicam qualquer coisa que seja importante para vida deles (...) (18)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • (...) desde o primeiro ano e claro pois até ao quarto vamos evoluindo (...) (19) • (...) depois a comunicação passa a ser um escrito que fizeram ou um trabalho que fizeram (...) (20) • (...) há sempre (...) a parte da comunicação (...) (21) • (...) a abordagem à leitura/escrita é a partir (...) da oralidade (...) (22) • (...) é a partir do que eles contam (...) que vamos escrevendo e construindo um livro de leitura (...) (23) • (...) a criança expressa-se bem, fala bem está a contribuir para um bom desempenho (...) (35)
	<p>2.10. Valorização atribuída à estimulação da linguagem oral</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) considero essencial que todos os adultos que a envolvem, desde o nascimento, (...) falem com a criança (...) que falem normalmente (...) olhando para uma pessoa e não para um bebé (...) (36) • (...) Falar (...) (37) • (...) contar histórias (...) (38) • (...) falar (...) com o bebé (...) (39) • (...) a mãe, o pai, a família (...) contar histórias, a dizer vamos passear aqui, vamos ... desde sempre e depois por aí a fora (...) (40) • (...) muito diálogo. Acho que isso (...) dá um desenvolvimento enorme para tudo (...) (41)
	<p>2.11. Importância da estimulação da linguagem oral no seu tempo devido</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) quando eles começam a escrever (...) se (...) dizem mal a palavra escrevem mal a palavra (...) (28) • (...) Se há um trabalho de terapia para corrigir é sempre (...) vantajoso (...) (29) • (...) todo o grupo fica mais pobre (...) se não comunicam ou se comunicam muito pouco (...) (24) • (...) as próprias crianças ficam mais limitadas (...) ao nível da oralidade e da forma como (...) se querem expressar e fica todo o grupo, porque todos eles ganham com as comunicações de cada um para a turma (...) (25) • (...) é uma forma de todo um grupo evoluir (...) (26)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>quando começam a escrever há tendência para escrever como se diz (...)</i> (27)
	2.7. Causas das perturbações no desenvolvimento da linguagem oral	
	2.17. Importância da deteção precoce de perturbações ao nível da linguagem oral	
	2.18. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e o bem-estar da criança	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>uma criança que não esteja a falar como os outros (...) é muito fácil de ser apontada pelos outros ou criticada ou gozada (...)</i> (30) • (...) <i>o mais vulgar é serem gozados e claro que a criança fica com a autoestima em baixo (...)</i> (31) • (...) <i>até pode deixar de falar para não ser gozada (...)</i> (32)
	2.19. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>uma criança que se interessa muito por (...) áreas do conhecimento depois tem (...) um vocabulário e uma forma de se expressar diferente (...)</i> (33) • (...) <i>Tenho um aluno (...) que está assim muito acima da média, ele interessa-se por tudo o que é cultura geral (...) a forma como ele fala, o vocabulário (...) então ganha vocabulário, ganha uma forma de se expressar diferente (...)</i> (34)
11. ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA A PROMOÇÃO DA LINGUAGEM ORAL/ESCRITA	3.5. Princípios para a aquisição de um bom desempenho na linguagem oral/escrita	
	3.6. Utilização de pedagogia diferenciada	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>uso pedagogia diferenciada com todos até, cada um com as suas problemáticas ou com as suas necessidades (...)</i> (42) • (...) <i>Até uma criança que é excelente (...) precisa de uma atenção e de uma diferenciação também em relação à sua pessoa, todos precisam (...)</i> (43)
	3.7. Estratégias para a otimização das competências linguísticas	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>começamos por comunicar no início do dia e noutros momentos do dia (...)</i> (44) • (...) <i>Durante o dia eles são convidados a comunicar e a partilhar (...)</i> muitas outras coisas, trabalhos que fazem (...) (45)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) ao nível do primeiro ano, as frases que escrevem, as opiniões que dão, (...) isso estimula muito (...) (46) • (...) depois vão escrevendo (...) (47) • (...) depois já vão ler o que escreveram (...) (48)
	3.8. Equipa multidisciplinar como veículo facilitador da promoção da linguagem oral/escrita	
12. ORGANIZAÇÃO DA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR	4.18. Modo de funcionamento da equipa multidisciplinar	
	4.19. Sinalização das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • (...) as crianças da instituição geralmente já vêm sinalizadas (...) (51)
	4.20. Local (ais) onde acontece a intervenção terapêutica	
	4.21. Formas de intervenção terapêutica	
	4.16. Periodicidade e duração da intervenção terapêutica	
	4.17. Articulação entre os técnicos	<p>(...) depois há todo (...) um processo (...) durante o ano a equipa reúne-se (...) no tempo de avaliação (...) (52)</p> <p>(...) e se for preciso reunir fora desses tempos que estão estipulados, também tem acontecido (...) (53)</p>
	4.18. Vantagens para o sucesso educativo das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a equipa multidisciplinar (...) serve para analisar a situação da criança (...) cada um na sua área, na sua especificidade (...) (49) • (...) no encontro de todas essas áreas sai uma estratégia melhor construída do que se for uma pessoa só (...) (50) • (...) é importante, sem dúvida (...) (54)
	4.19. Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> • (...) É uma mais-valia (...) (13) • (...) porque (...) o contributo que cada um dá (...) ajuda a trabalhar com as problemáticas das crianças (...) (14)

		<ul style="list-style-type: none">• (...) <i>quando temos as reuniões todos (...) dão a sua opinião (...) ajudam a perceber certas situações que vão acontecendo aqui no dia-a-dia (...)</i> (15)• (...) <i>é sempre vantajoso (...)</i> (16)
--	--	--

Apêndice 24. Protocolo da Entrevista à Psicóloga

Ent: O meu nome é Maria da Graça Dias Luísa Viegas, sou educadora de infância e encontro-me a frequentar o Mestrado de Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve.

No âmbito da disciplina de Dissertação de Mestrado, estou a realizar uma investigação centrada nas representações e expectativas de uma equipa multidisciplinar, no que respeita às perturbações do desenvolvimento da linguagem oral de crianças em risco.

Desta forma, venho solicitar a sua colaboração na realização desta entrevista, bem como a sua autorização para a transcrição da mesma. A sua participação será anónima e confidencial, portanto agradeço desde já a sua colaboração e muito obrigada.

Ent: Qual é a sua formação inicial?

Suj: Sou licenciada em psicologia clínica.

Ent: E pode-me falar um bocadinho sobre o seu percurso profissional, a sua formação contínua e situação atual. Pronto, pode começar por falar um bocadinho sobre a formação contínua.

Suj: Aaam... tenho tirado, tirei uma pós-graduação em Educação Social, tenho tirado algumas formações na área da psicologia, na área das necessidades educativas, dificuldades de aprendizagem, nomeadamente os problemas que encontro na minha vida profissional e trabalho, trabalho há dezasseis anos, aam... e sempre trabalhei no mesmo local.

Ent: Muito bem, numa instituição de acolhimento temporário, não é?

Suj: Numa instituição de acolhimento temporário.

Ent: Quais os aspetos mais gratificante, inovadores e marcantes ao longo do seu percurso profissional?

Suj: Aam... podia repetir a pergunta?

Ent: Quais os aspetos mais gratificante, inovadores e marcantes ao longo do seu percurso profissional?

Suj: Os aspetos, o trabalho que mais me marcou é o trabalho com as crianças, que é extremamente gratificante, a sua capacidade de mudança, a sua capacidade de resiliência,

aam... são... são, é o que me motiva a trabalhar. Aam... depois tudo o que tem a ver com o funcionamento do centro de acolhimento.

Ent: Qual é a sua idade? O tempo de serviço já referiu.

Suj: Tenho quarenta anos, sou uma jovem (risos).

Ent: Também concordo (risos). Portanto o seu trabalho enquanto profissional tem sido sempre neste contexto, não é?

Suj: Sim, tem sido sempre neste contexto.

Ent: E há quantos anos faz parte desta equipa multidisciplinar?

Suj: Há dezasseis, quase dezasseis, ainda não fez os dezasseis.

Ent: E tem acompanhado crianças desde que idades?

Suj: Dos zero aos doze anos, aa... já inclusivamente já acompanhamos jovens, porque a instituição quando eu cheguei tinha jovens com pc, com paralisia cerebral, politraumatizados, vítimas de acidentes de viação, jovens com deficiência. Neste momento já não temos essa população estamos mais direcionados para a primeira infância.

Ent: Como se sente enquanto membro desta equipa multidisciplinar?

Suj: Aam... bem, bem integrada, acho que a equipa funciona. O trabalho com as nossas Educadoras e com as nossas Terapeutas é extremamente gratificante.

Ent: Considera a linguagem oral uma área importante no desenvolvimento global da criança?

Suj: Sim considero, acho que é uma área que é fundamental. Normalmente as crianças em instituição até, principalmente as crianças até aos dois anos é uma área em que eles apresentam por regra défice, tem um pouco a ver com o funcionamento institucional, se nós não... não achamos graça a uma criança que diz bababababá, não vamos incentivar o palrear da criança, não é? As vocalizações, e daí elas acabam por ter alguma dificuldade.

Ent: Considera que as crianças pouco estimuladas ao nível da linguagem oral, no seu tempo devido podem ter esta área comprometida?

Suj: Considero que sim, sim.

Ent: Considera que o desenvolvimento da linguagem oral, será crucial para o processo de aprendizagem?

Suj: Sim considero, principalmente na leitura e na escrita, normalmente é um índice de alguma dificuldade, alguma perturbação no desenvolvimento da criança, haver essa área afetada.

Ent: Na sua opinião quais são as principais causas das perturbações da linguagem oral?

Suj: Depende, por exemplo se for alguma criança com algum síndrome, alguma patologia ou deficiência a perturbação na linguagem oral, o atraso, tem um pouco a ver com a sua patologia, aaaa... se é uma criança negligenciada em que vem de uma estrutura familiar em que há pouco diálogo, a criança fica muito tempo sozinha, logo também pode ter essa área deficitária, depende um bocadinho da situação da criança, do processo e do seu percurso familiar.

Ent: Considera a sua deteção precoce um fator importante, portanto a deteção de perturbações?

Suj: Sim sim sim... alias a deteção precoce vai-nos permitir elaborar programas de intervenção e trabalhar essa criança com o intuito de melhorar o seu desenvolvimento.

Ent: Na sua opinião as perturbações da linguagem oral podem estar associadas a algumas doenças?

Suj: Sim podem, principalmente se há algum défice, se há alguma lesão nalguma área do cérebro, se há alguma, por exemplo uma criança com paralisia cerebral, podem estar sempre associadas a doenças, sim.

Ent: Considera que um bom desempenho na área da linguagem oral poderá ser facilitador do bem-estar e da felicidade da criança?

Suj: Sim sim sim... porque consegue expressar-se bem, nós conseguimos depois perceber quais são as suas dificuldades e uma criança que se exprime, é uma criança que normalmente é uma criança mais feliz também, não é?

Ent: Considera que o nível de desenvolvimento da linguagem oral favorece a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento?

Suj: Sim sim... também é importante, mesmo porque são áreas que estão muito correlacionadas, não é? A linguagem oral, uma boa linguagem oral pode condicionar uma boa linguagem escrita, a leitura aaaa... portanto e vai fazer com que a criança tenha mais

curiosidade sobre o mundo, pergunte mais, portanto logo tem acesso a um maior nível de informação.

Ent: Considera que perturbações ao nível da linguagem oral podem influenciar a aprendizagem da leitura e da escrita?

Suj: Sim considero, uma criança que tem uma difluência, ou que não tem a parte fonética bem desenvolvida logo, ou que tem dificuldades de articulação, portanto tudo isso vai trazer problemas ao nível da leitura e da escrita.

Ent: Considera que pode haver correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral da criança e o seu sucesso educativo?

Suj: Sim sim sim, exatamente pelos mesmos fatores, não é? Se a criança tiver uma boa linguagem oral é um bom... provavelmente a probabilidade de ter uma boa aprendizagem da leitura e da escrita é muito elevada. Não é fator único, não é exclusivo, mas é importante.

Ent: O que é que considera importante para que a criança consiga adquirir um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Eu acho que nós ao longo do desenvolvimento vamos adaptando diferentes estratégias na introdução da linguagem oral e da linguagem escrita, da linguagem não verbal, todos esse diferentes níveis de linguagem vão facilitar depois a aprendizagem e conforme a idade vamos adaptando, não é? A um bebé nós mostramos um livro eee... e dizemos só palavras e mostramos símbolos e associamos o símbolo à palavra, começamos logo aí. Numa criança com dois três anos já contamos uma história com início, meio e fim, para a criança poder devolver a história, pensar sobre a história, cantamos canções. A oralidade é introduzida doutra forma, uma criança com quatro cinco anos já começamos a preparar a linguagem oral para o início da escolaridade, orientamos um pouco mais para a fonologia e etc.

Ent: Na sua prática profissional com as crianças valoriza a promoção do desenvolvimento da linguagem oral?

Suj: Sempre, eu acho que nós devemos, para já quando estamos com um bebé colocamos sempre o bebé de frente para nós para pudermos ter uma... para ele ter uma noção da nossa expressão facial, da entoação da nossa voz e é por aí que ele percebe se estamos felizes, se estamos contentes, seee... que é um nível de perceção completamente diferente numa criança com dois anos ou com três anos, portanto ao trabalhar uma criança, nós trabalhamos

todas as áreas do seu desenvolvimento, mas a oralidade é a uma... a primordial... é uma delas.

Ent: E procura também estimular a abordagem à escrita, além da linguagem oral?

Suj: Sim, tudo o que nós fazemos, dependendo um bocadinho da idade, não é? Nós aqui temos idades muito díspares, mas por exemplo se temos uma... uma criança que está, que estamos a contar uma história, não é? Estamos a mostrar letras e estamos a dizer que aquelas letras têm significado, que o que eu estou a dizer em termos da oralidade tem uma expressão escrita, não é? E logo aí estamos a trabalhar também a leitura e a escrita.

Ent: Na sua opinião uma estimulação, no seu tempo devido, ao nível da oralidade poderá ser facilitadora do sucesso educativo?

Suj: Sim sim... eu acho que temos, a criança não necessita que se esteja constantemente a trabalhar... hoje vou trabalhar a oralidade, amanhã vou trabalhar a escrita, é fazer uma abordagem mais integrada em todas as áreas.

Ent: Quais são as estratégias que utiliza para a otimização das competências linguísticas da criança?

Suj: Temos as músicas, temos a entoação que damos na oralidade, na forma como falamos com eles. Associar à oralidade a expressão aam... gestual, tudo isso vai fomentar a oralidade e adaptar conforme a idade da criança. Numa idade temos... não gestualizamos se calhar tanto como se calhar com um bebé, não é? Estamos a falar da palavra bola e estamos a fazer “booola” com o gesto, fazendo um círculo grande com as mãos, aam... e estamos também a abrir os olhos, a mostrar... fazemos uma boca grande que é para ele perceber que aquilo depois tem um significado, não é? Que é uma palavra diferente das outras.

Ent: Na sua opinião a intervenção de uma equipa multidisciplinar pode favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim, porque todos nós temos uma visão diferente e temos uma forma diferente de trabalhar a criança, não é? Há as Educadoras que têm objetivos específicos, trabalham com as crianças têm objetivos pedagógicos, eu como Psicóloga tenho, interessa-me muito a expressão facial, a compreensão que as crianças fazem da entoação da voz, por exemplo se estamos a falar da linguagem oral, para perceberem se estamos zangados, se estamos contentes, se estamos tristes aam... remete depois para a parte emocional em termos de expressão das emoções e conseguimos também falar e verbalizarmos, se utilizamos a língua

gestual ou a língua oral, aam... é sempre uma forma de expressão. Cada um tem uma forma de trabalhar diferente, a Terapeuta da Fala trabalha de uma forma diferente, cada um tem objetivos diferentes no seu trabalho.

Ent: Como é que é feita a sinalização das crianças para serem acompanhadas nas diversas terapias?

Suj: É feita, por exemplo... pode ser realizada uma avaliação a nível do desenvolvimento e realmente há uma criança que necessita de um acompanhamento individual na área de... na área da terapia da fala por exemplo, então aí é sinalizada para terapia da fala ou as nossas próprias Educadoras sinalizam a criança como... ou troca letras ou porque tem problemas de articulação ou porque tem uma linguagem pobre ou porque tem dificuldades de compreensão, em pequenas ordens por exemplo, sinaliza a criança para intervenção.

Ent: Qual o local ou locais onde acontece a intervenção terapêutica e psicológica?

Suj: Háaa... nós temos na instituição um espaço específico equipado para o efeito, com várias salas, temos também Terapeutas Ocupacionais, Fisioterapeutas e Terapeutas da Fala.

Ent: E acontece só nesse local ou também vão às salas de Educação de Infância?

Suj: Não, também podem ir às salas de Educação de Infância, temos... acompanhamos também... organizamos grupos de intervenção em que vai por exemplo uma Terapeuta Ocupacional e uma Terapeuta da Fala e fazem um trabalho em conjunto por exemplo ao nível da fonologia, dentro da sala de Educação de Infância, em conjunto com a Educadora.

Ent: A intervenção terapêutica ou psicológica é feita individualmente, em pequenos grupos ou em grande grupo?

Suj: Depende, por exemplo pode ser realizada individualmente, se realmente a criança necessita de uma intervenção mais direcionada e pode ser realizada em grupo, normalmente são pequenos grupos, se realmente se pretende abranger o maior número possível de crianças e a problemática da criança se consegue resolver em grupo.

Ent: Qual é a periodicidade da intervenção terapêutica ou psicológica?

Suj: Normalmente é duas vezes por semana, pontualmente pode ser três.

Ent: E durante quanto tempo mais ou menos?

Suj: Mais ou menos quarenta e cinco minutos.

Ent: E parte dessa intervenção é direcionada para o desenvolvimento da linguagem?

Suj: Sim uma grande parte é direcionada para o desenvolvimento da linguagem, aliás temos um grupo específico, um grupo que é organizado pela nossa Terapeuta da Fala tem exclusivamente o objetivo de trabalhar a linguagem. Por exemplo se estamos a trabalhar os frutos, estamos a trabalhar a linguagem, ela leva uma série de frutos por exemplo para uma atividade e estamos a nomear a laranja, que é redonda e é laranja, cor de laranja, temos um morango e alguns morangos têm forma do triângulo e são de cor vermelha, portanto estamos a trabalhar uma série de parâmetros que têm a ver com o desenvolvimento e ao mesmo tempo a linguagem, estamos a trabalhar o vocabulário por exemplo.

Ent: E como é que todos os profissionais da equipa multidisciplinar se articulam de modo a haver comunicação entre os mesmos?

Suj: Costumamos realizar reuniões de equipa para tratar... para falar um pouco sobre o que é que vai ser realizado, a forma como vai ser trabalhada, a forma como vai ser direcionada a intervenção para aquela criança ou para o grupo e aam... e de alguma forma também tentar perceber quais são as dificuldades que as Educadoras têm e que as Terapeutas têm para conseguirmos colmatar as mesmas.

Ent: De acordo com a sua experiência a intervenção de uma equipa multidisciplinar é vantajosa para o sucesso educativo das crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim sim... é fundamental, porque uma equipa é que consegue trabalhar aquela criança, em termos de diferentes pontos de vista e conseguimos chegar ao foco do problema.

Ent: Muito obrigada.

Suj: De nada.

Apêndice 25. Primeiro Tratamento da Entrevista à Psicóloga

[Percurso profissional] (...) *licenciada em psicologia clínica (...) tirei uma pós-graduação em Educação Social, tenho tirado algumas formações na área da psicologia, na área das necessidades educativas, dificuldades de aprendizagem (...) trabalho há dezasseis anos (...) e sempre trabalhei no mesmo local (...) Numa instituição de acolhimento temporário (...)*

[Aspetos mais marcantes desse percurso] (...) *é o trabalho com as crianças, que é extremamente gratificante, a sua capacidade de mudança, a sua capacidade de resiliência (...) é o que me motiva a trabalhar (...) depois tudo o que tem a ver com o funcionamento do centro de acolhimento (...)*

[Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *Dos zero aos doze anos (...) inclusivamente já acompanhamos jovens, porque a instituição quando eu cheguei tinha jovens com (...) paralisia cerebral, politraumatizados, vítimas de acidentes de viação, jovens com deficiência (...)*

[Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *bem integrada, acho que a equipa funciona. O trabalho com as nossas educadoras e com as nossas terapeutas é extremamente gratificante (...)*

[Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *é uma área (...) fundamental. Normalmente as crianças em instituição (...) principalmente as crianças até aos dois anos é uma área em que eles apresentam por regra défice (...)*

[Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) *se for alguma criança com algum síndrome, alguma patologia ou deficiência a perturbação na linguagem oral, o atraso, tem um pouco a ver com a sua patologia (...) se é uma criança negligenciada (...) que vem de uma estrutura familiar em que há pouco diálogo, a criança fica muito tempo sozinha, logo também pode ter essa área deficitária (...)*

[Importância da deteção precoce das perturbações da linguagem oral] (...) *a deteção precoce vai-nos permitir elaborar programas de intervenção e trabalhar essa criança com o intuito de melhorar o seu desenvolvimento (...)*

[Associação das perturbações da linguagem oral a doenças] (...) *principalmente se há algum défice (...) alguma lesão nalguma área do cérebro (...)*

[Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) *uma criança que se exprime (...) normalmente é uma criança mais feliz (...)*

[Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) *uma boa linguagem oral vai (...) condicionar uma boa linguagem escrita, a leitura (...) e vai fazer com que a criança tenha mais curiosidade sobre o mundo, pergunte mais (...) logo tem acesso a um maior nível de informação (...)*

[Fatores favoráveis para a aquisição de um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *Se a criança tiver uma boa linguagem oral (...) provavelmente a probabilidade de ter uma boa aprendizagem da leitura e da escrita é muito elevada (...)*

[Estratégias para a promoção da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *A um bebé nós mostramos um livro (...) e dizemos só palavras e mostramos símbolos e associamos o símbolo à palavra (...) numa criança com dois três anos já contamos uma história com início, meio e fim, para criança poder devolver a história (...) cantamos canções (...) uma criança com quatro cinco anos já começamos a preparar a linguagem oral para o início da escolaridade, orientamos (...) mais para a fonologia (...)*

(...) *quando estamos com um bebé colocamos sempre o bebé de frente para nós (...) para ele ter uma noção da nossa expressão facial, da entoação da nossa voz (...) ao trabalhar uma criança (...) trabalhamos todas as áreas do seu desenvolvimento, mas a oralidade (...) é a primordial (...)*

(...) *se (...) estamos a contar uma história (...) estamos a mostrar letras e estamos a dizer que aquelas letras têm significado (...) logo aí estamos a trabalhar também a leitura e a escrita (...)*

(...) *as músicas (...) a entoação que damos na oralidade (...) associar à oralidade a expressão (...) gestual (...)*

[Equipa multidisciplinar como veículo facilitador do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *todos nós temos uma visão diferente e temos uma forma diferente de trabalhar a criança (...) há as educadoras que têm objetivos específicos (...) objetivos pedagógicos, eu como psicóloga (...) interessa-me muito a expressão facial, a compreensão que as crianças fazem da entoação da voz (...) para perceberem se estamos zangados, se*

estamos contentes, se estamos tristes (...) remete depois pra parte emocional em termos de expressão das emoções (...)

[Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) pode ser realizada uma avaliação a nível do desenvolvimento (...) então aí é sinalizada para terapia (...) as (...) próprias educadoras sinalizam (...)

[Local onde acontece a intervenção terapêutica] (...) temos na instituição um espaço específico equipado para o efeito, com várias salas (...) organizamos grupos de intervenção em que vai por exemplo uma terapeuta (...) e fazem um trabalho em conjunto (...) dentro da sala de educação de infância (...)

[Periodicidade e tempo de duração das terapias] (...) pode ser realizada individualmente, se realmente a criança necessita de uma intervenção mais direcionada e pode ser realizada em grupo, normalmente são pequenos grupos (...)

(...) Normalmente é duas vezes por semana (...) mais ou menos quarenta e cinco minutos (...)

[Articulação entre os profissionais da equipa] (...) Costumamos realizar reuniões de equipa (...) para falar (...) sobre o que é que vai ser realizado, a forma como vai ser trabalhada, a forma como vai ser direcionada a intervenção para aquela criança ou para o grupo (...) e de alguma forma também tentar perceber quais são as dificuldades que as educadoras (...) e (...) as terapeutas têm para conseguirmos colmatar as mesmas (...)

[Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) uma equipa é que consegue trabalhar aquela criança, em termos de diferentes pontos de vista e conseguimos chegar ao foco do problema (...)

Apêndice 26. Pré-Categorização da Entrevista à Psicóloga

1. [Percurso profissional] (...) *licenciada em psicologia clínica (...)*
2. (...) *tirei uma pós-graduação em Educação Social (...)*
3. (...) *tenho tirado algumas formações na área da psicologia (...)*
4. (...) *na área das necessidades educativas (...)*
5. (...) *dificuldades de aprendizagem (...)*
6. (...) *trabalho há dezasseis anos (...)*
7. (...) *sempre trabalhei no mesmo local (...)* *Numa instituição de acolhimento temporário (...)*
8. [Aspetos mais marcantes desse percurso] (...) *é o trabalho com as crianças, que é extremamente gratificante, a sua capacidade de mudança, a sua capacidade de resiliência (...)* *é o que me motiva a trabalhar (...)*
9. (...) *depois tudo o que tem a ver com o funcionamento do centro de acolhimento (...)*
10. [Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *Dos zero aos doze anos (...)*
11. (...) *inclusivamente já acompanhámos jovens, porque a instituição quando eu cheguei tinha jovens com (...)* *paralisia cerebral, politraumatizados, vítimas de acidentes de viação, jovens com deficiência (...)*
12. [Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *bem integrada (...)*
13. (...) *acho que a equipa funciona (...)*
14. (...) *O trabalho com as nossas educadoras e com as nossas terapeutas é extremamente gratificante (...)*
15. [Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *acho que é uma área (...)* *fundamental (...)*
16. (...) *Normalmente as crianças em instituição (...)* *principalmente as crianças até aos dois anos é uma área em que eles apresentam por regra défice (...)*
17. [Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) *se for alguma criança com algum síndrome, alguma patologia ou deficiência a perturbação na linguagem oral, o atraso, tem um pouco a ver com a sua patologia (...)*

18. (...) *se é uma criança negligenciada (...) que vem de uma estrutura familiar em que há pouco diálogo, a criança fica muito tempo sozinha, logo também pode ter essa área deficitária (...)*
19. [Importância da detecção precoce das perturbações da linguagem oral] (...) *a detecção precoce vai-nos permitir elaborar programas de intervenção e trabalhar essa criança com o intuito de melhorar o seu desenvolvimento (...)*
20. [Associação das perturbações da linguagem oral a doenças] (...) *principalmente se há algum défice (...)*
21. (...) *alguma lesão nalguma área do cérebro (...)*
22. [Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) *uma criança que se exprime (...) normalmente é uma criança mais feliz (...)*
23. [Correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento] (...) *uma boa linguagem oral (...) pode condicionar uma boa linguagem escrita, a leitura (...)*
24. (...) *e vai fazer com que a criança tenha mais curiosidade sobre o mundo, pergunte mais (...)*
25. (...) *logo tem acesso a um maior nível de informação (...)*
26. [Fatores favoráveis para a aquisição de um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *Se a criança tiver uma boa linguagem oral (...) provavelmente a probabilidade de ter uma boa aprendizagem da leitura e da escrita é muito elevada (...)*
27. [Estratégias para a promoção da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *A um bebé nós mostramos um livro (...) e dizemos só palavras e mostramos símbolos e associamos o símbolo à palavra (...)*
28. (...) *numa criança com dois três anos já contamos uma história com início, meio e fim, para a criança poder devolver a história (...)*
29. (...) *cantamos canções (...)*
30. (...) *uma criança com quatro cinco anos já começamos a preparar a linguagem oral para o início da escolaridade, orientamos (...) mais para a fonologia (...)*
31. (...) *quando estamos com um bebé colocamos sempre o bebé de frente para nós (...) para ele ter uma noção da nossa expressão facial, da entoação da nossa voz (...)*

32. (...) ao trabalhar uma criança (...) trabalhamos todas as áreas do seu desenvolvimento, mas a oralidade (...) é a primordial (...)
33. (...) se (...) estamos a contar uma história (...) estamos a mostrar letras e estamos a dizer que aquelas letras têm significado (...) logo aí estamos a trabalhar também a leitura e a escrita (...)
34. (...) as músicas (...)
35. (...) a entoação que damos na oralidade (...)
36. (...) associar à oralidade a expressão (...) gestual (...)
37. [Equipa multidisciplinar como veículo facilitador do desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) todos nós temos uma visão diferente e temos uma forma diferente de trabalhar a criança (...)
38. (...) há as educadoras que têm objetivos específicos (...) objetivos pedagógicos (...)
39. (...) eu como psicóloga (...) interessa-me muito a expressão facial, a compreensão que as crianças fazem da entoação da voz (...) para perceberem se estamos zangados, se estamos contentes, se estamos tristes (...) remete depois para a parte emocional em termos de expressão das emoções (...)
40. [Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) pode ser realizada uma avaliação a nível do desenvolvimento (...) então aí é sinalizada para terapia (...)
41. (...) as (...) próprias educadoras sinalizam (...)
42. [Local onde acontece a intervenção terapêutica] (...) temos na instituição um espaço específico equipado para o efeito, com várias salas (...)
43. organizamos grupos de intervenção em que vai por exemplo uma terapeuta (...) e fazem um trabalho em conjunto (...) dentro da sala de educação de infância (...)
44. [Periodicidade e tempo de duração das terapias] (...) pode ser realizada individualmente, se realmente a criança necessita de uma intervenção mais direcionada (...)
45. (...) pode ser realizada em grupo (...)
46. (...) normalmente são pequenos grupos (...)
47. (...) Normalmente é duas vezes por semana (...) mais ou menos quarenta e cinco minutos (...)

48. [Articulação entre os profissionais da equipa] (...) *Costumamos realizar reuniões de equipa (...) para falar (...) sobre o que é que vai ser realizado, a forma como vai ser trabalhada, a forma como vai ser direcionada a intervenção para aquela criança ou para o grupo (...)*

49. (...) *e de alguma forma também tentar perceber quais são as dificuldades que as educadoras (...) e (...) as terapeutas têm para conseguirmos colmatar as mesmas (...)*

50. [Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) *uma equipa é que consegue trabalhar aquela criança, em termos de diferentes pontos de vista e conseguimos chegar ao foco do problema (...)*

Apêndice 27. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Psicóloga

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES
6. CARACTERIZAÇÃO COMO PROFISSIONAL	1.1. Tempo de serviço	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>trabalho há dezasseis anos (...) (6)</i>
	6.2. Formação inicial	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>licenciada em psicologia clínica (...) (1)</i>
	6.3. Formação contínua	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>tirei uma pós-graduação em Educação Social (...) (2)</i> • (...) <i>tenho tirado algumas formações na área da psicologia (...) (3)</i> • (...) <i>na área das necessidades educativas (...) (4)</i> • (...) <i>dificuldades de aprendizagem (...) (5)</i>
	6.4. Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>sempre trabalhei no mesmo local (...) Numa instituição de acolhimento temporário (...) (7)</i>
	6.5. Aspetos mais marcantes desse percurso	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>é o trabalho com as crianças, que é extremamente gratificante, a sua capacidade de mudança, a sua capacidade de resiliência (...) é o que me motiva a trabalhar (...) (8)</i> • (...) <i>depois tudo o que tem a ver com o funcionamento do centro de acolhimento (...) (9)</i>
	6.6. Nível etário das crianças com que intervém	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Dos zero aos doze anos (...) (10)</i> • (...) <i>inclusivamente já acompanhámos jovens, porque a instituição quando eu cheguei tinha jovens com (...) paralisia cerebral, politraumatizados, vítimas de acidentes de viação, jovens com deficiência (...) (11)</i>
7. VALORIZAÇÃO ATRIBUÍDA AO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL	2.6. Importância atribuída ao desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>acho que é uma área (...) fundamental (...) (15)</i>
	2.12. Valorização atribuída à estimulação da linguagem oral	
	2.13. Importância da estimulação da linguagem oral no seu tempo devido	

	2.8. Causas das perturbações no desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) Normalmente as crianças em instituição (...) principalmente as crianças até aos dois anos é uma área em que eles apresentam por regra défice (...) (16) • (...) se for alguma criança com algum síndrome, alguma patologia ou deficiência a perturbação na linguagem oral, o atraso, tem um pouco a ver com a sua patologia (...) (17) • (...) se é uma criança negligenciada (...) que vem de uma estrutura familiar em que há pouco diálogo, a criança fica muito tempo sozinha, logo também pode ter essa área deficitária (...) (18) • (...) principalmente se há algum défice (...) (20) • (...) alguma lesão nalguma área do cérebro (...) (21)
	2.20. Importância da deteção precoce de perturbações ao nível da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a deteção precoce vai-nos permitir elaborar programas de intervenção e trabalhar essa criança com o intuito de melhorar o seu desenvolvimento (...) (19)
	2.21. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e o bem-estar da criança	<ul style="list-style-type: none"> • (...) uma criança que se exprime (...) normalmente é uma criança mais feliz (...) (22)
	2.22. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • (...) uma boa linguagem oral (...) pode condicionar uma boa linguagem escrita, a leitura (...) (23) • (...) e vai fazer com que a criança tenha mais curiosidade sobre o mundo, pergunte mais (...) (24) • (...) logo tem acesso a um maior nível de informação (...) (25)
13. ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA A PROMOÇÃO DA LINGUAGEM ORAL/ESCRITA	3.6. Princípios para a aquisição de um bom desempenho na linguagem oral/escrita	<ul style="list-style-type: none"> • (...) Se a criança tiver uma boa linguagem oral (...) provavelmente a probabilidade de ter uma boa aprendizagem da leitura e da escrita é muito elevada (...) (26)
	3.7. Utilização de pedagogia diferenciada	
	3.8. Estratégias para a otimização das competências linguísticas	<ul style="list-style-type: none"> • (...) A um bebé nós mostramos um livro (...) e dizemos só palavras e mostramos símbolos e associamos o símbolo à palavra (...) (27) • (...) numa criança com dois três anos já contamos uma história com início, meio e fim, para a criança poder devolver a história (...) (28) • (...) cantamos canções (...) (29)

		<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>uma criança com quatro cinco anos já começamos a preparar a linguagem oral para o início da escolaridade, orientamos (...) mais para a fonologia (...) (30)</i> • (...) <i>quando estamos com um bebé colocamos sempre o bebé de frente para nós (...) para ele ter uma noção da nossa expressão facial, da entoação da nossa voz (...) (31)</i> • (...) <i>ao trabalhar uma criança (...) trabalhamos todas as áreas do seu desenvolvimento, mas a oralidade (...) é a primordial (...) (32)</i> • (...) <i>se (...) estamos a contar uma história (...) estamos a mostrar letras e estamos a dizer que aquelas letras têm significado (...) logo aí estamos a trabalhar também a leitura e a escrita (...) (33)</i> • (...) <i>as músicas (...) (34)</i> • (...) <i>a entoação que damos na oralidade (...) (35)</i> • (...) <i>associar à oralidade a expressão (...) gestual (...) (36)</i>
	<p>3.9. Equipa multidisciplinar como veículo facilitador da promoção da linguagem oral/escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>todos nós temos uma visão diferente e temos uma forma diferente de trabalhar a criança (...) (37)</i> • (...) <i>há as educadoras que têm objetivos específicos (...) objetivos pedagógicos (...) (38)</i> • (...) <i>eu como psicóloga (...) interessa-me muito a expressão facial, a compreensão que as crianças fazem da entoação da voz (...) para perceberem se estamos zangados, se estamos contentes, se estamos tristes (...) remete depois para a parte emocional em termos de expressão das emoções (...) (39)</i>
<p>14. ORGANIZAÇÃO DA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR</p>	<p>4.22. Modo de funcionamento da equipa multidisciplinar</p>	
	<p>4.23. Sinalização das crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>pode ser realizada uma avaliação a nível do desenvolvimento (...) então aí é sinalizada para terapia (...) (40)</i> • (...) <i>as (...) próprias educadoras sinalizam (...) (41)</i>
	<p>4.24. Local (ais) onde acontece a intervenção terapêutica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>temos na instituição um espaço específico equipado para o efeito, com várias salas (...) (42)</i> • <i>organizamos grupos de intervenção em que vai por exemplo uma terapeuta (...) e fazem um trabalho em conjunto (...) dentro da sala de educação de infância (...) (43)</i>

	4.25. Formas de intervenção terapêutica	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>pode ser realizada individualmente, se realmente a criança necessita de uma intervenção mais direcionada (...)</i> (44) • (...) <i>pode ser realizada em grupo (...)</i> (45) • (...) <i>normalmente são pequenos grupos (...)</i> (46)
	4.20. Periodicidade e duração da intervenção terapêutica	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Normalmente é duas vezes por semana (...)</i> <i>mais ou menos quarenta e cinco minutos (...)</i> (47)
	4.21. Articulação entre os técnicos	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Costumamos realizar reuniões de equipa (...)</i> <i>para falar (...)</i> <i>sobre o que é que vai ser realizado, a forma como vai ser trabalhada, a forma como vai ser direcionada a intervenção para aquela criança ou para o grupo (...)</i> (48) • (...) <i>e de alguma forma também tentar perceber quais são as dificuldades que as educadoras (...)</i> <i>e (...)</i> <i>as terapeutas têm para conseguirmos colmatar as mesmas (...)</i> (49)
	4.22. Vantagens para o sucesso educativo das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>uma equipa é que consegue trabalhar aquela criança, em termos de diferentes pontos de vista e conseguimos chegar ao foco do problema (...)</i> (50)
	4.23. Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>bem integrada (...)</i> (12) • (...) <i>acho que a equipa funciona (...)</i> (13) • (...) <i>O trabalho com as nossas educadoras e com as nossas terapeutas é extremamente gratificante (...)</i> (14)

Apêndice 28. Protocolo da Entrevista à Fisioterapeuta

Ent: O meu nome é Maria da Graça Dias Luísa Viegas, sou educadora de infância e encontro-me a frequentar o Mestrado de Educação Especial, Domínios Cognitivo e Motor, na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve.

No âmbito da disciplina de Dissertação de Mestrado, estou a realizar uma investigação centrada nas representações e expectativas de uma equipa multidisciplinar, no que respeita às perturbações do desenvolvimento da linguagem oral de crianças em risco.

Desta forma, venho solicitar a sua colaboração na realização desta entrevista, bem como a sua autorização para a transcrição da mesma. A sua participação será anónima e confidencial, portanto agradeço desde já a sua colaboração e muito obrigada.

Ent: Bom então gostava de falar um bocadinho sobre o seu percurso, começamos pela sua idade.

Suj: Trinta e seis anos.

Ent: A sua formação.

Suj: Fisioterapeuta.

Ent: Pode-me falar um bocadinho sobre a sua formação inicial e contínua?

Suj: Aam..., eu tenho o curso de, sou licenciada em fisioterapia, depois trabalho em pediatria há doze anos, aam... as formações complementares que tenho são na área da fisioterapia em pediatria, na área da hidroterapia essencialmente, tudo muito centrado na pediatria.

Ent: Quais os aspetos mais gratificante, inovadores e marcantes ao longo do seu percurso profissional?

Suj: Aam... eu acho que é a experiência profissional com crianças, principalmente crianças com necessidades especiais.

Ent: Portanto o seu trabalho, enquanto profissional, tem sido sempre neste contexto institucional?

Suj: Aam... grande parte do meu trabalho é em contexto institucional, mas também tenho prática clínica privada.

Ent: Há quantos anos faz parte desta equipa multidisciplinar?

Suj: Há doze anos.

Ent: E tem acompanhado crianças de que idades?

Suj: Dos zero aos sete/oito anos mais ou menos.

Ent: Como se sente enquanto membro desta equipa multidisciplinar?

Ent: É muito gratificante ser, trabalhar em equipa e de uma forma que nós sentimos que o nosso trabalho é, está a ser complementado e que os nossos objetivos, muitas vezes comuns, aam... conseguimos atingi-los mais facilmente os nossos objetivos numa equipa porque conseguimos colmatar todas as áreas, por assim dizer.

Suj: Considera a linguagem oral uma área importante no desenvolvimento global da criança?

Ent: Sim, muito.

Suj: Pode-me dizer porquê?

Ent: Porque eu acho que a comunicação é extremamente importante no desenvolvimento e nós trabalhamos em instituição, mais facilmente conseguimos ver isso, porque normalmente estas crianças têm muito atraso na linguagem e na comunicação, por serem institucionalizados. Aam..., mas a comunicação é assim a base para um bom desenvolvimento, não é? Começa-se com a comunicação muitas vezes emocional, pelo tato, pelo olhar, mas depois a linguagem acaba por ser a forma de comunicação que é mais utilizada, não é? E que nos ajuda também na intervenção.

Ent: Considera que as crianças pouco estimuladas ao nível da linguagem oral, no seu tempo devido, podem ter esta área comprometida?

Suj: Sim sim considero e é, consegue-se observar isso aqui na instituição.

Ent: Considera o desenvolvimento da linguagem oral crucial para o processo de aprendizagem?

Suj: Sim.

Ent: Na sua opinião quais são as principais causas das perturbações da linguagem oral?

Suj: Aam... acho que a institucionalização é uma delas, depois há causas biológicas, não é? Que têm a ver com o corpo e com o desenvolvimento dalguma patologia ou não, que isso também põe em causa a comunicação e a forma de comunicar, aam... a falta de estimulação,

a negligência, eu acho que principalmente o não oferecer, o não estimular é uma das grandes causas para os atrasos da linguagem.

Ent: Pois e que provavelmente acontece com estas crianças antes da sua institucionalização, não é?

Suj: Sim sim.

Ent: Na sua opinião as perturbações da linguagem oral podem estar associadas a algumas doenças?

Suj: Sim estão, podem estar ligadas a algumas doenças. Aam... à paralisia cerebral, há síndromes que só por si já fazem atrasos de linguagem, seja por causas motoras ou causas cognitivas.

Ent: Considera que um bom desempenho na área da linguagem oral poderá ser facilitador do bem-estar e da felicidade da criança?

Suj: Sim, acho que sim. Acho que é uma fonte de autoestima, conseguem-se expressar bem e serem entendidos e compreendidos facilmente.

Ent: Considera que o nível de desenvolvimento da linguagem oral favorece a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento?

Suj: Sim, eu considero que sim.

Ent: E considera que perturbações ao nível da linguagem oral podem influenciar a aprendizagem da leitura e da escrita?

Suj: Sim, eu acho que se existem perturbações, depois quando se passa para essa fase as perturbações vão-se manter ou aumentar, não é?

Ent: Considera que pode haver correlação entre o nível de desenvolvimento da linguagem oral da criança e o seu sucesso educativo?

Suj: Eu penso que sim, se normalmente, a causa do atraso também pode implicar no desempenho escolar, mas em princípio se o atraso da linguagem também estiver associado a atraso na parte cognitiva irá ter implicações na escola, não é?

Ent: O que é que considera importante para que a criança consiga adquirir um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Aam... acho que é importante estarem inseridos num ambiente, num ambiente estimulante, num ambiente familiar saudável, um ambiente de Jardim de Infância também saudável e que a criança se consiga desenvolver normalmente. Acho que principalmente o ambiente familiar e depois o escolar, se ambos promovem um bom desenvolvimento da linguagem, já é uma mais-valia para a criança.

Ent: Na sua prática profissional com crianças procura estimular a linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Não, a linguagem oral talvez, se for a pedido de outras áreas que em vez de estar a fazer uma atividade, se calhar essencialmente motora, posso também fazer algumas perguntas ou fazer com que a criança se expresse mais, mas normalmente diretamente eu não trabalho a linguagem, de forma indireta através da equipa, porque me dão orientações nesse sentido é que pode acontecer.

Ent: Na sua opinião uma estimulação, no seu tempo devido, ao nível da oralidade poderá ser facilitadora do sucesso educativo?

Suj: Sim, eu acredito que sim.

Ent: Quais são as estratégias que utiliza para a otimização das competências linguísticas da criança?

Suj: Pois eu acho que é essencialmente um ambiente favorecedor da linguagem e que estimule a linguagem.

Ent: Na sua opinião a intervenção de uma equipa multidisciplinar pode favorecer o desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Sim sim, acredito que sim.

Ent: Como é que é feita a sinalização das crianças para serem acompanhadas nas diversas terapias, aqui na instituição?

Suj: Aam... pode ser feito por encaminhamento médico, às vezes já vêm com essa indicação antes de chegarem à instituição, aam... pode ser através das Educadoras de Infância, pode ser através das Psicólogas ou pode ser através da avaliação que nós fazemos quando as crianças cá chegam e depois tomamos a decisão, se precisam de intervenção e em que áreas é que terão intervenção.

Ent: Qual o local ou locais onde acontece a intervenção terapêutica?

Suj: Aam... em sala de Educadora, aam... nós temos salas e ginásios e temos piscina, em qualquer um desses espaços temos intervenção terapêutica.

Ent: A intervenção terapêutica é feita individualmente, em pequeno grupo ou em grande grupo?

Suj: Temos as três vertentes, fazemos individualmente, também temos grupos pequeninos que chamamos de motricidade fina, grupos de estimulação de motricidade fina e temos grupos que normalmente são o número de crianças que estão na sala, trabalhamos também em grupo.

Ent: Qual é a periodicidade da intervenção terapêutica, aqui na instituição e durante quanto tempo de cada vez?

Suj: Aam... eu acho que quanto mais cedo melhor, mais se promove um adequado desenvolvimento, aam... e nós tentamos que as crianças, as que têm necessidade seja o mais rapidamente possível o acompanhamento. Aam... o acompanhamento, para alguns, passa pelo tempo da instituição, que cá têm, mas há crianças que têm menos tempo ou que muitas vezes só têm intervenção em grupo, é muito variável.

Ent: Como é que todos os profissionais da equipa multidisciplinar se articulam de modo a haver comunicação entre os mesmos?

Suj: Através de reuniões de equipa, onde estão Educadoras, Terapeutas e Psicólogos presentes e acho que sempre que é necessário, as pessoas também conversam entre si, sobre alguma criança em específico.

Ent: De acordo com a sua experiência, a intervenção de uma equipa multidisciplinar é vantajosa para o sucesso educativo das crianças com perturbações ao nível da linguagem oral e abordagem à escrita?

Suj: Eu concordo que sim, quanto mais variável for a intervenção, mais se promove a criança.

Ent: Muito obrigada pela sua disponibilidade.

Apêndice 29. Primeiro Tratamento da Entrevista à Fisioterapeuta

[Percurso profissional] (...) *sou licenciada em fisioterapia (...) trabalho em pediatria há doze anos (...) as formações complementares que tenho são na área da fisioterapia em pediatria, na área da hidroterapia essencialmente, tudo muito centrado na pediatria (...)*

(...) *grande parte do meu trabalho é em contexto institucional, mas também tenho prática clínica privada (...)*

[Aspectos mais marcantes desse percurso] (...) *é a experiência profissional com crianças, principalmente crianças com necessidades especiais (...)*

[Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *Dos zero aos sete/oito anos mais ou menos (...)*

[Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *É muito gratificante (...) trabalhar em equipa (...) sentimos que o nosso trabalho (...) está a ser complementado (...) conseguimos atingir mais facilmente os nossos objetivos numa equipa porque conseguimos colmatar todas as áreas, por assim dizer (...)*

[Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *a comunicação é extremamente importante no desenvolvimento (...) comunicação é assim a base para um bom desenvolvimento (...) Começa-se com a comunicação muitas vezes emocional, pelo tato, pelo olhar, mas depois a linguagem acaba por ser a forma de comunicação que é mais utilizada (...) E que nos ajuda também na intervenção (...)*

[Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) *a institucionalização é uma delas, depois há causas biológicas (...) têm a ver com o corpo e com o desenvolvimento de alguma patologia (...) que isso também põe em causa a comunicação e a forma de comunicar (...) a falta de estimulação, a negligência (...) principalmente o não oferecer, o não estimular é uma das grandes causas para os atrasos da linguagem (...)*

[Associação das perturbações da linguagem oral a doenças] (...) *a paralisia cerebral, há síndromes que só por si já fazem atrasos de linguagem, seja por causas motoras ou causas cognitivas (...)*

[Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) *é uma fonte de autoestima (...) conseguem-se expressar bem e serem entendidos e compreendidos facilmente (...)*

[Fatores favoráveis para a aquisição de um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *é importante estarem inseridos num ambiente (...) estimulante, num ambiente familiar saudável, um ambiente de jardim de infância também saudável (...) principalmente o ambiente familiar e depois o escolar, se ambos promovem um bom desenvolvimento da linguagem, já é uma mais-valia para a criança (...)*

[Estratégias para a otimização das competências linguísticas] (...) *normalmente diretamente eu não trabalho a linguagem, de forma indireta, através da equipa, porque me dão orientações nesse sentido é que pode acontecer (...)*

(...) *é essencialmente um ambiente favorecedor da linguagem e que estimule a linguagem (...)*

(...) *quanto mais cedo melhor, mais se promove um adequado desenvolvimento (...)*

[Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) *pode ser feito por encaminhamento médico, às vezes já vêm com essa indicação antes de chegarem à instituição (...) pode ser através das educadoras de infância, pode ser através das psicólogas ou pode ser através da avaliação que nós fazemos quando as crianças cá chegam (...)*

[Local onde acontece a intervenção terapêutica] (...) *em sala de educadora (...) temos salas e ginásios e temos piscina (...)*

[Articulação entre os profissionais da equipa] (...) *Através de reuniões de equipa, onde estão educadoras, terapeutas e psicólogos presentes (...) sempre que é necessário, as pessoas também conversam entre si sobre alguma criança em específico (...)*

[Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) *quanto mais variável for a intervenção, mais se promove a criança (...)*

Apêndice 30. Pré-Categorização da Entrevista à Fisioterapeuta

1. [Percurso profissional] (...) *sou licenciada em fisioterapia (...)*
2. (...) *trabalho em pediatria há doze anos (...)*
3. (...) *as formações complementares que tenho são na área da fisioterapia em pediatria, na área da hidroterapia essencialmente, tudo muito centrado na pediatria (...)*
4. (...) *grande parte do meu trabalho é em contexto institucional (...)*
5. (...) *mas também tenho prática clínica privada (...)*
6. [Aspectos mais marcantes desse percurso] (...) *é a experiência profissional com crianças (...)*
7. (...) *principalmente crianças com necessidades especiais (...)*
8. [Nível etário das crianças com que tem trabalhado] (...) *Dos zero aos sete/oito anos mais ou menos (...)*
9. [Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar] (...) *É muito gratificante (...)*
trabalhar em equipa (...)
10. (...) *sentimos que o nosso trabalho (...) está a ser complementado (...)*
11. (...) *conseguimos atingir mais facilmente os nossos objetivos numa equipa porque conseguimos colmatar todas as áreas, por assim dizer (...)*
12. [Importância do nível de desenvolvimento da linguagem oral] (...) *a comunicação é extremamente importante no desenvolvimento (...)*
13. (...) *comunicação é assim a base para um bom desenvolvimento (...)*
14. (...) *Começa-se com a comunicação muitas vezes emocional, pelo tato, pelo olhar, mas depois a linguagem acaba por ser a forma de comunicação que é mais utilizada (...)*
15. (...) *E que nos ajuda também na intervenção (...)*
16. [Principais causas das perturbações da linguagem oral] (...) *a institucionalização é uma delas (...)*
17. (...) *depois há causas biológicas (...) têm a ver com o corpo e com o desenvolvimento de alguma patologia (...)*
18. (...) *a falta de estimulação (...)*

19. (...) *a negligência (...)*
20. (...) *principalmente o não oferecer, o não estimular é uma das grandes causas para os atrasos da linguagem (...)*
21. [Associação das perturbações da linguagem oral a doenças] (...) *a paralisia cerebral (...)*
22. (...) *há síndromes que só por si já fazem atrasos de linguagem, seja por causas motoras ou causas cognitivas (...)*
23. [Nível de desempenho da linguagem oral como facilitador do bem-estar e felicidade] (...) *é uma fonte de autoestima (...)* *conseguem-se expressar bem e serem entendidos e compreendidos facilmente (...)*
24. [Fatores favoráveis para a aquisição de um bom desempenho na área da linguagem oral e abordagem à escrita] (...) *é importante estarem inseridos num ambiente (...)* *estimulante (...)*
25. (...) *num ambiente familiar saudável (...)*
26. (...) *um ambiente de jardim de infância também saudável (...)*
27. (...) *principalmente o ambiente familiar e depois o escolar, se ambos promovem um bom desenvolvimento da linguagem, já é uma mais-valia para a criança (...)*
28. [Estratégias para a otimização das competências linguísticas] (...) *normalmente diretamente (...)* *não trabalho a linguagem (...)*
29. (...) *de forma indireta, através da equipa, porque me dão orientações nesse sentido é que pode acontecer (...)*
30. (...) *é essencialmente um ambiente favorecedor da linguagem e que estimule a linguagem (...)*
31. (...) *quanto mais cedo melhor, mais se promove um adequado desenvolvimento (...)*
32. [Sinalização das crianças para as diversas terapias] (...) *pode ser feito por encaminhamento médico (...)*
33. (...) *às vezes já vêm com essa indicação antes de chegarem à instituição (...)*
34. (...) *pode ser através das educadoras de infância (...)*
35. (...) *pode ser através das psicólogas (...)*

- 36.** (...) *pode ser através da avaliação que nós fazemos quando as crianças cá chegam (...)*
- 37.** [Local onde acontece a intervenção terapêutica] (...) *em sala de educadora [de infância]*
(...)
- 38.** (...) *temos salas e ginásios e temos piscina (...)*
- 39.** [Articulação entre os profissionais da equipa] (...) *Através de reuniões de equipa, onde estão educadoras, terapeutas e psicólogos presentes (...)*
- 40.** (...) *sempre que é necessário, as pessoas também conversam entre si sobre alguma criança em específico (...)*
- 41.** [Importância da equipa multidisciplinar para o sucesso das crianças] (...) *quanto mais variável for a intervenção, mais se promove à criança (...)*

Apêndice 31. Grelha de Categorização da Informação - Entrevista à Fisioterapeuta

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES
7. CARACTERIZAÇÃO COMO PROFISSIONAL	1.1. Tempo de serviço	<ul style="list-style-type: none"> (...) <i>trabalho em pediatria há doze anos (...)</i> (2)
	7.2. Formação inicial	<ul style="list-style-type: none"> (...) <i>sou licenciada em fisioterapia (...)</i> (1)
	7.3. Formação contínua	<ul style="list-style-type: none"> (...) <i>as formações complementares que tenho são na área da fisioterapia em pediatria, na área da hidroterapia essencialmente, tudo muito centrado na pediatria (...)</i> (3)
	7.4. Percurso profissional	<ul style="list-style-type: none"> (...) <i>grande parte do meu trabalho é em contexto institucional (...)</i> (4) (...) <i>mas também tenho prática clínica privada (...)</i> (5)
	7.5. Aspetos mais marcantes desse percurso	<ul style="list-style-type: none"> (...) <i>é a experiência profissional com crianças (...)</i> (6) (...) <i>principalmente crianças com necessidades especiais (...)</i> (7)
	7.6. Nível etário das crianças com que intervém	<ul style="list-style-type: none"> (...) <i>Dos zero aos sete/oito anos mais ou menos (...)</i> (8)
8. VALORIZAÇÃO ATRIBUÍDA AO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL	2.7. Importância atribuída ao desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> (...) <i>a comunicação é extremamente importante no desenvolvimento (...)</i> (12) (...) <i>comunicação é assim a base para um bom desenvolvimento (...)</i> (13) (...) <i>Começa-se com a comunicação muitas vezes emocional, pelo tato, pelo olhar, mas depois a linguagem acaba por ser a forma de comunicação que é mais utilizada (...)</i> (14) (...) <i>E que nos ajuda também na intervenção (...)</i> (15)
	2.14. Valorização atribuída à estimulação da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> (...) <i>é importante estarem inseridos num ambiente (...)</i> estimulante (...) (24) (...) <i>num ambiente familiar saudável (...)</i> (25) (...) <i>um ambiente de jardim de infância também saudável (...)</i> (26) (...) <i>principalmente o ambiente familiar e depois o escolar, se ambos promovem um bom desenvolvimento da linguagem, já é uma mais-valia para a criança (...)</i> (27)

	2.15. Importância da estimulação da linguagem oral no seu tempo devido	
	2.9. Causas das perturbações no desenvolvimento da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) a institucionalização é uma delas (...) (16) • (...) depois há causas biológicas (...) têm a ver com o corpo e com o desenvolvimento de alguma patologia (...) (17) • (...) a falta de estimulação (...) (18) • (...) a negligência (...) (19) • (...) principalmente o não oferecer, o não estimular é uma das grandes causas para os atrasos da linguagem (...) (20) • (...) a paralisia cerebral (...) (21) • (...) há síndromes que só por si já fazem atrasos de linguagem, seja por causas motoras ou causas cognitivas (...) (22)
	2.23. Importância da deteção precoce de perturbações ao nível da linguagem oral	<ul style="list-style-type: none"> • (...) quanto mais cedo melhor, mais se promove um adequado desenvolvimento (...) (31)
	2.24. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e o bem-estar da criança	<ul style="list-style-type: none"> • (...) é uma fonte de autoestima (...) conseguem-se expressar bem e serem entendidos e compreendidos facilmente (...) (23)
	2.25. Correlação entre o desenvolvimento da linguagem oral e a aquisição de competências noutras áreas do conhecimento	
15. ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS PARA A PROMOÇÃO DA LINGUAGEM ORAL/ESCRITA	3.7. Princípios para a aquisição de um bom desempenho na linguagem oral/escrita	
	3.8. Utilização de pedagogia diferenciada	
	3.9. Estratégias para a otimização das	<ul style="list-style-type: none"> • (...) normalmente diretamente (...) não trabalho a linguagem (...) (28)

	competências linguísticas	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>de forma indireta, através da equipa, porque me dão orientações nesse sentido é que pode acontecer (...) (29)</i> • (...) <i>é essencialmente um ambiente favorecedor da linguagem e que estimule a linguagem (...) (30)</i>
	3.10. Equipa multidisciplinar como veículo facilitador da promoção da linguagem oral/escrita	
16. ORGANIZAÇÃO DA EQUIPA MULTIDISCIPLINAR	4.26. Modo de funcionamento da equipa multidisciplinar	
	4.27. Sinalização das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>pode ser feito por encaminhamento médico (...) (32)</i> • (...) <i>às vezes já vêm com essa indicação antes de chegarem à instituição (...) (33)</i> • (...) <i>pode ser através das educadoras de infância (...) (34)</i> • (...) <i>pode ser através das psicólogas (...) (35)</i> • (...) <i>pode ser através da avaliação que nós fazemos quando as crianças cá chegam (...) (36)</i>
	4.28. Local (ais) onde acontece a intervenção terapêutica	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>em sala de educadora [de infância] (...) (37)</i> • (...) <i>temos salas e ginásios e temos piscina (...) (38)</i>
	4.29. Formas de intervenção terapêutica	
	4.24. Periodicidade e duração da intervenção terapêutica	
	4.25. Articulação entre os técnicos	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>Através de reuniões de equipa, onde estão educadoras, terapeutas e psicólogos presentes (...) (39)</i> • (...) <i>sempre que é necessário, as pessoas também conversam entre si sobre alguma criança em específico (...) (40)</i>
	4.26. Vantagens para o sucesso educativo das crianças	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>quanto mais variável for a intervenção, mais se promove à criança (...) (41)</i>

	<p>4.27. Sentimento enquanto membro da equipa multidisciplinar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (...) <i>É muito gratificante (...) trabalhar em equipa (...)</i> (9) • (...) <i>sentimos que o nosso trabalho (...) está a ser complementado (...)</i> (10) • (...) <i>conseguimos atingir mais facilmente os nossos objetivos numa equipa porque conseguimos colmatar todas as áreas, por assim dizer (...)</i> (11)
--	--	---